



volume 3

eu quero tudo!

gossip girl

Cecily von Ziegesar

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

O Natal em Nova York é realmente mágico, em especial no uptown. O ar cheira a neve caindo, a lenha queimando e a bolos assando. De nossas coberturas, o Central Park parece um reino encantado de prata, a Park Avenue é um desfile de luzes de Natal e o tamanho da árvore do Rockefeller Center parece prometer que este será o Natal mais maravilhoso de todos - embora a maioria de nós vá estar bebendo champanha demais para perceber. Ao longo da Quinta Avenida, todas as vitrines das lojas de departamentos estão decoradas para as festas e todas as meninas que saem para fazer compras usam lindos casacos de cashmere azul-celeste Marc Jacobs que compraram em outubro e mal viam a hora de usar. E à noite todos saem para curtir, curtir, curtir. Nada de estudar para os exames de meio de ano; nada daquelas tentativas de última hora de entrar para a faculdade; nada de ajudar a mamãe a comprar presentes para as empregadas, as cozinheiras, os motoristas e as moças da lavanderia. Peguem seu vestido drapeado de cetim preto Prada, os sapatos de salto agulha de puro acrílico Christian Louboutin, a bolsa Hermes Birkin laranja, o cara mais lindinho que conhecerem e venham comigo!

Flagra

D e V com os lábios grudados no píer da 79. É meio trágico o tempo que eles levaram para perceber que se gostavam. *N* comprando rosas vermelhas para *J* - e não pense que ele tem um coração mole naquele lindo corpinho chapadão. *B e S* indo à Bendel's para pegar os vestidos para a noite do baile Black-and-White. Soube que *Flow* - ex-modelo e agora lindo vocalista e guitarrista, cuja banda, a 45, acaba de ganhar o MTV Music Award de melhor disco por seu álbum de estréia, *Komunik8* - vai fazer a honra de anunciar quanto dinheiro arrecadou. O baile é em benefício de *Be Kind*, um grupo que milita pelos direitos dos animais, do qual *Flow* é porta-voz. Mas quem liga para isso? Todos sabemos que só vamos lá para dar uma olhada na carinha perfeita dele. Vejo vocês lá!

SERÁ QUE ELAS REALMENTE SÃO AMIGAS AGORA?

É isso mesmo: Se *B* decidiram reatar a amizade, e já não era sem tempo. Quer dizer, quanto tempo você pode ficar furiosa com alguém com quem tomou banho na escola primária?

B pode não ser tão loura nem tão magra nem tão "vivida" quanto *S*, mas isso não quer dizer que tenha de odiá-la. E *S* nunca será tão desonesta nem tão ensimesmada quanto *B*, mas isso não quer dizer que tenha de ter medo dela. Então as duas decidiram deixar as

diferenças de lado e serem agradáveis uma com a outra, pelo menos por enquanto. A questão é, agora que elas voltaram, que tipo de besteira maluca elas vão aprontar? Podem acreditar, serei a primeira a descobrir e vocês saberão logo depois. Eu não sou exatamente boa em guardar segredos.

Pra você que me ama,
gossip girl

as gatas do baile

- Se ela fosse, tipo assim, uns quinze centímetros mais alta, ele podia apoiar o queixo no colo dela - observou Blair Waldorf enquanto via o ex-namorado, Nate Archibald, dançando com Jenny Humphrey, a aluna da oitava série baixinha e peitadona que foi o motivo de Nate inexplicavelmente dar o fora em Blair algumas semanas antes. - Mas aí ele ia ter dificuldade para respirar.

Felizmente, Blair tinha dispensado o jantar naquela noite; senão, teria ido direto para o banheiro das mulheres para vomitar de nojo.

Serena van der Woodsen, a mais antiga e mais recente amiga de Blair, respondeu sacudindo os cabelos claros.

- Não entendi - disse ela. - Não tenho nada contra a Jenny, mas sempre achei que você e Nate eram, tipo assim, o casal perfeito. Vocês estavam totalmente destinados a passar o resto da vida juntos.

Era estranho ouvir Serena dizer isso. Afinal, ela e Nate tinham perdido a virgindade juntos, sem o conhecimento de Blair, quando terminaram a oitava série. Se duas pessoas estavam destinadas uma à outra, só podiam ser eles. Mas, como acontece em qualquer relacionamento em que Serena tenha se envolvido, sua farrinha com Nate tinha sido só uma ficada rápida. Blair e Nate eram coisa séria. E eles sempre foram uma presença tão confiável- como o porteiro no saguão do prédio de Serena na Quinta Avenida - que era impossível imaginar como seria o futuro sem eles como casal. Por causa deles, Serena sentiu como seria fazer parte de um relacionamento

sério, e era meio assustador ver como as coisas tinham ficado ruins.

Blair bebeu sofregamente de sua taça de champanha Cristal. As duas meninas estavam sentadas sozinhas a uma mesa redonda e grande, coberta com uma toalha de musselina branca e tafetá preto, no opulento salão de baile do St. Claire Hotel, onde o baile anual Black-and-White estava bom bando. Meninas de tomara-que-caia longos e pretos de Versace e Dolce & Gabbana, com plumas brancas nos cabelos, dançavam com meninos em cintilantes smokings preto-e-brancos Tom Ford para a Gucci, e uma bola gigante feita de rosas pretas e brancas pendia do teto. Blair teve um forte déjà vu.

A mãe dela tinha se casado um mês antes com um mané, suarento e gordo chamado Cyrus Rose e a recepção do casamento aconteceu nesse mesmo salão. O casamento também ocorreu no dia do aniversário de 17 anos de Blair, o dia em que ela planejava ir até o fim com Nate. Ela passou horas se arrumando e ensaiou repetidamente na cabeça cada momento do que seria. Mas depois ela esbarrou em Nate se agarrando com aquela garotinha no saguão do hotel e percebeu que, no fim, não importava o quanto estivesse gostosa em seu vestido de dama de honra Chloé marrom, ou como seu cabelo estava

teatral, ou a altura dos saltos de seu stiletto Manolo Blahnik, Nate estava ocupado demais apalpando os peitos de balão daquela cabeça felpuda de 14 anos para perceber alguma coisa.

Foi o pior aniversário que Blair já teve. Mas ela não ia ficar martelando isso. Ela não era desse tipo.

Ah, é, então tá.

- Não acredito mais no destino - disse ela a Serena, baixando a flûte de cristal com um baque na mesa e quase quebrando a haste. Blair passou os dedos nos longos cabelos castanho-escuros que tinham sido aparados naquele dia por Antoine, seu novo cabeleireiro favorito do Elizabeth Arden Red Door Salon.

Serena riu e revirou os olhos azuis.

- Então, como é que você sempre disse que seu destino era Yale?

- Isso é diferente - insistiu Blair.

O pai de Blair tinha ido para Yale e Blair sempre sonhou em ir para lá também. Ela era a primeira da turma na Constance Billard e tinha atividades extracurriculares saindo pela tampa, então tentar a admissão cedo parecia uma opção óbvia. Mas, durante a entrevista, ela desmoronou e virou Blair a Rainha do Drama no Cinema. Contou ao entrevistador uma história comovente de como a mãe tinha se divorciado de seu pai gay e estava prestes a se casar com um homem que ela mal conhecia, e como estava louca para entrar na faculdade e começar uma vida totalmente nova. E depois ela beijou o entrevistador - na verdade, ficou na ponta dos pés e o beijou na bochecha encovada e eriçada de pêlos!

Blair sempre se imaginou a heroína de algum filme preto-e-branco da década de 1950, no estilo Audrey Hepburn, seu ídolo. Aquela vez tinha sido sua ruína. Agora ela era obrigada a se candidatar à admissão regular de Yale com todos os outros, e chegou a falar com o pai para doar um programa de estudos a Yalena França como uma forma de dar uma forcinha para ela. Mas suas chances de conseguir entrar lá ainda eram, no máximo, magrinhas.

Blair pegou a garrafa de Cristal no balde de prata no meio da mesa e encheu a taça.

- Destino é para manés - disse ela. - É só uma desculpa idiota para deixar as coisas acontecerem em vez de fazer com que elas aconteçam.

Se ao menos ela soubesse exatamente como fazer com que as coisas que ela queria acontecessem mesmo, sem ferrar completamente com elas.

A atenção de Serena era mais curta do que a de um cachorrinho recém-nascido e ela já havia bebido demais para ter uma conversa séria.

- Não vamos mais falardo futuro, tá bem? - Ela acendeu um cigarro e soprou a fumaça no ar acima da cabeça de Blair. Sabe o que é, aquele cara louro que está conversando com o Aaron está te encarando total há uns dez minutos. - Ela cobriu a boca com os dedos longos e esbeltos e riu. - Epa. Lá vêm eles.

Blair se virou e deu com seu meio-irmão vegetariano de trancinhas, Aaron Rose, e um cara muito alto com cabelo louro espigado e olhos castanho-claros, vestindo um smoking Armani maravilhosamente bem-feito, andando para a mesa delas. O garoto batia os dedos nervosamente nas pernas supercompridas e olhava para os sapatos Christian Dior pretos e brilhantes como se estivesse preocupado em tropeçar neles ou coisa parecida. Atrás dos dois garotos, a pista de dança inchava de belas meninas lindamente vestidas e rapazes adoravelmente elegantes, os braços de um no pescoço de

outro, balançando com uma música de Beck.

- Diga alguma coisa legal para a Blair - disse Serena a Aaron. - Ela está se estressando com o futuro.

Blair revirou os olhos.

- E quem não está?

Os lábios finos e vermelhos de Aaron se curvaram para baixo numa careta de quem pede desculpas. Ele, Blair e Serena tinham vindo ao baile juntos e, desde que chegaram, Aaron deixou as duas meninas bebendo e fumando cigarros enquanto ele ia encontrar os amigos. Mas Blair andava meio ansiosa e sentimental ultimamente com o casamento dos pais, a entrevista repulsiva em Yale e tudo o mais. Ela precisava de todo o apoio moral que pudesse conseguir.

- Desculpe. Não tenho sido um bom acompanhante. Quer dançar ou coisa assim?

Blair o ignorou. Ela estava com cara de quem queria dançar? Ela olhou para o amigo alto e louro de Aaron.

- Quem é você?

O louro deu uma risadinha. Os dentes dele eram ainda mais brancos do que a camisa.

- Sou o Miles. Miles Ingram.

Filho de Danny Ingram, o famoso proprietário de restaurantes e clubs, dono de lugares da moda, como o Gorgon em Nova York e o Trixie em Los Angeles, para citar apenas alguns.

- Ele é meu colega de turma na Bronxdale - acrescentou Aaron. - Estamos montando uma banda. Miles toca bateria.

Blair bebericou o champanha, esperando que eles dissessem alguma coisa que não fosse completamente entediante.

Miles deu uma risadinha para Blair e tamborilou os dedos nas costas de uma cadeira vazia.

- Você é muito mais bonita do que eu pensava - disse ele.

Ele era bonitinho, mas aquele negócio dos dedos batucantes podia ser seriamente irritante.

Blair não retribuiu o sorriso. Pegou a bebida. Aaron provavelmente disse a Miles que ela era uma bruxa total, e ele esperava que ela tivesse verrugas no nariz e uma vassoura na bunda.

Não exatamente. Aaron não gostava de falar de sua nova meia-irmã porque queria guardá-la para si mesmo. Mas não puxe a rede ainda - vamos chegar lá depois.

Aaron empurrou as trancinhas para trás das orelhas.

- E essa é Serena - disse ele a Miles. Miles deu só uma olhadinha rápida no rosto perfeitamente cinzelado, nos profundos olhos azuis, no corpo longo e magro e no fantástico vestido preto Gucci de Serena. Os olhos dele caíram nela por um momento - era difícil não cair-, antes de se virarem para Aaron.

- Que esquisito. Você não me disse que Blair era tão bonita.

Aaron deu de ombros e pareceu pouco à vontade.

- Desculpe.

Blair e Serena acenderam novos cigarros, ainda esperando que alguma coisa louca acontecesse. Considerando a observação que Blair acabara de fazer sobre o destino, cabia a elas fazer acontecer.

Aaron pigarreou.

- Tem certeza de que não quer dançar? - perguntou ele a Blair novamente.

Blair percebeu que ele não estava usando gravata-borboleta e que a camisa do smoking estava desdobrada e desabotoada no colarinho. Aparentemente, ele estava declarando alguma coisa. Ela deu um longo trago no cigarro e soprou a fumaça na cara dele.

- Não, obrigada.

A música de Beck terminou e as pessoas voltaram aos bandos para as mesas para se embebedar mais.

- Meus pés estão morrendo! - gemeu Kati Farkas, atirando-se em uma cadeira na frente de Blair e tirando os sapatos.

- Os meus já estão mortos-ecoou Isabel Coates, afundando na cadeira ao lado da dela. Nos últimos dois anos, enquanto Serena estava na Hanover Academy, em New Hampshire, Isabel e Kati tinham colado em Blair. Elas compravam maquiagem na Sephora juntas, bebiam cappuccino no Le Canardjuntas e, sim, elas até iam ao banheirojuntas. Blair dominava o cenário social. Então, quando as duas estavam com ela, elas se sentiam quase famosas, aproveitando o tapete vermelho em toda parte. Mas, pouco antes do Dia do Descobrimento da América, Serena foi expulsa do internato e reapareceu na cidade para roubar Blair das duas, e Kati e Isabel voltaram a ser as velhas e reles Kati e Isabel de sempre.

- Como é que vocês não estão dançando? - perguntou Kati.

Blair deu de ombros.

- Não estou com humor pra isso.

Isabel suspirou.

- Só vamos ter de fazer as provas na semana que vem disse ela, confundindo com cansaço o toque de tédio na voz de Blair. -E depois, vamos ter uma folga por causa do Natal.

- Vocês têm tanta sorte de ir a um lugar que é demais acrescentou Kati. - Eu vou ter de fazer aquele esqui idiota na porcaria de Aspen, de novo.

- Bem, não é tão ruim quanto minha casa de campo chatérrima em Connecticut -replicou Isabel.

- Vai ser sensacional - soltou Serena com um sorriso animado.

Blair e Serena iam passar o Natal juntas em St. Barts. A mãe de Blair e o pai de Aaron estavam em lua-de-mel num cruzeiro pelo Caribe, e arranjaram para que Blair, Aaron e o irmãozinho de Blair, Tyler, passassem as festas no exclusivo resort Isle de La Paix, em St. Barts. Cada um deles podia levar um amigo, se quisesse. Assim, depois de se reconciliarem no banheiro durante a recepção de casamento da mãe, Blair convidou Serena.

É claro que estariam de volta à cidade para o Ano-novo. Nenhuma garota de respeito com mais de 12 anos que goste de uma balada passa o Ano-novo com os pais.

- Vai ser uma loucura - concordou Blair com um sorriso presunçoso. Ela podia se imaginar perfeitamente, escorregadia de bronzeador, com o novo biquíni Missoni em uma praia rústica de areias brancas, o rosto mascarado por enormes óculos de sol Chanel, enquanto uns gatos de calção de surfe traziam drinques exóticos em cascas de coco. Ela ia se esquecer de Yale, de Nate, da mãe e de Cyrus e assar até ficar marrom como café com leite sob o sol quente da ilha. É claro que ela sabia que Kati e Isabel estavam numa inveja total porque ela não havia convidado nenhuma das duas para ir a St. Barts com ela,

mas, para ser sincera, Blair não dava a mínima. Só mais um semana.

Chuck Bass apareceu por trás de Blair e colocou suas mãos quentes e grandes nos ombros nus dela, tonificados pela prática de tênis.

- Acabo de ver o Nate e aquela garotinha da Constance dando uns amassos no canto - anunciou ele, como se todos quisessem saber.

Chuck era bonito de um jeito meio obscuro, de comerial de loção pós-barba. Também era o cara mais galinha de toda Nova York. Ele tentou molestar Serena quando ela desabou de bêbada no quarto de hotel da família dele no Tribeca Star em outubro e quase conseguiu que a pequena Jenny Humphrey tirasse o vestido para ele no banheiro das mulheres na festa Beijo na Boca na mesma semana. Chuck era o pior tipo de galinha, mas todos ainda o toleravam porque ele era um deles: freqüentava uma pequena escola privativa de meninos; no primário, ele foi para a escola de dança na Arthur Murray e tomou aulas de tênis na Asphalt Green, e cantou na igreja do hotel em frente à praia no sul da França. Era convidado para as melhores festas e para as vendas privativas mais exclusivas, como todos os outros do grupo. Mesmo quando era rejeitado, Chuck ainda voltava. Ele era impiedosamente inespantável.

Blair tentou afastar as mãos dele.

- E daí?

Chuck continuou com as mãos onde estavam.

- Nate nunca conseguiu fazer você ceder, né? - Ele começou a massagear os ombros dela.

- Estava pensando que talvez a honra deva ser minha.

Todo o corpo de Blair enrijeceu. Até aquele momento, ela nunca teve muitos problemas com Chuck, mas agora entendia por que Serena o odiava tanto. Ela empurrou a cadeira para trás, expulsando violentamente as mãos dele de seus ombros e se levantou.

- Tenho de ir ao banheiro-anunciou ela à mesa, ignorando Chuck completamente. -

Depois, vamos dar o fora daqui. Podemos continuar a festa na minha casa ou coisa parecida.

Aaron se levantou e deu um passo na direção dela, enfiando as trancinhas atrás da orelha, meio constrangido.

- Você está bem? - perguntou ele, parecendo preocupado.

Nesse momento, todo aquele ato do Sr. Sensível irritou Blair quase tanto quanto a galinagem de Chuck.

- Estou ótima.

Ela se virou e marchou pela sala da melhor maneira que pôde no salto agulha de acrílico Christian Louboutin e no vestido Gucci preto superapertado, olhando diretamente para a frente a fim de evitar ver Nate com aquela garotinha Ginny, ou sei lá que diabos é o nome dela.

As pessoas estavam se reunindo na pista, num murmúrio excitado. Parecia que Flow - o vocalista mais gostoso do mundo da música - estava prestes a aparecer. Mas Blair não se importou. Ela não ficava babando para gente famosa, como a maioria das garotas. Não precisava disso: ela era a estrela constante do filme que rodava em sua cabeça, a pessoa mais famosa que conhecia.

o gato do rock vira a cabeça de todas

Jenny estava numa espécie de transe abençoado a noite toda. Antes de acompanhá-la ao baile Black-and-White, Nate vestira um smoking Donna Karan novo, pegara Jenny de táxi, levava-a para comer sushi e beber muito saquê no Bond e dera-lhe um pequeno pingente turquesa Jade Jagger em forma de estrela. Os olhos verdes dele faiscavam à luz das velas e seus cabelos dourados estavam tão perfeitamente desgrenhados que Jenny ficou tirando polaróides mentais dele para que pudesse pintar um retrato novinho de manhã e aumentar sua coleção.

O melhor de tudo foi que, depois que eles chegaram ao baile, Nate não a arrastou para falar com pessoas que ela não conhecia. Até os amigos turbulentos de Nate, Jeremy Scott Tompkinson, Anthony Avuldsen e Charlie Dem, deixaram os dois em paz. Nessa noite Nate era só dela, feliz por abraçá-la enquanto se beijavam silenciosamente no canto.

- Conhece a tela *O beijo*, de Gustave Klimt? - disse

Jenny entusiasmada, enquanto olhava para o rosto adorável de Nate.

Nate fez uma careta.

- Na verdade não.

- Conhece. É famosa pra caramba. De qualquer forma, é o que isto me lembra.

Ele deu de ombros e olhou para o palco.

- Acho que o cara do 45 vai aparecer daqui a pouco e falar alguma coisa.

Jenny encostou na parede. Antes de Nate, ela teria molhado a calcinha de excitação por ver uma celebridade como Flow, mas agora só o que queria era continuar beijando Nate.

- E daí? - Ela deu uma risadinha e bateu de leve na boca com as costas da mão, com o cuidado de não borrar o brilho MAC cor-de-rosa. - Isso foi demais - acrescentou ela baixinho.

- O quê? - perguntou Nate, olhando distraído para o salão.

- Nunca beijei por tanto tempo assim - admitiu Jenny.

Nate se virou para ela e sorriu. Tinha fumado um baseado no caminho para pegá-la e ainda estava meio chapado. Ele gostava do vestido que Jenny estava usando. Era longo e preto, de decote baixo na frente e nas costas, com um franzido branco dramático que se agitava nos tornozelos minúsculos.

Jenny tinha comprado o vestido na Century 21, uma ponta de estoque de roupas de grife freqüentada por caçadores de pechinchas e por uma gente desesperadamente sem noção que comprava qualquer coisa que tivesse etiqueta, mesmo que fosse obviamente imperfeita ou fosse só uma idéia ruim do estilista que não venderia em lugar nenhum, exceto na Century 21.

Ela devia exatamente quatro mesadas ao pai pelo vestido, mas Nate não sabia disso. Ele achava que ela parecia um anjinho em preto-e-branco. Um anjo com o melhor par de peitões que ele já vira. Ele passou as mãos pelos braços claros e macios como de bebê de Jenny. Ela também era delicada e quente, como pãozinhos frescos de um restaurante cinco-estrelas.

O DJ começou a tocar o sucesso do 45, *Korrupt Me*, e depois Flow apareceu arrogante na pista vindo do nada, usando um paletó de smoking sobre uma camiseta vermelha com **BE KIND** em grandes caracteres brancos e rindo como quem sabe que é um dos caras mais gostosos do mundo. Flow era filho de uma modelo dinamarquesa de lingerie e de um magnata jamaicano do café, e parecia uma versão bronzeada e de olhos azuis de Jim Morrison, da clássica banda da década de 1960, *The Doors*. Ele subiu por trás de um pódio de vidro, a música parou e todos uivaram e aplaudiram. Jenny passou a mãozinha

pelo dedão de Nate e deu um apertão enquanto eles saíam do canto para ver.

- Eu só queria saudar todos vocês por se produzirem e virem aqui esta noite para levantar dinheiro para ... - Flow abriu o paletó de smoking para apontar a camiseta e alguns dos convidados entusiasmados e atrevidos do baile, uma gente que não tinha vergonha de pagar mico, gritaram: "Be Kind!"

No mesmo instante, Blair abriu a porta do banheiro das mulheres para encontrar Nate e Jenny de mãos dadas bem no caminho dela. Jenny usava um vestido berrante de grife dúbia estilo vovozinha que era grande demais embaixo e pequeno demais em cima. Ela e Nate pareciam uns suburbanos bregas em sua noite de baile.

Blair ajustou as alças do vestido e estalou os lábios laqueados de vermelho-rubi. Quanto mais cedo saísse dali, melhor. Mas ela não podia escapular como uma pobre ex-namorada rejeitada. Tinha de mostrar mais orgulho de merda do que isso.

Bem, muito mais.

- Gostaria de agradecer ao comitê organizador do baile, chefiado por Blair Waldorf e Serena van der Woodsen - continuou Flow, lendo um cartãozinho que estava em sua mão.

- Ei, por que as duas garotas não vêm aqui e me ajudam a anunciar quanto dinheiro arrecadamos?

Todos esticaram o pescoço para procurar por Serena e Blair.

Em seu jeito tipicamente exuberante, Serena soltou um uivo alto e deslizou sem esforço pela pista de dança, subindo ao pódio com os cabelos claros esvoaçantes. Flow deu um passo para trás, emudecido com a beleza dela, e Serena se inclinou para o microfone.

- Venha, Blair - gritou ela, procurando pelo salão abarrotado. - Suba aqui!

Blair podia sentir que as pessoas a encaravam. Ela tentou dar um sorriso e deixou seu posto na porta do banheiro, andando diante do nariz de Nate e Jenny enquanto abria caminho para a frente do salão.

A boca de Nate se abriu quando Blair zuniu por ele. Ela parecia mais alta do que ele se lembrava e sua bunda estava mais definida. Os longos cabelos brilhavam e a pele tinha um tom perolado que lhe dava vontade de tocá-la. Ela estava gostosa.

Não, ela estava mais do que gostosa. De repente ele ficou confuso. Queria pegar o braço de Blair e dizer: "Volte aqui. Eu cometi um erro." Mas então Jenny apertou a mão dele, e ele olhou para os olhos castanhos e comoventes e o decote profundo, e imediatamente se esqueceu de Blair de novo.

Nate era como o labrador mais pateta. Se você balançasse uma vareta na frente dele, ele só pensava em pegá-la, mas, se atirasse uma bola de tênis, ele se esquecia da vareta e corria atrás da bola.

Blair se juntou a eles no pódio e Flow deu a Serena uma folha de papel, sorrindo de orelha a orelha porque as duas organizadoras do baile, por acaso, eram tão lindas.

- Tudo bem - disse Serena, lendo o papel. - Então, levantamos oitocentos mil e quatrocentos dólares. Tudo em benefício do Be Kind, o novo fundo de resgate internacional de animais. - Ela exibiu o famoso sorriso que tinha sido capturado por tantos fotógrafos para as páginas sociais e de foforas e cutucou o braço de Blair. Blair tinha organizado centenas dessas coisas. Ela conhecia o protocolo.

Ela se inclinou para o microfone ..

- Obrigada por virem! - gritou ela, dando o melhor sorriso de benfeitora. - E não se esqueçam de sua bolsa de brindes Coach ... é a melhor parte da festa!

A música recomeçou, mais alta do que antes, e todos voltaram a beber e a dançar. Flow inclinou a cabeça para Serena e sussurrou-lhe alguma coisa no ouvido. O hálito dele era quente e pinicou na orelha dela. Ele tinha cheiro de couro novo.

Serena riu.

-Peraí um minutinho, tá?

Flow assentiu enquanto Serena pegava o braço de Blair e se afastava do pátio, arrastando a amiga de volta à mesa das duas.

- Ele quer que eu me encontre com ele lá fora, pra gente dar uma volta na limo dele.

Rápido, pegue seu casaco. Você também vai.

Blair fez uma careta. Ela realmente não era do tipo de segurar vela, muito obrigada.

- Acho que não.

Serena fingiu que não ouviu. Não ia deixar que Blair melasse toda a sua festa.

Kati, Isabel, Chuck, Aaron e Miles ainda estavam sentados à mesa, bebendo a Stoli que Chuck tinha trazido em um frasco de prata monogramado.

- Vamos lá - disse Serena a eles em júbilo. - Todo mundo pra fora! Vamos fazer a festa na limo do Flow!

Blair pegou o tíquete do casaco em sua bolsa baguette Fendi de pele de mink e armadílio não exatamente livres de crueldade.

Às vezes o entusiasmo de Serena beirava o irritante. Mas Blair não podia dizer que não gostou do baile.

Ela gostou da idéia de estar toda produzida andando de carro pela cidade, vendo o mundo através do vidro fumê da limusine. Era tão *Audrey em Bonequinha de luxo*.

E talvez uma volta na limo de Flow fosse exatamente o que faria sua vida se transformar, como mágica, de uma série de desastres para uma série de sonhos que se tornam realidade.

Nate estava ficando meio cheio de tanto beijar Jenny. Ele não tinha bebido muito e precisava mesmo dar mais uns tapas.

- Quer andar um pouco? - perguntou ele.

Jennysorriu para ele. Parecia que os cílios de Nate tinham sido banhados em ouro, assim como o cabelo. A única coisa que deixaria essa noite ainda mais perfeita seria Nate dizer a ela: "Eu te amo". E ela esperava que fosse exatamente isso que ele ia fazer.

- Claro - respondeu ela ansiosa.

Eles pegaram os casacos e Nate manteve a porta aberta para ela quando saíram do alvoroço do hotel.

Uma enorme limusine preta com janelas escuras estava estacionada do lado de fora. Nate e Jenny desceram os degraus de mármore até a calçada e Nate soltou a mão dela para acender discretamente um baseado. Jenny remexeu suas luvas pretas de camurça, decepcionada. Se Nate ia dizer "Eu te amo", ela não queria que ele estivesse chapado quando fizesse isso.

De repente o vidro preto da limo desceu e apareceram os belos cabelos louros de Serena.

- Ei, vocês aí! - disse ela a Nate e Jenny. - Venham! Estamos dando uma festa! Entrem! Entrem!

Como sempre, Serena estava agindo por impulso. Sequer passou pela cabeça dela que eles eram os últimos merdinhas no mundo que Blair queria ver.

Jenny sempre venerou muito Serena, e andar de carro com ela e com os outros que

estavam ali parecia excitante e decadente.

Mais excitante do que caminhar pelo frio congelante enquanto Nate ficava doidão. Ela tocou o braço de Nate.

- Podemos ir?

Nate deu de ombros. Estava pronto para qualquer coisa, desde que pudesse levar o baseado com ele.

- Claro. Por que não?

A porta se abriu e Jenny riu animada enquanto trepava sobre a massa de pernas com meias arrastão e joelhos com smokings e se espremia em um cantinho minúsculo perto da janela, ao lado de uma garota que usava os sapatos mais maravilhosos e aparentemente mais caros que ela já vira. Uma garota que, por acaso, era a ex-namorada de Nate, Blair Waldorf.

O rosto de Jenny ficou vermelho como tomate e ela imediatamente virou a cabeça para o outro lado, dando de cara com o olhar sacana de Chuck Bass, o babaca que tinha tentado dar um arrocho nela num reservado do banheiro da festa *Beijo na Boca* em outubro.

Tá vendo o que acontece quando você entra numa limo sem primeiro checar quem está lá dentro?

d pode se livrar do casamento

Daniel Humphrey mordeu a unha cor-de-rosa de Vanessa Abrams e a cuspiu no áspero tapete marrom de seu quarto. A unha era muito mais comprida do que as outras e ele estava cansado do modo como ela sempre o arranhava acidentalmente.

-Ei, essa era minha unhada guitarra - protestou Vanessa, afastando a mão dele com um puxão e examinando os danos.

Dan riu. Seu rosto pálido se contorceu debaixo dos cabelos castanhos embaraçados. Ele raramente cortava o cabelo, mas o cabelo grande demais combinava com a imagem desgredada e supercafeinada de poeta dele.

-Como se você tocasse guitarra.

Vanessa deu de ombros e esfregou o alto da cabeça escura e quase raspada com um nó dos dedos pálidos. Tinha olhos castanhos enormes, pele clara e lábios finos e vermelhos e até podia ser bonita, se parasse de raspar a cabeça. Mas Vanessa não ligava para a beleza; preferia o lado mais sombrio das coisas, suas entranhas feias.

-Como é que você sabe? - disse ela. - Durante o dia eu fico com você, mas à noite eu toco tock.

-Você nem gosta de música alta - zombou Dan. Ele a empurrou na cama e começou a fazer cócegas nas axilas dela. - Seu CD favorito é uma gravação de uma tempestada com trovões.

-Pare com isso! - guinchou Vanessa, debatendo braços e pernas e bufando histericamente.

- Daniel Randolph Humphrey, pare com isso agora!

Ai eles não eram uma gracinha?

Dan patou de fazer cócegas nela e se sentou.

-Você disse a palavra proibida.

Vanessa puxou para baixo a blusa preta de gola rulê sobre a barriga branca e ligeiramente gorducha.

-Randolph, Randolph, Randolph. Quem dá a uma criança um nome do meio desses?

Parece nome de camisinha ou de astro de filme pornô ou algo assim. Randolph o

Lubrificador! - uivou ela.

Dan ficou em completo silêncio de repente, franzindo a testa enquanto enfiava o dedo em uma queimadura de cigarro no velho cobertor verde do exército de sua cama.

Vanessa se sentou.

-Desculpe. Prometi que não ia sacanear seu nome do meio e agora estou aqui, rindo dele que nem um imbecil. Mas não era isso que estava aborrecendo Dan.

-Clark tem o quê, tipo assim, vinte e dois? - perguntou ele.

Os olhos castanhos de Vanessa ficaram ainda maiores. Clark era o bartender mais velho que ficou com ela antes de a ficha de Dan finalmente cair e ele entender que ele e Vanessa deviam ser mais do que amigos.

-É, e daí?

-É ele é bartender. Tipo garanhão?

-Acho que sim. - Ela ainda não entendia aonde ele queria chegar.

Dan disparou para fora da cama e acendeu o milionésimo Camel do dia. Inalou profundamente e soprou um vapor cinza-azulado no ar sobre a cabeça de Vanessa. Ela sabia que ele estava tentando aparentar tranquilidade, mas os olhos dele estavam nervosos.

-Daí que vocês...hmmm..transaram, ou o quê?

Vanessa tentou primeiro reprimir o sorriso. Então era isso. Ela pensou na resposta.

-Meio assim.

-Tipo assim, você meio que fazia ou meio que não fazia?

-Tipo fizemos, mas não tanto assim - respondeu Vanessa devagar.

Ela e Clark transaram duas vezes. A primeira vez foi em plena luz do dia. Ela ficou tão envergonhada do próprio corpo que nem prestou muita atenção em outras coisas. Na segunda vez ela se sentiu mais relaxada, mas ainda não pôde entender por que era tão bom assim. Para ela, era engraçado de tão pré-histórico. Tipo, era exatamente a mesma coisa que todas aquelas zebras e hienas faziam na época de acasalamento naqueles programas sobre a natureza. Ainda assim, era meio legal já ter feito. Fazia com que ela sentisse que tinha mais substância, como uma história eu-fui-lá-e-fiz. -Sei - Dan deu outro trago no cigarro. E depois outro. Ele acompanhou a costura do travessero manchado de café. Ele era virgem e Vanessa não. Ele não sabia como se sentir com relação a isso.

Na verdade, ele sabia. Ele se sentia nervoso, idiota, baixo, esquelético, pálido, estranho e completamente inadequado. Pra que Vanessa tinha de namorar e transar com outro cara?

-Olha, eu sei que você virgem - disse Vanessa bruscamente. -Mas isso não significa que tenha de continuar assim. - Ela ergueu sugestivamente as grossas sobrancelhas pretas e sorriu.

Dan olhou para ela e sorriu também, as bochechas adquirindo um adórcavel rosa intenso de constrangimento.

-É mesmo?

Vanessa assentiu e se aproximou um pouco dele.

É. - Ela colocou as mãos no peito esquelético dele e o empurrou na cama. Depois, tirou o cigarro da mão dele e o enfiou na caneca de café velho que estava pela metade na mesa-de-cabeceira. -Não se preocupe - disse ela com sua melhor voz rouca de mulher vivida. - Sei o que estou fazendo.

Ela o beijou delicadamente na boca e começou a tirar a roupa dos dois. Primeiro tirou a camiseta cinza dele, e depois tirou a preta que ela vestia. Estava usando um top preto por

baixo. Tudo que Vanessa usava era preto.

Dan respirou fundo e fechou os olhos. Não era como ele imaginava que aconteceria. Para ele, o sexo era tão importante quanto nascimento e morte, uma das experiências poéticas mais intensas que uma pessoa podia ter. Não era algo que você fizesse com a namorada quando estava entediado numa noite de sábado antes das provas do meio do período. Era uma coisa que fazia quando os dois já se exploraram de todas as outras formas - intelectual, espiritual e filosoficamente. Dan chegou a brincar com a idéia de esperar para transar quando estivesse casado pronto para ter filhos. Ele queria ter cinco filhos e lhes daria o nome de seus escritores preferidos: Kafka, Goethe, Sartre, Camus e Keats. Mesmo que não tivesse de esperar até casar, a primeira vez devia ser um processo de descoberta, como se os dois aprendessem a se falar em uma nova língua.

Mas Vanessa já havia aprendido a língua com outro cara.

- Você tem pés bem estreitos mesmo - observou ela, ajoelhando-se no chão enquanto Dan tirava as meias.

Dan se sentou e afastou os pés dela.

-Peraí.

Vanessa se arrastou para cama e se sentou ao lado dele, as pernas cruzadas, com aquela calcinha preta e o top preto.

-Qual é o problema?

-Não quero fazer isso - Dan cruzou os braços magros no peito nu. A calça de veludo cotelê ainda estava no corpo, mas ele se sentia muito pelado. - Quero dizer, não agora. Vanessa estendeu a mão e o afagou alegremente no braço.

-Eu fiquei nervosa na primeira vez também. Não é assim grande coisa - disse ela, tranquilizadora. Eu prometo.

Dan engoliu em seco e olhou para o teto. Ficou olhando fixamente uma rachadura no reboco acima de sua cabeça.

-Eu só queria esperar até que fique mais...orgânico.

-Tá legal- disse Vanessa lentamente. -Mas é só sexo, save como é. Não é um poema .

Obviamente ela não queria dizer isso. Para Dan era mesmo um poema. Provavelmente o poema mais importante que ele jamais escreveria.

Ele vestiu a camiseta.

-Eu só acho melhor esperar; é só isso.

-Certo - retrucou Vanessa, a ponto de perder a paciência.

Dan estava sempre analisando demais as coisas, escrevendo sobre elas em seu bloquinho de capa preta até que não houvesse mais nada para escrever. Ela adorava o modo sensível e romântico dele, mas pelo menos uma vez na vida ele podia ser legal e deixar de pensar tanto nas coisas e só seguir a maldita correnteza. Ainda assim, Vanessa era a fim dele desde o dia em que se conheceram e fizeram amizade, três anos antes. Ela não ia estragar as coisas, agora que eles finalmente estavam juntos.

Dan acendeu outro cigarro. As mãos dele tremiam como nunca.

Vanessa o cutucou novamente.

-Ei, não fique ai tão preocupado. Por mim, tudo bem que não tenha rolado. Tá bom?

Ele assentiu. Vanessa pegou a mão dele e colocou o braço de Dan em volta de seus ombros. Eles voltaram a se deitar na cama e Dan soprou a fumaça para a lanterna chinesa de papel vermelha enquanto afagava suavemente a cabeça careca de Vanessa com o polegar. Estava feliz por não ter de se explicar tanto. Era o que havia de legal em namorar

a melhor amiga. Ela o conhecia quase melhor do que ele conhecia a si mesmo. Os dois ficaram deitados ali por algum tempo, vendo a fumaça do cigarro de Dan flutuar no ar. Essa era outra coisa legal em ficar com a melhor amiga. Nem sempre você tem de falar. -Assim que começarem as férias, quero rodar mais um filme. -Vanessa rompeu o silêncio. - Estou achando que meu *Guerra e paz* pode ser sombrio demais para mandar para a Universidade de Nova York.

O último filme de Vanessa foi adaptado de uma cena de *Guerra e paz*, de Tolstói, e trazia Dan como um príncipe Andrei viciado em crack. Vanessa tinha se candidatado à Universidade de Nova York e queria mandar um de seus filmes em vez de um ensaio escrito, uma vez que ela pretendia se formar em cinema. Ela mal podia esperar. Só mais um período na Constance Billard School para Meninas Magrelas e Neuróticas, onde (graças a Deus) não se ajustava em nada, e ela estaria livre, livre, livre!

Dan soltou uma longa baforada. Não sabia com o que Vanessa se preocupava. Os filmes dela eram combrios, mas era isso que os tornavam brilhantes. Não tinha como a Univerdidad de Nova York não aceita-lá.

-Se alguém tem de se preocupar, esse alguém sou eu - disse ele, as mãos tremendo de nervoso de novo.

-Como assim? - perguntou Vanessa. - Qualquer universidade com um programa deliteratura meio decente mataria para ter você.

-É, mas eu falo do dombrio, Meus poemas são mesmo... - Dan parou. Os poemas dele eram pessoais, eram o que eles eram. E parecia meio estranho mandar um monte deles para um funcionário qualquer da admissão na Columbia, ou Brown, ou Vassar, como se estivesse desnudando sua alma e um completo estranho podia nem ter lido as obras de Goethe, Sartre ou Camus e não entenderia suas referências oblíquias a eles.

-Sabia que você pode até tentar publicar umas coisas suas? - sugeriu Vanessa. -Isso ia deixar o pessoal da admissão da universidade totalmente convencida sobre você.

Dan enfiou a guimba do cigarro em uma lata vazia de Coca-Cola.

-É, tá legal - disse ele. Ele gostava de escrever, mas de jeito nenhum estaa pronto para mandar suas coisas a um editor. Nem mesmo achara sua voz ainda. Ele sabia disso. Cada novo poema que escrevia parecia diferente dos mais antigos.

Vanessa se sentou novamente.

-Que foi? Estou falando sério. Você devia fazer isso.

Dan adunfou ainda mais nas cobertas.

-Tanto faz - murmurou ele sem entusiasmo. Não estava pronto para o sexo e não estavapronto para ser publicado. Agora se sentia mais inadequado ainda.

Vanessa sabia que quando era horade recuar. Ela respirou fundo e canalizou sua gatinha interior, aquela que só saía de seu canto quente no aquecedor quando Dan precisava de um forte beijo na carinha bonitinha dele.

Ela deslizou sob as cobertas e beijou o peito dele.

-Mais uma semana e a gente pode passar todo o tempo das férias assim - murmurou ela. Ao contrário da maioria dos colegas da turma na Constance Billard e na Riverside Prep, nem Vanessa nem Dan teriam uma viagem glamourosa nas férias de Natal. Vanessa morava com a irmã mais velha, uma baixista, Ruby, em um apartamento em Williamsburg, no Brooklyn. Os pais delas eram artistas de vanguarda, moravam em Vermont e sempre passavam o Natal numa turnê com sua trupe perfortmática. Dan e a irmã Jenny, moravam com o pai, Rufus, um escritor comunista e editor de poetas beat

nada conhecidos, que não acreditavam em Natal, nem em Hanukkah, nem em nenhum outro dia santo, aliás.

-Papai vai fazer sua lasanha anual na quinta-feira - e Dan passou as mãos nas costas de Vanessa, Permitindo-se relaxar novamente. Ele adorava a suavidade e a firmeza das costas dela, que não eram cheias de costelas como as dele. - Você vem, né?

Ela deu os ombros.

-Claro. Mas diga a seu pai que não vou comer feito uma porca como fiz no ano passado. É outra coisa que estou dando um tempo. Vou perder três quilos.

Dan continuou afagando as costas de Vanessa.

-Por quê? - perguntou ele. Vanessa não precisava fazer dieta. O corpo dela era exatamente como ela descreveu em um de seus poemas: como água.

-Porque minhas roupas vão cair melhor se eu fizer. - Vanessa não estava interessada em ser magrela, como a maioria das colegas de turma, mas não gostava quando tinha de encolher a barriga para abotoar as calças.

-Bem, eu gosto de você como você é - disse Dan, passando o nariz na orelha dela. Vanessa virou a cabeça para ele e seus lábios se encontraram em um longo e doce beijo. Enquanto se beijavam, ela não conseguia deixar de pensar em sexo com Dan podia ser muito mais significativo do que tinha sido com Clark. Se pelo menos Dan estivesse pronto.

-Eu te amo - sussurrou ela, fechando os dela. Por algum tempo Vanessa pensou em perguntar novamente se ele queria tentar transar, mas não ia estegar o momento. Só tinha de esperar até que ele estivesse pronto, embora com Dan isso pudesse significar esperar até que estivessem casados ou coisa assim.

Até parece que eles não agiam como se já não fossem casados. Dá licença, que eu vou bocejar.

J se arrepende de participar da festa

No banco traseiro da limusine de Flow, Blair se sentiu espremida pela peituda da Jenny Humphrey e pelo amigo desengoçado de Aaron, Miles, o baterista espigado. Do outro lado deles Serena estava no colo de Flow - "Para dar espaços para os outros", afirmou ela - e Nate imprensado na janela, ficando chapado. Ele também tinha passado o baseado para Kati, Isabel e Chuck, que era ainda mais irritante chapado do que bêbado. Aaron estava sentado de pernas cruzadas no chão, entre os dois bancos traseiros, fumando um dos seus cigarros naturaise jogando o PlayStation 2 da limo.

- Qual seu nome verdadeiro aliás? - Perguntou Serena a Flow, embora já soubesse, por um programa da MTV, que o nome dele era Julian Prospere. Na verdade é um nome muito melhor do que Flow, mas não ia dizer isso a ele.

Ele deu seu famoso risinho de cara tímido capturado nas capas da *Spins*, *Rolling Stones*, *Entertainment Weekly* e *Interview* e sacudi a cabeça.

- Não é tão importante

- Bem, você não é tão bonito pessoalmente - Disse ela virando a cabeça para o outro lado com um sorrisinho perverso.

Ela estava mentindo, é claro. Ele era pelo menos dez vezes *mais bonito* do que nas fotos, se é que isso era possível.

Serena sabia que estava paquerando de uma forma ridícula, mas ela adorava o modo como o cabelo castanho-escuro de Flow se enrolava nas têmporas, a pele de um bronze

dourado e como seus dedos pareciam delicados. Por que não chegar no cara? Era só por uma noite. Amanhã Flow ia voltar a Los Angeles, ou onde quer que morasse, e ela finalmente começaria a estudar para as provas. Tudo o que ela queria era se divertir um pouco.

Tudo o que Serena queria era se divertir um pouco o tempo todo.

Flow recuou, fingindo se envergonhar de sua boa aparência.

- Desculpe. Acho que não sou tão alto também. Ele se inclinou para a frente e abriu o frigobar Sub-Zero embaixo de seu banco.

- Ei, tem bebida aqui. Alguém aí está com sede?

- Eu, por favor - respondeu Blair de imediato. Ficar bem bêbada era a única maneira de suportar uma coisa daquelas.

- Hmm, vou experimentar um pouco - aventurou-se Jenny timidamente. A limo deu uma guinada em uma tampa de esgoto e seus peitos quicaram sem piedade. Ela olhou para Nate para saber se ele tinha percebido, mas ele estava olhando pela janela com aquele jeito aéreo que assumia quando ficava extremamente chapado.

Miles ajudou Flow a encher dez flutes com champanha Cristal. Ele passou uma a Blair.

- Tintim - disse ele, batendo a taça na dela.

Blair pegou a taça e, como não estava sentada perto da janela e não tinha mais nada para olhar, analisou o rosto de Miles. Tinha olhos redondos e castanho-dourados, meio parecidos com os olhos de Mookie, o cachorro de Aaron. O nariz insolente e meio arrebicado era pontilhado de sardas pequenininhas e o cabelo louro-claro espigava direto para cima. Ajulgar pela forma como as veias saltavam do pescoço comprido, provavelmente ele malhava, jogava basquete ou coisa parecida. No todo, ele parecia meio um personagem de desenho num corpo de atleta. Mas como Blair não tinha nada melhor para fazer, e era evidente que ele estava a fim dela, ela pensou que podia ser meio divertido paquerar Miles.

Ela colocou a mão na perna dele.

- Obrigada. - Ela tomou um gole do champanha.

Miles sorriu como se pensasse que aquilo era o começo de uma linda amizade.

Flow não conseguia parar de babar para Serena.

- Você é a garota mais bonita que eu conheci ultimamente.- murmurou ele na orelha dela.

- Talvez sempre. Não consigo acreditar que não é modelo nem atriz nem nada disso.

Serena mergulhou os dedos na taça de champanha e os colocou na boca. Considerando como ele era famoso, ela pensou que Flow seria todo convencido e cheio de papo mole, mas ele era surpreendentemente sincero. Se não fosse um astro rock tão lindo, isso podia ter sido uma total falta de estilo, mas ele *era* um astro do rock tão lindo, então ela decidiu deixar esse detalhe pra lá.

- Não - disse ela. - Sou apenas eu.

Na verdade, fotos de Serena estavam aparecendo constantemente em colunas sociais e revistas; ela só não pagava por elas - nem precisava.

Flow continuou encarando Serena.

Serena riu.

- Pare com isso.

- Ahhhh, gata - disse Chuck de uma forma antipática, puxando o baseado. -Alguém está pegando alguém hoje!Ele fechou os olhos. Parecia que estava prestes a desmaiar.

- Estou morrendo de fome - grunhiu Kati. Ela abriu o cinzeiro da porta da limo e depois o

fechou. - Tem alguma coisa para comer?

- Estou achando tudo ... meio desagradável- declarou Isabel com os olhos saltando da cabeça.

Aaron olhou para cima para encontrar Blair sentada muito perto de Miles, a mão dela pousada descuidadamente no joelho dele. Sem terminar o jogo, ele desligou o PlayStation 2 e se levantou, espremendo-se entre os dois no banco.

- Ai - gemeu Blair quando a bunda magricela dele cravou nos quadris dela.

- Bem, chega pra lá, então - disse Aaron. - Ei, aonde vamos, afinal? - perguntou ele a Flow.

Flow passou seus longos dedos musicais no interminável cabelo de Serena e deu de ombros.

- Ao centro. Talvez parar numa boate.

Jenny apertou a flute de champanha e se contorceu no banco. Era legal para todos eles ir a uma boate. Eles pareciam mais velhos do que eram e provavelmente tinham identidades falsas. Apesar dos peitos, Jenny parecia ter uns dez anos.

Ainda pediam a carteira dela na seção de pornô da Blockbuster! A última coisa que queria era ver todo mundo entrar pela porta de uma boate bacana enquanto o leão-de-chácara gentilmente perguntava a ela se não tinha passado da hora de ir para a cama. Ela devia ter ido andar com o Nate. Sempre se divertia muito mais quando eles estavam sozinhos do que quando estavam com outras pessoas.

- Nate? - Ela se inclinou para a frente e pegou a mão dele. - Eu devia ir para casa cedo. - Passava um pouco da meia-noite e ela devia chegar em casa à uma hora, de qualquer forma.

Ao contrário da crença popular, Nate não era completamente morto para o mundo. Ele percebeu Blair se jogando toda para aquele cara magrelo de cabelo espetado que nunca vira antes, e também percebeu que Jenny parecia meio desconfortável. Mas, quando as coisas ficam esquisitas, Nate tende a sair do ar e esperar que outra pessoa tome a iniciativa.

- Tudo bem - disse ele, saindo do transe. -Vamos dar o fora daqui. -A maconha que ele trouxera era extremamente suave e ele não queria mesmo ir a uma boate barulhenta.

Depois de deixar Jenny em casa, ele podia ligar para o celular do Jeremy e se encontrar com os garotos naquele bar da Rivington

com a aconchegante sala preta, onde eles podiam se sentar no sofá e fumar maconha sem ninguém para incomodá-los. - Ei - gritou ele, batendo no vidro entre o banco e o motorista.- Pode parar aqui?

Blair sorriu. Será que tinha irritado tanto o Nate que ele queria sair porque não conseguia vê-la com as mãos em outro cara?

- Ai, Natie. Não querem ir com a gente? - perguntou Serena.

Nate deu de ombros.

- Tenho de levar a Jenny pra casa - disse ele.

Jenny fez uma carranca. O motorista da limusine parou o carro e abriu a porta traseira para eles. Jenny saltou e Nate cambaleou depois dela.

- Tchau! - gritou ela animada para todos os que ficaram dentro do carro.

Do outro lado do banco Chuck sorriu afetado para ela, os olhos umas fendas.

- Que peninha - grunhiu ele.

Jenny não tinha certeza do que ele queria dizer, mas tinha certeza absoluta de que era

alguma coisa pervertida.

- A gente se vê! - respondeu Serena, a única pessoa que realmente reconhecia que ela estava indo embora. - Boa sorte nas provas!

Nate e Jenny ficaram em silêncio no táxi durante a corrida para o uptown. Nate estava feliz por ver as lojas e restaurantes que passavam zunindo, contando silenciosamente de um a vinte sem parar em sua cabeça de doidão. Jenny sentou-se com as pernas cruzadas duas vezes, remoendo o que havia de errado. Era principalmente por culpa dela, raciocinou. Foi ela quem quis dar uma volta na limo, para começar.

O táxi parou na frente do prédio de Jenny na 99 com a West End Avenue. Ela pegou a maçaneta.

- Ei - disse Nate, tocando a manga do casaco dela.

Ele não podia deixar que ela saísse sem dar um boa-noite. Chapado ou não, ele teve uma boa criação, e com a criação vinham as boas maneiras.

Ele a beijou no rosto, os cabelos cor de areia roçando na pele dela.

- Boa noite - disse ele com um doce sorriso infantil.

Jenny retribuiu o sorriso, querendo desesperadamente esquecer a última hora e fingir que a noite tinha terminado com a mesma perfeição com que começara.

- Boa noite - retrucou ela, de repente relutando em sair.

- Durma bem - acrescentou Nate, os olhos verdes faiscando na luz.

Ai.

Às vezes ele podia ser tão incrivelmente adorável! Com o coração transbordando de amor verdadeiro, Jenny bateu a porta do táxi e correu para o saguão do prédio. Em vez de pegar o elevador, ela correu os oito lances de escada e irrompeu no apartamento.

- Oi - cumprimentou, Dan, seu irmão mais velho.

Estava vindo pelo corredor, levando duas canecas de café instantâneo Folgers de volta ao quarto.

-Oi.

Jenny tirou o casaco preto de pele falsa e o atirou em uma cadeira no canto. O casaco ficou pendurado nas costas da cadeira por um segundo, depois escorregou para o chão. Ninguém ia perceber mesmo. O grande apartamento de quatro quartos não via uma limpeza adequada há anos.

- Como é que foi? - perguntou Dan.

O pingente turquesa em forma de estrela que Nate dera a ela estava pendurado em seu pescoço. Jenny tocou nele para se tranquilizar.

- Foi tudo bem. - Ela olhou para as canecas nas mãos de Dan. - Vanessa ainda está aí? Dan assentiu. Podia sentir que alguma coisa estava pegando.

- Está. Quer vir e ficar com a gente um pouco?

Jenny e Dan se davam bem, mas ele nem sempre era assim tão legal com ela.

- Tudo bem - concordou ela, seguindo-o pelo corredor até o quarto dele.

Vanessa estava sentada na cama, ainda de top preto e calcinha.

- Oi, Jennifer. - Ela pegou uma caneca de café com Dan. - Ainda quer que eu a chame assim, né?

Jenny assentiu. Só Nate e Vanessa a chamavam de Jennifer. Nate o fazia porque foi assim que ela se apresentou quando eles se conheceram no parque. E Vanessa porque Jenny havia pedido.

Vanessa sempre era legal com ela. Sempre a tratava com

respeito.

A cama de Dan estava desarrumada e as roupas de Vanessa estavam no chão. Ficou claro para Jenny que Dan e Vanessa tinham transado. De pé na soleira da porta, ficou constrangida para seguir em frente.

- Posso lhe fazer uma pergunta? - disse ela por fim. Ela não sabia bem a qual dos dois estava perguntando, porque não se importava em ter duas respostas.

- Claro - disse Vanessa, bebendo o café com as mãos em volta da caneca quente.

- Pode me falar honestamente o que você acha do Nate?

Dan franziu a testa. Ele e Nate não eram da mesma escola, mas por mero acaso ele viajou a Brown com Nate e Serena van der Woodsen e os amigos doidões de Nate no mês passado. Pelo que podia dizer, Nate era só um maconheiro rico e bonito. Nada havia de errado nele, mas não era particularmente especial também. Meio que matava Dan que sua irmã inteligente e bonita estivesse desperdiçando tempo com um cara que acabaria por magoá-la. Mas, ao mesmo tempo, Dan podia entender por que Jenny estava tão apaixonada por Nate. Ele era mais velho, em primeiro lugar, e era o tipo de cara bonito e popular com quem toda garota quer sair. Pelo menos, até perceber como ele era chato. No fundo, Dan tinha a preocupação ranheta de que Nate estivesse pressionando Jenny a fazer coisas que ela não estava pronta para fazer, mas Jenny tinha chegado em casa quase uma hora antes e não parecia aborrecida nem nada, então ele decidiu não tocar no assunto.

Vanessa deu de ombros. Nate era o tipo de idiotinha de escola preparatória com quem não perdia tempo, mas ela não queria ferir os sentimentos de Jenny dizendo isso.

- Eu não o conheço bem, mas todas as garotas da Constance sempre falam dele. Acho que deve dar um bom namorado.

Dan assentiu.

- É. - Essa era a forma decente de colocar a coisa.

Jenny franziu a testa.

- Tudo bem - disse ela, sentindo-se mais confusa do que nunca. - Acho que vou tomar um banho.

Ela fechou a porta do quarto de Dan e foi para o próprio quarto. *Ele dá um bom namorado*, repetiu para si mesma. O que diabos isso queria dizer? Ela não queria só um bom namorado. Ela queria o que Gustave Klimt tinha capturado com tanta perfeição em *O beijo*. Aquela sensação radiante e elétrica de *me-abrace-forte-se-não-eu-despenco* de quem está apaixonado.

Bem, não é o que queremos todas, meu bem?

é preciso ser cruel para ser gentil

Na hora em que a limo encostou no Gorgon, a nova boate da moda no Lower East Side, Kati, Isabel e Chuck dormiam numa espécie de monturo retorcido de cabelos, cachecóis, bolsas, pernas e casacos no banco traseiro da limo. Blair, Serena, Flow, Miles e Aaron estavam na calçada olhando para eles.

- Graças a Deus - disse Blair. Se tivesse de ouvir Kati ou Isabel fazer mais um de seus comentários estúpidos e chapados sobre o modo como tudo parecia roxo ou coisa assim, ela ia gritar.

- Eles parecem bonecos - observou Serena.

- Quer que eu os acorde? - ofereceu-se Miles.
- Não! - gritaram as duas meninas em uníssono.
- Ei, Miles - disse Aaron. - Essa não é uma das boates do seu pai?
Miles corou e olhou para seus brilhantes sapatos pretos Prada.
- É - Blair achou que foi realmente meio bonitinho o modo como ele ficou envergonhado.
- Legal - Flow passou os dedos nus em volta dos dedos enluvados de Serena. - Prontos para agitar? Serena teve a sensação maluca e vertiginosa que tinha quando não sabia bem o que ia acontecer a seguir. Era sua sensação preferida. Ela apertou a mão dele.
- Definitivamente.
Eles foram para a porta da boate. O leão-de-chácara já estava puxando a corda de veludo vermelho para eles passarem.
- Espere - disse Blair, parando quando se lembrou do comentário grosseiro que Chuck tinha feito mais cedo naquela noite. Agora era a chance de ela ter uma vingança doce e barata.
- Tem uma caneta? - Flow sacou do bolso de cima do paletó do smoking uma Sharpie preta de ponta de feltro que mantinha à mão para dar autógrafos.
Blair se inclinou para a limo, com o cuidado de não roçar a manga do casaco no nariz de Chuck enquanto escrevia "*Leve este mané PRA CASA*" na testa dele. Depois bateu a porta da limo.
- Obrigada. - Ela devolveu a caneta a Flow. Eles passaram pelo enorme leão-de-chácara barbado e pela corda de veludo.
- Hmm - disse Aaron, hesitando. Ele abriu e fechou seu Zippo. - Acho que vou pra casa. Tenho um monte de coisas pra estudar amanhã.
Blair revirou os olhos.
- E daí? Eu também tenho.
- Quer ir pra casa comigo? - ofereceu-se Aaron.
Blair olhou para Serena, que sacudiu a cabeça inflexível.
- Tem certeza de que quer ir embora? - perguntou Miles a Aaron. - É muito bacana lá dentro. E eu posso usar a sala privativa.
- Demais - disse Flow com gratidão.
Aaron sacudiu a cabeça. Ele estava sobrando e sabia disso.
- Tenho. A gente se vê.
Os quatro o observaram descer a rua com as mãos nos bolsos da calça do smoking, a fralda da camisa balançando atrás dele. Depois Flow agarrou Serena pela cintura e a puxou, correndo com ela pela porta da boate.
- O último a entrar é um bobo! - gritou ela.
Blair estava prestes a correr atrás deles quando Miles pegou a mão dela.
- Ei. Você se importa se eu fizer uma coisa antes da gente entrar?
Blair olhou para ele. Não, ela não se importava. Afinal, ela quem tinha colocado a mão na perna dele dentro do carro.
Miles se inclinou e a beijou oh-com-tanta-delicadeza na boca. Foi um beijo educado, de cavalheiro.
- Fiquei esperando por isso a noite toda - confessou ele com um sorriso tímido.
Blair estava tentando manter a atitude não-tô-nem-aí de Serena. Ela podia fazer isso. Podia se divertir casualmente com um cara qualquer que não era nada parecido com Nate. Além disso, depois dessa noite, ela não precisava ver Miles novamente se não quisesse.

Ela deu um sorriso recatado.

- Acho que somos os bobos - disse ela, enquanto erguia o queixo para beijar Miles novamente. E dessa vez o beijo não foi nada educado.

Em mais ou menos três mil palavras, escreva sobre uma pessoa que tenha inspirado você profundamente. Pede-se demonstrar o efeito dessa pessoa em sua vida com a maior especificidade possível.

BlairWaldorf Ensaio da Proposta para a Universidade de Yale 18 de dezembro

Audrey Hepburn nasceu em Bruxelas em 4 de maio de 1929, filha de uma baronesa holandesa e de um executivo anglo-irlandês. Seu nome na certidão de nascimento era Audrey Kathleen van Heemstra Ruston. Quando tinha três semanas de idade, adoeceu de coqueluche e o coração parou, mas sua mãe determinou a ressuscitá-la, dando-lhe umas palmadas. Embora fosse só um bebê, Audrey deve ter aprendido uma lição naquele dia porque, pelo resto de sua vida, mesmo quando estava doente, ela viveu da forma mais plena. Sempre que me sinto dominada pelas pressões de minhas provas dos cursos avançados ou por minha agenda puxada, penso em Audrey e me sinto inspirada. Acredito que, se nos dedicarmos e trabalharmos muito por um objetivo, seremos recompensados. Audrey foi recompensada por ter sido descoberta por...

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

AS CELEBRIDADES SÃO MESMO MAIS INTERESSANTES DO QUE AS PESSOAS COMUNS?

Falamos delas como se as conhecêssemos. Lemos tudo sobre elas que cai nas nossas mãos. Ficamos tristes por elas quando passam por uma fase difícil ou felizes por elas quando se casam ou ganham um Oscar. Criticamos o corte de cabelo delas, percebemos quando elas engordam ou emagrecem, até temos a fantasia de sermos amigos delas. E é claro que elas têm roupas maravilhosas, montes de casas e carta branca para todos os novos restaurantes da moda. Mas nós também temos. A verdade é que a única coisa que torna os famosos interessantes é que eles são famosos. A não ser, é claro, que eles realmente sejam interessantes como... bem, como eu, por exemplo.

Flagra

S e Flow - é, aquele Flow, que vimos recebendo o MTV Music Award por melhor disco de estréia - dançando feito uns macacos doidos no Gorgon no sábado à noite. Depois

disso, eles foram vistos entrando no Tribeca Star - para pegar um quarto, talvez? Safados, safados. Tenho certeza de que vamos saber tudo sobre isso nos tablóides amanhã. **B** e um cara novo, que vamos chamar de **M**, também no Gorgon, dividindo um romântico cigarro no canto. **K**, **I** e **C** parecendo desorientados como se tivessem tropeçado ao sair de uma limo estacionada pouco antes do amanhecer, quando o motorista parou para colocar gasolina em algum lugar perto da Ponte da Terceira Avenida. Felizmente o motorista era legal o bastante para levá-los para casa, que era o lugar deles. **A** andando pela Quinta Avenida usando seu smoking, parecendo mais triste do que merece um bonitinho de trancinhas rasta.

Seu e-mail

P: Oi, gg

sei de fonte segura que flow é gay. O único motivo de ele andar com s é para as pessoas pensarem que ele é hetero.

-snoopy

R:Caro snoopy,

Percebi no baile Black-and-White que a calça do smoking dele parecia meia apertada na bunda, então talvez você tenha razão!

-GG

P:E aí, GG,

Sou da turma de M na Bronxdale, e fiquei a fim dele e do carro dele por, tipo assim, uns dois anos. É tão bonitinho como ele sempre batuca na mesa durante a aula, e ele tem um Porsche laranja antigo. Não sei o que ele está fazendo com B. Ela é uma piranha séria, com p maiúsculo.

-Olive

R:Cara Olive,

Tá vendo o que acontece quando você dá bobeira? A p lhe passou uma rasteira. Rá! Sou uma poeta e nem sabia disso. Sério agora, mesmo que você nunca tenha chegado em M, pode pedir a ele para dar uma volta naquele doce Porsche antigo dele.

-GG

UMA ÚLTIMA PALAVRINHA SOBRE AS PROVAS

Não se apertem. Sei que são as últimas notas que contam para a faculdade, mas você sabe disso. E, se não sabe, é tarde demais para aprender. Tome um banho de sais Dead Sea, coloque seu pijama de seda roxo Versace favorito, beba uma taça de Cristal, pinte as unhas com a nova cor que pegou no balcão da Chanel na Bendel's e tire um sono de beleza. Você estará muito melhor do que se ficar preenchendo cartões de lembrete até tarde com anotações idiotas que jamais será capaz de ler de manhã.

Boa sorte. Vou cruzar os dedos por você!

Pra você que me ama,
gossip girl.

até namoradas de celebridades fazem prova

Era segunda-feira, o primeiro dia da semana das provas de meio de ano, e as meninas

sentadas em suas carteiras na sala de aula do terceiro andar, usando as saias de lã cinza supercurtas do uniforme, suéteres de cashmere pretos TSE de gola rulê, calcinha preta Wolford e mocassins pretos de camurça Gucci, curvadas sobre os cadernos de prova azuis, escrevinhando loucamente. Blair estava na fila da frente, perto do inspetor, que por acaso era o idiota do professor de cinema, o Sr. Beckham, que ela também por acaso desprezava porque ele lhe dera um C no último artigo sobre cinema. O artigo tinha sido sobre os filmes de Woody Allen e como eles não se identificavam com a maior parte dos espectadores americanos porque eles não eram de Nova York e não eram os neuróticos que moravam ali. Acontece que, apesar de ser do Meio-oeste, o Sr. Beckham era fanático por Woody Allen. Ele chamou o artigo de Blair de "condescendente". Que estúpido. A prova começava com uma série de questões que tinham de ser respondidas em um parágrafo descritivo conciso. A primeira pergunta era: *Qu'est-ce que vous voulez faire pendant votre temps libres?* "O que você faz no seu tempo livre?"

Essa era para lá de fácil. Blair gostava de comprar sapatos extraordinariamente bem desenhados e caros, comer bife com fritas, beber Ketel One com tônica com Serena e fumar muito. Nos verões ela gostava de jogar tênis. Costumava beijar Nate na cama enquanto *Bonequinha de luxo* rolava no DVD ao fundo, mas agora não fazia mais isso. Ela estava ocupada demais fazendo todas as outras coisas.

A pergunta seguinte era: *Decrivez votre famille.* "Descreva sua família."

Blair soltou um suspiro de desespero. Era praticamente fluente em francês, então ela sabia as palavras para "homossexual fútil", "maluca imbecil" e "mané gordo e brega", que era como descreveria com sinceridade o pai, a mãe e o padrasto. Mas Madame Rogers, sua professora de francês, não tinha nenhum senso de humor, então era improvável que ficasse impressionada com a descrição de Blair. Em vez disso, Blair

descreveu generosamente o pai como um "companheiro elegante cujo hobby favorito é igual ao meu: comprar sapatos"; a mãe como "uma louca de boa índole que se esqueceria do próprio nome se ninguém lembrasse para ela"; e o padrasto como "um homem alegre com uma risada alta e um gosto incomum para roupas", O irmãozinho, Tyler, foi fácil: "Ele pode ficar muito bonito quando crescer, mas os melhores amigos

dele são o PlayStation 2 e a coleção de discos da década de 1980." E restava Aaron. Blair fez uma pausa por um segundo. Elagostava de Aaron, embora ele estivesse agindo de uma forma meio quieta e taciturna ultimamente. Na escala de meio irmão, ele podia ter sido muito pior. Blair sorriu consigo mesma e escreveu, *Meu novo meio-irmão, Aaron, provavelmente vai salvar o mundo.* Pronto. Eram exatamente as coisas mais legais que diria sobre alguém.

A pergunta seguinte era: *Imaginez qu'un djinn apparaît sur votre épaule pour vous dire qu'il vous accordera un seul souhait. Quel serait votre souhait?*

Blair batucou o lápis número dois na mesa de madeira. O que ela ia pedir? Ela queria entrar em Yale, é óbvio. E queria que sua mãe e Cyrus ficassem em lua-de-mel para sempre para que ela não tivesse de morar com eles ou vê-los se beijando apaixonados em público o tempo todo. Ela queria que Nate se mudasse para a Antártida para que nunca mais tivesse de esbarrar nele ou naquela namoradinha dele. Ela também queria muito um par de botas de couro caramelo com salto 10 fininho; só não tinha encontrado o par certo ainda. E um casaco de pele de ovelha. E um chapéu de pele de raposa com cobertura nas orelhas.

Ela realmente não ligava que o pai fosse gay, mas queria que ele encontrasse um

namorado para viver em Nova York em vez de na França, para que ele pudesse levá-la para fazer compras mais vezes. E queria que Serena fosse da turma avançada de francês para que elas se sentassem perto durante a prova e passassem bilhetes sobre todas as histórias malucas que os jornais de hoje contavam sobre Serena e Flow. Ela também meio que queria que ela e Nate tivessem seguido em frente e trasassem quando estavam juntos para que ela não fosse mais virgem. E ela meio que queria não ter ficado acordada até tão tarde no sábado com Miles, Flow e Serena, porque ainda estava meio de ressaca. Além disso, Miles havia ligado para ela duas vezes ontem e deixado recados na secretária eletrônica, embora ela tivesse dado a ele especificamente um número falso para que nunca mais ouvisse falar dele. Agora estava até pensando em retomar as ligações. Sábado à noite foi divertido, mas a última coisa de que precisava agora era de um namorado novo.

O Sr. Beckham deu um pigarro ruidoso, Blair ergueu os olhos da prova e o encarou. Ele tinha cabelos amarelos. Não amarelo de louro, mas amarelo como muco de um doente grave. Os olhos dos dois se encontraram e o Sr. Beckham fez uma coisa estranha: ficou vermelho.

Excusez-moi?

Blair desviou os olhos, apavorada. Seus pés balançaram nervosamente enquanto ela olhava a pergunta. *Vous avez une desire. Que desirez vous?*

Ela queria muito que o professorzinho de cinema que ela achava que a odiava não desse a impressão de que estava a fim dela. Queria estar na praia agora mesmo, em vez de congelando a bunda em uma sala de aula mal aquecida. Queria ter tomado o café da manhã, porque estava morta de fome. Queria um monte de coisas, mas só podia responder uma.

Blair escreveu que queria ir para Yale, embora parecesse totalmente redundante para uma formanda do secundário dizer que queria ir para uma universidade, mas era melhor isso do que revelar algum detalhe pessoal suculento a Madame Rogers, de qualquer forma. Então ela desenhou uma botinha de salto alto na margem do caderno de provas e olhou para o Sr. Beckham novamente. Ele ainda estava olhando para ela, o rosto com uma sombra grossa de vermelho-arroxeadado. O que ele estava fazendo? Tramando o assassinato dela ou imaginando como Blair ficaria de calcinha? Ela desviou os olhos, enojada.

Olhou para o relógio Cartier de platina. Outra porra de hora pela frente. Próxima pergunta.

Dois andares abaixo de Blair, no auditório da Constance Billard School, Serena estava ralando com a prova de história americana.

Não. Serena não era exatamente do tipo que ralava.

Ela já havia contado o número de pontas em seu rabo-de-cavalo - nove - e tinha respondido à pergunta sobre o envolvimento inglês na Segunda Guerra Mundial com um ensaio *muito* curto sobre como durante a guerra havia escassez de tudo e as inglesas tiveram de abrir mão das meias porque não havia náilon disponível. Em vez disso, aquelas mulheres corajosas, industriosas e cientes da moda pintavam linhas nas costas da perna para dar a impressão de que estavam usando meias.

Serena suspirou. Naquela época uma garota provavelmente passaria uma noite com um cara e não teria sua foto enchendo todas as páginas de fofoca no dia seguinte. Fotos de

Serena e Flow no Gorgon apareceram no *Post*, na *Entertainment Weekly*, na *People*, na *Women's Wear Daily* e em incontáveis páginas da Web, todos chamando os dois de "o novo casal 'it'".

Isso era ridículo. Ela deu um beijo de despedida em Flow quando amanhecia na calçada do bar do Tribeca Star Hotel no domingo, e ele saiu para pegar um avião particular para Baja, onde ia refazer umas cenas do clipe para a nova música do 45,

Life of Krime, antes de sair para o Natal. Ele tinha sido incrivelmente doce e os dois tiveram uma noite sensacional, mas eles definitivamente não eram um casal. Um casal significava que os dois se veriam todo dia. Significava que estavam apaixonados.

E, embora ela e Flow pudessem ter ficado meio em luxúria, eles definitivamente não estavam apaixonados, apesar do fato de ele já ter mandado flores para ela.

Três dúzias de tulipas negras difícilísimas-de-encontrar, para ser exata.

Serena estava acostumada a ganhar presentes dos caras, e assim as flores não a perturbavam, desde que Flow não começasse a lhe mandar coisas todo dia. Às vezes um cara podia exagerar um pouco. Pense em Dan Humphrey, por exemplo. Ele seguiu Serena como um cachorrinho quando ela voltou do internato no outono, e até escreveu poemas que eram tão sérios e doentes de amor que chegavam a assustar. Serena gostava mesmo de Dan, mas ele era meio intenso demais. Por sorte dela, ele se apaixonou por Vanessa, que era igualmente intensa, e eles formavam um ótimo casal. Mas Serena não estava interessada em combinar com ninguém. Ela valorizava a independência, sua capacidade de seguir os caprichos e fazer o que gostava. Ela fazia a limpa impulsiva - formar um caszinho só restringiria seu estilo.

Serena começou a pergunta seguinte: *Quando as forças armadas americanas entraram na Segunda Guerra Mundial e por quê?*

Uma pergunta mais pertinente seria: *Quando é que ela ia usar esse conhecimento?* A resposta era totalmente óbvia: *nunca!*

Quem ligava para o que aconteceu no passado quando o futuro estava à sua frente, com surpresas sensacionais e loucuras inenarráveis se escondendo por trás de cada curva?

Alguém deu um tapinha no ombro dela e Serena olhou. Era o Sr. Hanson, o professor de latim e inspetor da prova de história. Ele era alto, magro e tinha um bigode que sempre era exatamente tão do mesmo tamanho que todas as meninas da Constance estavam convencidos de que era falso.

- Que foi? - disse Serena, sobressaltada. Ela sabia que estava divagando, mas não podia se encrencar por isso durante uma prova escrita, podia? - Fiz alguma coisa errada?

Depois ela percebeu que o Sr. Hanson tinha um sorriso por baixo do bigode.

Ele colocou um exemplar do *Post* nas mãos dela. Estava virado na página seis, a página de fofocas de celebridades, onde havia uma foto enorme de Serena e Flow entrando num táxi depois de sair do Gorgon no sábado à noite.

- Desculpe interromper, mas percebi que você estava terminando a prova e fiquei me perguntando se seria possível pedir ao Flow para autografar isto - sussurrou ele. - Sou um grande fã dele. E seria ótimo se você também autografasse.

Serena piscou. Primeiro, ela nem sabia que o Sr. Hanson era cool o bastante para saber *quem era Flow*. Segundo, ela não tinha a intenção de pedir nada a Flow. E terceiro - *Se ligaaaa!* Ela nem de longe estava terminando a prova!

- O Flow está em Baja - sussurrou ela de volta. - Tudo bem se só eu autografar? - Ela deu uma olhada na sala, constrangida. A maioria das outras meninas tinha parado de escrever

e estava olhando para ela e para o Sr. Hanson ou conversando.

- Soube que Flow e Serena estão noivos - disse Nicki Burton à amiga Alicia Edwards. - Eles vão se casar na véspera de Ano-novo, em Vegas. No Bellagio.

- O *Post* disse que eles se conheceram no Black-and-White no sábado - disse Isabel Coates a Kati Farkas. - Mas não é bem verdade.

- Eles se conheceram na recuperação no ano passado, né? - disse Kati. - Flow ficou em recuperação, tipo assim, uma dúzia de vezes. Mas ela também.

Serena assinou seu nome e devolveu o jornal ao Sr. Hanson, esperando que ele não lhe desse uma nota ruim em latim, agora que ela não pegara o autógrafo de Flow.

- Obrigado - sussurrou ele, examinando a assinatura dela. Ele sorriu todo animado. - Tenho certeza de que vai valer uma fortuna um dia!

- De nada - disse Serena, sendo indulgente com ele. O zumbido na sala estava ficando cada vez mais alto.

- Muito bem, meninas. De volta ao trabalho - gritou o Sr. Hanson asperamente enquanto voltava à sua mesa na frente da sala.

Serena olhou para a prova novamente. *Quando as forças armadas americanas entraram na Segunda Guerra Mundial e por quê?*

Mas, antes que pudesse começar a responder, chegou um exame de dezenas de colegas da turma, todas segurando exemplares do *Post* para ela autografar. O Sr. Hanson não podia dizer a elas para parar quando foi ele próprio quem começou tudo aquilo.

- Muito bem - disse ele, ignorando o olhar suplicante de Serena. - Darei a todas cinco minutos a mais em nossa prova. Cinco minutos, e depois quero que voltem a suas carteiras.

- Primeiro eu! - gritou Rain Hoffstetter, estendendo seu exemplar do *Post* para Serena.

- Não, eu! - foi a vez de Laura Salmon gritar, empurrando Rain para o lado.

Serena riu para si mesma de espanto. Quando voltou do internato dois meses antes, foi considerada uma leprosa. E agora todo mundo queria seu autógrafo.

Ela hesitou, a caneta posicionada em cima da foto do exemplar de Laura. Depois ela escreveu em sua típica letra cheia de voltas: *Pra você que me ama, Serena.*

sexo, amor e frankenstein

A prova de inglês dos formandos da Riverside Prep era notoriamente longa e difícil, mas Dan não estava preocupado. Tinha lido *Frankenstein* de Mary Shelley duas vezes e guardara a maioria dos poemas da Keats em sua memória antológica. Além disso, até dormindo ele podia escrever um ensaio de inglês digno de um A.

Depois de construir "Ode a um Rouxinol" o mais completamente que pôde, ele virou o caderno de provas azul e começou a escrever um novo poema que espetava que fosse se transformar em algo que podia mandar a proposta para a universidade. Dan em geral nunca escrevia nada que não fosse poemas de amor cheio de angústia. Este se intitulava "Para Vanessa"

Cortes de papel

Limões atirados

Água salgada em meus olhos

Ele estava experimentando uma nova forma de verso livre e não tinha muita certeza se faziam algum sentido.

Seu rosto

Uma voz

Você suaviza minhas arestas

E lubrifica meu motor

Lubrifica meu motor? Não, isso parecia sexual demais e ele não queria dar a Vanessa nenhuma idéia no caso de realmente mostrar o poema a ela. O que ele queria dizer era que ela o inspirava. Dan olhou as palavras e tentou pensar numa forma melhor de dizer isso. Depois ele arrancou a folha de papel do caderno e a amassou numa bola. Por que não conseguia escrever nada de bom?

Dan sentiu que alguém o observava e olhou para a esquerda, onde Chuck Bass, um dos maiores babacas de sua turma, estava sentado. Na quinta série, Chuck tinha sido um dos garotos mais baixos da turma. Usava óculos com aros de chifre e ternos marrons de veludo e parecia que tinha de ir ao banheiro o tempo todo. Ele e Dan fizeram inglês juntos na quinta série e o professor pedira aos dois, em aula, para escreverem um poema sobre uma parte do corpo. Chuck tinha uma redação criativa medonha e passou um bilhete a Dan implorando para que Dan escrevesse um poema para ele. Escrever era fácil para Dan, então ele escreveu a primeira coisa que veio à mente, um poema sobre as mãos dele e tudo o que elas faziam por ele durante um dia. Ele deu o poema a Chuck, para que ele copiasse, e depois preparou outro poema sobre sua própria boca que não tinha nem metade da qualidade do primeiro. Chuck tirou A+ com o poema das mãos e recebeu uma anotação da professora que dizia, *Viu oq ue pode fazer quando se concentra?* 😊, enquanto Dan conseguiu um B com o poema da boca e uma anotação da professora que dizia, *Sei que você pode fazer melhor.* 🤔

No começo, Dan não se importou. Pelo menos ele tinha ajudado um garoto que parecia realmente precisar de ajuda. Mas um ano depois Chuck ficou 45 centímetros mais alto, começou a barbear e a usar o anel cor-de-rosa monogramado e o cachecol azul-marinho, e se transformou num babaca sério, especialmente quando se tratava de garotas. Ele chegou a tentar molestar a irmãzinha de Dan, Jenny, em um reservado do banheiro numa festa no mês passado. Dan deixava muito claro que odiava Chuck mortalmente, mas este não parecia se importar. De vez em quando ele ainda pedia a Dan para ajudá-lo no inglês, e Dan teria de dizer a ele um "foda-se", de novo.

Agora mesmo Chuck estava olhando para o caderno azul de Dan, tentando ler o ensaio dele sobre "Ode a um Rouxinou", Dan virou uma página em branco e escreveu, **CONSEGUE LER ISSO, BABACA? VÁ SE FODER!** em caracteres pretos gigantescos. Chuck espiou o caderno azul de Dan e depois olhou para cima e mostrou o dedo médio a Dan

NÃO, foda-se VOCÊ!, escreveu Dan e sublinhou duas vezes.

Antes de passar para a questão seguinte, Dan releu alguns verss de "Ode a um Rouxinol" em sua prova.

Secretamente escuto; e por muito tempo

Fui meio fascinado pela leveza da Morte.

Era o começo perfeito de um poema para Vanessa. Ela era seu segredo. E isso era

verdade, Dan era meio apaixonado pela morte, do jeito que fumava feito uma chaminé, raramente comia e bebia baldes de café. Vanessa o deixava são. Ela o mantinha vivo. Dan pegou novamente a caneta e tentou pensar em uma forma poética mais sucista de escrever a mesma coisa que Keats havia escrito, só que diferente. Mas, mesmo se esforçando muito, ele não conseguia pensar em outra maneira de dizer a mesma coisa que fosse pelo menos boazinha. Em vez disso, ele leu a questão seguinte da prova.

Discutimos em aula os vários significados simbólicos da criatura semelhante ao homem Frankstein, de Mary Shelley. Mas o que Frankstein significa para você?

Dan olhou para a placa de Saída em vermelho vivo na porta do ginásio, pensando. Ele sempre achou Frankstein muito assustador, mas também muito bonito, de certa forma. Frankenstein não queria machucar ninguém, mas não conseguia evitar - era um monstro. De certa maneira, era como o próprio amor: horrível e maravilhoso, apavorante e libertador, arrepiante e triste, tudo ao mesmo tempo.

Tremendo de energia criativa, Dan virou a página em branco no verso de uma folha do caderno azul e escreveu *Para Vanessa* novamente no alto da página. Depois escreveu o primeiro verso: *Você é minha Frankenstein.*

Ah, meu bem. Quer mesmo saber como era o segundo verso?

Vanessa estava sentada nos fundos do auditório da Constance Billard School fazendo a mesma prova de história de Serena.

Discutimos em aula os vários significados simbólicos da criatura semelhante ao homem Frankstein, de Mary Shelley. Mas o que Frankstein significa para você?

Dan olhou para a placa de Saída em vermelho vivo na porta do ginásio, pensando. Ele sempre achou Frankstein muito assustador, mas também muito bonito, de certa forma. Frankenstein não queria machucar ninguém, mas não conseguia evitar - era um monstro. De certa maneira, era como o próprio amor: horrível e maravilhoso, apavorante e libertador, arrepiante e triste, tudo ao mesmo tempo.

Tremendo de energia criativa, Dan virou a página em branco no verso de uma folha do caderno azul e escreveu *Para Vanessa* novamente no alto da página. Depois escreveu o primeiro verso: *Você é minha Frankenstein.*

Ah, meu bem. Quer mesmo saber como era o segundo verso?

Vanessa estava sentada nos fundos do auditório da Constance Billard School fazendo a mesma prova de história de Serena. Tinha terminado a prova 45 minutos mais cedo e agora, enquanto as tapadas das colegas da turma ainda estavam em volta de Serena como abelhinhas operárias em torno da rainha só porque Serena tinha sido fotografada com aquele vocalista insípido e analfabeto musical de uma banda de fim de semana, Vanessa estava traçando a rota de um filme sobre a cidade que ela esperava entregar à Universidade de Nova York como parte de sua proposta. Foda-se a Page Six. Ia documentar a vida *real* que rolava na cidade, as coisas verdadeiramente interessantes que aconteciam bem debaixo do nariz das pessoas enquanto elas se ocupavam lendo a Page Six. Primeiro, ela queria acordar antes do amanhecer e filmar os pescadores chegando ao porto para entregar o peixe ao Fulton Fish Market. O cheiro de peixe a deixava enjoada, mas era uma das coisas perfeitas: ela podia acompanhar a viagem de um peixe do barco até o mercado, onde seria vendido por, tipo assim, 65 cents o quilo e algum restaurante do uptown onde seria servido incrustado de pistache com batatas vermelhas e manteiga de cogumelo selvagem por 29 dólares o prato. Uma anoréxica duas vezes divorciada da

Park Avenue o pediria, daria somente algumas mordiscadas e depois o resto do prato seria jogado fora.

Era exatamente o tipo de ironia que Vanessa adorava: a ironia agridoce. Ela era pessimista e Dan era um romântico, e ela não conseguia entender por que Dan tinha fiado tão perturbado com transar. Para ela, quanto mais Dan esperasse e quanto mais ele superdimensionasse o sexo, escrevendo poemas sobre ele e perdendo o sono de preocupação, mais estava destinado à decepção. Mas ela não conseguia pensar num jeito delicado de fazê-lo ver isso a não ser amarrá-lo e arrancar as roupas dele. O que não deixava de ser má idéia.

Vanessa sorriu para si mesma e voltou os pensamentos para o filme.

Depois do mercado de peixes ela queria passar o dia com um daqueles tiras ciclistas que sempre estavam pedalando aos pares pelo Central Park e que nunca pareciam ligar que todos os garotos no Sheep Meadow ficassem doidões e bebessem cerveja sem ter idade para isso. O que ela queria era descobrir se eles já prenderam alguém, ou se estavam tentando tonificar os músculos das pernas com todas aquelas pedaladas. Na verdade, o departamento de polícia provavelmente não deixaria que ela filmasse os policiais de bicicleta sem alguma permissão, mas não era uma idéia de todo ruim.

Por fim, ela queria sair com um vendedor de cachorro-quente. Ver a casa dele, a família dele, o cachorro dele. Ver se ele tinha clientes regulares. Se talvez, enquanto esperava que as pessoas comprassem cachorros-quentes, ele lia algum livro desafiador, tipo *O arco-íris da gravidade*, de Thomas Pynchon, e sonhava em liderar homens um dia. Ou talvez ele só fiasse feliz em ser um vendedor de cachorro-quente e em comer cachorro-quente todo dia de graça.

Um movimento na frente da sala chamou a atenção de Vanessa. As lemingues da Constance estavam se afastando da cadeira de Serena.

-Obrigado, meninas. E obrigado, Serena - gritou o Sr. Hanson. - Mais dez minutos.

Vanessa ficou olhando enquanto Serena voltava a separar fervorosamente as pontas do cabelo.

Serena e Dan deviam ter estrelado o filme *Guerra e Paz* de Vanessa no último outubro. Mas Dan tinha agido como um idiota em torno de Serena e Vanessa não conseguiu suportar, então ela pediu a uma menina que mal sabia atuar para fazer o papel da protagonista. Serena entrou na de Dan também, mas só por cinco segundos. E, antes que Serena pudesse causar muitos danos, Vanessa atacou com a cabeça raspada, a gola rulê preta e as botas de combate para restabelecer seu coração partido.

Vanessa descruzou as pernas e as cruzou novamente. A idéia de resgatar Dan de um mal amor a fez querer transar com ele ainda mais. Ela suspirou impaciente. Nas férias, ela e Dan iam passar muito tempo juntos com pouca supervisão de adultos. Quer ele estivesse pronto ou não, era só uma questão de tempo antes que fizessem.

Tá vendo? Apesar do jeito durão de Vanessa e de seu desdém por toda a espécie humana, ela só não era outra garota curiosa de 17 anos. Somos todas iguais.

n não consegue parar de pensar na bunda de **b**

Nate estava almoçando no Jackson Hole com Anthony Avuldsen, Charlie Dern e Jeremy Scott Tornpkinson no intervalo entre as provas de cálculo e de química. A prova de cálculo tinha sido pedreira total e todos estavam recarregando com hambúrgueres, fritas e Cocas para passar pela de química, que provavelmente seria muito pior. Nate pensava em

como o restaurante devia investir em alguns ventiladores de teto para afastar o cheiro de cebola frita que pairava no ar. Ele também pensava em Jenny e em Blair daquela forma não muito definida e despreocupada que tendia a usar na maioria das coisas.

Não sabia de Jennifer desde a noite de sábado, o que era meio estranho, porque em geral ela lhe mandava pequenas mensagens de texto cifradas pelo celular ou doces e-mails curtos para o endereço dele na St. Jude's School. Talvez ela só estivesse ocupada estudando para as provas.

Nate afastou o prato e tirou o Nokia do bolso. Não doeria nada mandar para ela uma mensagem de texto, só para manter o moral alto durante as provas.

Ai, quanta consideração.

Boa srt!, escreveu ele. Qnta trde te lv cmprs bj N.

Jeremu esticou os braços magros e virou a cabeça para relaxar o pescoço.

-Ei, pra quem tá mandando o torpedo, cara? - Ele era um garoto baixinho e meio parvo, tão magro que não conseguia manter a calça na cintura, mas compensava isso com o corte de cabelo de astro do rock inglês e um jeito de falar de doidão.

Nate deu os ombros.

-Nada que seja da sua conta.

Anthony enfiou um punhado de fritas ensopadas de ketchup na boca. Ele jogava em quase todas as equipes esportivas do St. Jude's, então podia comer fritas o dia todo e ainda continuar sarado.

-Ei, eu notei que Blair estava bem gostosa no sábado à noite - disse ele.

Nate assentiu enquanto lhe vinha à cabeça uma imagem da bunda malhada de Blair com o vestido preto apertado. Blair estava *mesmo* bem.

- É claro que ela não tem as tetas da Jennifer - acrescentou Anthony.

Os meninos tinham parado de sacanear Nate por sair com uma aluna da oitava série há algum tempo, mas de vez em quando faziam uma referência aos peitos enormes de Jenny. Era meio difícil não fazer.

Nate sorriu. Depois franziu a testa, tentando se lembrar de como Jennifer estava no sábado, mas só o que vinha à cabeça era uma confusão de cachos castanhos, o decote estupenso e seu sorriso tímido.

Ele tomou alguns goles de Coca, semicerrando os lindos olhos verdes e pensando com esforço.

O que, na verdade, acontecia *muito* raramente.

Era estranho, mas Nate nunca se sentou e realmente comparou as duas garotas. Ele gostava muito de Jennifer - ela era menos exigente do que Blair e meio que o deixava com seus próprios pensamentos, enquanto Blair sempre queria saber no que ele estava pensando ou aonde ele ia e com quem. Jenny não o pressionava da forma como Blair o fazia, tipo forçá-lo a se candidatar a Yale para que eles pudessem morar juntos perto do campus ou dar a ele presentes caros para que ele se sentisse obrigado de retribuir o gesto e comprar alguma coisa para ela também. E Jenny tinha aqueles peitos inacreditáveis, enquanto os de Blair só estavam *meio ali*. Eram legais, mas não eram espetaculares. Apesar dos defeitos de Blair, contudo, ele sempre sentia que os dois *realmente* se conheciam - afinal, eles foram criados juntos. E durante todo o tempo em que namoraram, ele sentia que estava indo em direção a alguma coisa. Havia um destino, como o alfinete vermelho que ele cravava nas cartas náuticas quando estava em seu barco no porto de algum lugar. O destino era em parte sexual - eles não fizeram de tudo, mas

esse era o próximo passo óbvio. A vida dos dois andava no mesmo ritmo, separadamente, mas juntos, como os flutuadores de um Hobie Cat. Os dois tinha 17 anos. Os dois iam se formar em junho. Os dois iam para a faculdade no ano que vem.

Ele e Jennifer estavam em ritmos totalmente diferentes e infelizmente o sexo nem mesmo estava no horizonte. Ela só tinha 14 anos. No ano que vem, e por mais dois anos depois disso, ela ia vestir o uniforme e iria para a Constance Billard todo dia, enquanto ele estaria na faculdade fazendo Deus sabe o quê. A maioria das pessoas ficaria desconcertada com a diferença de idade, mas Nate achava isso meio reconfortante. Enquanto ele estivesse à deriva nas águas desconhecidas do futuro, Jenny estaria seguramente ancorada em casa. Ele podia escrever para ela, ou telefonar, ou voltar e vê-la e nada teria mudado.

Charlie pegou o pickles intacto com o garfo e o colocou no prato de Nate como um peixe morto.

-Parece que você está na segura. Acha que pode fazer a prova de química?

Nate olhou para ele e apertou o saquinho plástico de maconha no bolso. Olhou o relógio.

-Que tal um fuminho rápido antes da gente ir?

Os outros três garotos assentiram ansiosos. Nate sorriu e se levantou. Achava que tinha resolvido alguma coisa em sua cabeça, mas não tinha certeza do que era.

-Vamos nessa- disse ele.

talvez garotos sejam como roupas

Enquanto as aulas do segundo e do terceiro ano do secundário da Constance Billard começavam as provas, Jenny estava na aula de saúde, discutindo amor, sexo, xampu e as peculiaridades dos garotos, entre outras coisas.

Onze meninas sentavam-se em círculos no chão atrás de uma janela ensolarada no canto aconchegante de uma sala que a escola projetara especialmente para aulas íntimas, como a de saúde da última série da escola elementar. No chão havia um tapete felpudo carmin em vez do carpete verde institucional que revestia o chão do resto da escola. As paredes eram pintadas em um animado azul-centáurea, com as bordas em branco cintilantes. Havia um pequeno quadro-negro sem moldura, com muito giz colorido, para a professora desenhar diagramas; e, o mais importante, não haviam carteiras, permitindo que as meninas relaxassem o corpo e realmente falassem o que lhes passasse pela cabeça. Quem dava aulas à turma era a Srta. Doherty, a professora de dança hippie New Age que tinha 25 anos, um lindo corpo tonificado pela ioga, cabelo castanho-avermelhados compridos e um rosto pálido que sempre estava inteiramente sem maquiagem. Era a única professora no departamento de educação física que não era totalmente sapata, e as meninas adorariam seu jeito tranquilo e aberto se não fosse pela tendência que tinha de falar em partes constrangedoras do corpo como se falasse do cachorro da família. A Srta. Doherty deixava que as meninas escolhessem o tema de discussão, depois elas em geral passavam a maior parte da aula falando de *meninos*.

-Sinceramente, não entendo como podemos conhecer gente do sexo oposto quando ficamos a maior parte do tempo em ambientes totalmente de meninas - queixou-se Kim Swanson. Ela passou as mãos cuidadosamente nos cabelos castanhos perfeitamente tingidos, que recebiam luzes uma vez por mês no John Barret Salon desde a segunda série.

Jenny estava sentada perto de Kim, maravilhando-se porque *tudo* nela era perfeito. As

unhas bem-cuidadas, o brozeado artificial dourado, a base Chanel sutilmente aplicada, sombras nos olhos e brilho nos lábios, brincos Cartier nas orelhas e a blusa de algodão branco Agnés B. Talvez, se Kim não passasse tanto tempo se produzindo, tivesse mais tempo para conhecer os meninos.

A Srta. Doherty deu um sorriso plácido e benevolente.

-Sei que é difícil, Kim - disse ela solidária. - Só o que posso sugerir é, envolva-se em alguma daquelas atividades interescolares mistas, como teatro ou coral. E, se suas amigas têm amigos meninos, não seja tímida...peça que apresentem a você!

-Srta. Doherty, acha que a gente tem de se apaixonar pelo cara que fica com a gente? - perguntou Jessica Soames, que parecia exatamente a Branca de Neve dos contos de fada, os cabelos bem pretos, lábios cheios e vermelhos e olhos cinza de cílios longos, embora definitivamente *não* fosse pura como a neve. Jessica tinha menstruado na terceira série e diziam que tinha perdido a virgindade na quinta. Originalmente, *ela* é que tinha o maior peito da turma, mas no ano passado os peitos de Jenny superara os de Jessica.

A Srta. Doherty enfiou uma mecha de cabelo teimosa atrás da orelha e alisou as sobrancelhas castanhas, obviamente tentando prolongar a discussão. Mas, antes que conseguisse fazer alguma coisa, a pequena Jenny Humphrey se manifestou.

-Tem, definitivamente. Quer dizer, talvez leve algum tempo para os dois perceberem que estão apaixonados, mas se você não estiver, então acho que devia terminar.

A turma toda, inclusive a Srta. Doherty, a encarou. A Srta. Doherty estava encarando porque Jenny Humphrey nunca falava em aula e ela não sabia que Jenny era tão cheia de opiniões. As meninas encaravam porque todas sabiam que Jenny conseguira roubar Nate Archibald de Blair Waldorf, o que era mesmo surpreendente, e não havia como Jenny ter feito isso a não ser que estivesse transando, e muito. Será que Jenny Humphrey era ainda mais piranha, secretamente, do que Jessica Soames? E agora ela admitia isso?

Quando percebeu que todas a olhavam, Jenny corou.

-Quer dizer, não acho que tenham de terminar se vocês ainda não disseram "Eu te amo", porque talvez vocês ainda fiquem juntos e tudo e só estejam esperando o momento certo para falar.

A Srta. Doherty assentiu e deu seu sorriso sem batom. O amor era um dos temas favoritos dela.

-Na primeira vez em que você se apaixona, pode ser difícil reconhecer. Algumas pessoas confundem a paixão até com uma gripe!

Algumas meninas riram e Jenny sorriu para si mesma. Ela sabia do que a Srta. Doherty estava falando. Às vezes Jenny se sentia tão tonta e fraca quando estava com Nate que bem que podia ter uma pneumonia ou coisa assim.

A Srta. Doherty prosseguiu.

-Mas também não acho que você tenha de se apaixonar para ter um relacionamento. Você só tem 14 anos. Não é que vá se casar com o cara né? Você está aprendendo a ficar com as pessoas. É como experimentar roupas. Tem de experimentar todos os estilos e tamanhos diferentes para ver qual deles fica melhor em você.

Jenny franziu a testa. Ela não queria experimentar todos os estilos e tamanhos. Só queria Nate.

-Peraí, está falando de transar com alguém por quem não está apaixonada ou só tipo assim, ficar? - perguntou Alicia Armstrong maliciosamente. Ela torcia sua pulseira de couro rosa. - Porque, tipo assim, eu realmente acho que você deve estar apaixonada se vai

transar.

-Ah, mas é claro que sim - concordou Jenny rapidamente, corou de novo.

O resto da turma a encarou outra vez. Então ela estava admitindo que tinha transado com Nate Archibald ou negando isso? Jenny nunca falava de sexo, mas agora percebia o que Jessica queria dizer com "ficar" com um cara. Ela puxou um fio de lã do tapete de carmim. Para ela, o sexo nem era a questão. Era o amor. Quanto tempo deveria esperar antes de dizer que a Nate que o amava? Quanto tempo deveria esperar que ele dissesse? Ela levantou a mão novamente, mas Azaria Muniz levantou primeiro a dela.

-Srta. Doherty, é verdade que a gente deve alternar entre diferentes xampus, quando lava o cabelo para não viciar? - Azaria tinha cabelos ondulados tingidos de mel que iam até o traseiro, e o armário dela era cheio de produtos para os cabelos. A Srta. Doherty olhou para Azaria meio confusa.

-Não sou especialista no assunto, mas acho que, desde que você use um bom produto com ingredientes totalmente naturais que não causam dependência, você pode usar o mesmo xampu o tempo todo. - Ela sorriu e se voltou para Jenny, ansiosa para retomar o assunto do amor. - Sim, Jenny? Você levantou a mão?

Jenny olhou para o teto, escolhendo as palavras cuidadosamente. Mas antes que pudesse começar, Jessica a interrompeu rudemente.

-É verdade que toda a sensação está na parte final do pênis? - perguntou Jessica, as sobrancelhas pretas unidas com seriedade, como se estivesse fazendo uma pergunta sobre a descoberta do átomo.

O resto da turma irrompeu em risinhos. Jessica sempre fazia as perguntas mais ultrajantes, mas no fundo todas as garotas gostavam quando ela perguntava.

-Jessica, por favor, não interrompa as colegas - disse a Srta. Doherty tranquilamente. - Mas a resposta à sua pergunta é sim, a ponta do pênis é muito sensível, mas a sensibilidade varia de um pênis para outro. - Ela se virou para Jenny. - O que estava dizendo Jenny?

Jenny sentiu as bochechas ficarem vermelhas. *Pênis, pênis, pênis!* A palavra sempre a fazia rir.

-Sim? - perguntou a Srta. Doherty.

Jenny cobriu a boca com a mão.

-Ah, não era nada.

Os olhos de Jessica se estreitaram.

-O que é tão engraçado, Jenny? É a parte mais sensível de Nate? A ponta?

Jenny parou de sorrir cruzou os braços. Todo seu corpo ardeu num vermelho escuro.

-Lembre-se Jessica...sem citar nomes - alertou a Srta. Doherty. Ela ajeitou as pernas na posição de lótus e pegarreou. - Quero lembrar a vocês novamente meninas, que nossas discussões são totalmente confidenciais. Nada do que é dito aqui será repetido fora de grupo.

Até parece Depois, como é que toda escola fica sabendo que Alicia Armstrong não usava absorvente interno porque os pais dela acham que, se usar, não será mais virgem?

Jenny não era idiota. Ela sabia que o que dissesse definitivamente seria repetido. Então decidiu que era mais seguro não falar nada que pudesse ser tomado da forma errada.

-Eu me lembro da primeira vez em que vi um pênis de verdade - irrompeu Jessica, levando o resto da turma a um frenesi de risadinhas mais uma vez. - Foi tão assustador!

A Srta. Doherty deu um sorriso zen. Nem Jessica Soames ia fazer com que ela perdesse a

calma.

-Lembre-se - disse ela. - Este é um lugar para fazer perguntas...

-Eu não entendo toda aquela coisa de ereção. Como exatamente acontece? - perguntou Kim Swanson.

-É verdade que é a primeira coisa que os garotos têm quando acordam de manhã? - perguntou Roni Chang.

A Srta. Doherty suspirou. Quando estava começando a responder delicadamente às perguntas, Jenny se desligou delas, preferindo se prender ao tema do amor.

Se os meninos eram como roupas, como disse a Srta. Doherty, então Nate era como o primeiro jeans Diesel que ela compara e só usava em ocasiões especiais porque era tão lindo que não queria que ficasse sujo. Mas quanto mais o vestia mais o lavava, melhor ele ficava, até que ela não podia viver sem ele- ele caía perfeitamente. E se ela sabia com tanta certeza como se sentia com relação a Nate, então que mal faria dizer a ele?

uma resposta extraordinária a uma pergunta comum

Blair tinha entregado seu rascunho de ensaio para a proposta a Yale mais cedo aquela manhã. Quando as provas de francês avançado e cálculo avançado finalmente terminaram, ela foi até a sala da orientadora universitária da Constance Billard para ver se a Srta. Glos já o havia lido.

A Srta. Glos estava remexendo em suas pastas, as pernas surpreendentemente longas cruzadas com elegância na altura dos joelhos.

- Ah, olá, Blair. Por que não se senta?

Blair estreitou os olhos e olhou criticamente para os sapatos ortopédicos horrorosos da Srta. Glos. Que desperdício ter pernas tão boas para uma mulher mais velha e não ter absolutamente nenhum gosto para sapatos. Ela se sentou na dura cadeira de madeira do outro lado da mesa da Srta. Glos.

- Li seu ensaio. -A Srta. Glos vasculhou a pilha de pastas na mesa até encontrar a que estava marcada com Waldorf. Depois franziu os lábios finos e deu uma pancadinha de leve no nariz com um lenço de papel.

A Srta. Glos sempre tinha sangramentos nasais e acreditava-se que tinha uma rara doença contagiosa. Todas as meninas tinham medo de tocar o que ela lhes dava.

Blair ergueu as sobrancelhas escuras e bem delineadas.

- E?

A Srta. Glos olhou para ela. Seus cabelos cor de rato se encrespavam embaixo, roçando no queixo. Estava exatamente igual sempre que Blair a via e era evidentemente uma peruca.

- Acho que é melhor fazer outra tentativa se realmente fala a sério quando diz que quer ir para Yale. Levou um minuto para Blair registrar o que a orientadora tinha dito.

- Mas ...

A Srta. Glos abriu a pasta de Blair e apontou para as páginas dentro dela com uma unha comprida e de um amarelo asqueroso.

- Esse é um ensaio perfeitamente adequado sobre a vida de Audrey Hepburn - começou ela. - Mas não diz nada sobre *você* . Você precisa mostrar a Yale que você pode escrever bem, que pode pensar de forma criativa e que pode dar uma resposta extraordinária a uma pergunta comum. - Ela devolveu o ensaio a Blair.

Blair segurou as seis páginas grampeadas entre o polegar e o indicador, as têmporas

latejando. Morria de vontade de dizer à Srta. Glos para se foder e comprar uma peruca nova enquanto estava ali, mas ela sabia que a orientadora universitária era muito boa em seu trabalho. E se alguém podia ajudá-la a entrar em Yale, esse alguém era a Srta. Glos.

- Tudo bem - disse ela, concisamente. - Vou tentar de novo.

- Boa menina. Procure não ser tão literária. Mostre a eles o quanto adora os filmes de Audrey Hepburn em vez de falar deles.

Blair assentiu e se levantou. Ajeitou a saia, tentando manter compostura diante de um insulto tão ultrajante, agindo exatamente como imaginava que Audrey faria.

- Bom Natal para a senhora - acrescentou educadamente.

A Srta. Glos encostou o lenço no nariz de novo e sorriu.

- Bom Natal, Blair.

Blair puxou a porta da sala da orientadora universitária para fechá-la e atirou seu ensaio contaminado na lixeira de metal do corredor com um suspiro de irritação. Iria se divertir tanto na praia em St. Barts. Serena ia ter de se virar sozinha, porque Blair ia ter de passar toda a porra das férias trancada no quarto escrevendo o ensaio para Yale. Ela pensou em escrever

Me deixa entrar, merda! em uma folha de papel e mandar para o escritório de admissão de Yale, mas, considerando o fato de que contou ao entrevistador toda a história de sua vida e depois o beijou, esta talvez não fosse uma boa idéia.

Ela subiu a escada que levava ao quarto andar para pegar armário seu casaco de esqui azul Marc Jacobs, esbarrando com Kati Farkas e Isabel Coates na escada.

- Como foi na prova de francês? - perguntou Kati.

Tinha chovido essa manhã quando ela estava indo para a escola, e seu cabelo louro morango estava completamente crespo.

Blair achou que Kati parecia um poodle que fora atingido por um raio. Ela deu de ombros. "Idiota." Afastou o cabelo do rosto com uma sacudida impaciente. Estava tão enjoada de falar de notas e escola e provas de cursos avançados que achou que podia vomitar.

Isabel penteou o rabo-de-cavalo escuro e curto com os dedos e ergueu o queixo. Blair sempre se fazia de superior quando falava das notas.

- Sei que parece meio de nerd, mas eu realmente fiz a revisão de história do Sr. Noble ontem, e acho que ajudou muito. Quer dizer, achei a prova certamente fácil.

E você é uma verdadeira chata, observou Blair. O pai de Isabel era um ator de TV que fazia principalmente narrações e tinha um sotaque britânico falso. Isabel tendia a imitá-lo, e era por isso que ela dizia coisas como "certamente fácil" em vez de "totalmente idiota", o que fazia com que ela parecesse, bem, totalmente idiota.

Kati concordou com a cabeça.

- Foi curto também. Mas você viu a Serena? Ela nem terminou. Ainda estava sentada lá, tipo assim, encarando o cabelo quando saímos.

É claro que ela deixou de fora a parte sobre Serena dar autógrafos. De jeito nenhum ia admitir a Blair que pedira um a Serena.

- Tenho certeza de que ela se deu bem - disse Blair com lealdade. Serena nunca estudava e não estava nas turmas de estudos avançados, mas ela sempre conseguia se sair bem o

bastante para participar da aula e escrever artigos meio decentes. Ela era inteligente - todas as meninas da Constance eram -, mas os professores dela se queixavam de ela não utilizar todo o potencial desde que estava na segunda série. Bem no fundo, Blair saboreava o fato de Serena ser tão pouco acadêmica. Seria totalmente impossível elas serem amigas se Serena fosse linda daquele jeito e ainda por cima só tirasse A.

- E aí, o que rolou entre você e aquele cara, o Miles? perguntou Isabel.

Ela não conseguia acreditar naquelas duas. Da última vez em que vira Kati e Isabel, elas tinham desmaiado de bêbadas no banco traseiro de uma limo e Blair as rejeitara totalmente.

Agora elas estavam agindo como se quisessem ser grandes amigas de novo. Mas Blair não ia ficar de papo com elas sobre um cara que provavelmente nunca veria de novo para que elas pudessem espalhar a fofoca por toda a escola.

- Na verdade, nada - respondeu ela com indiferença.

- Ooooh - balbuciou Isabel. - Ela está tão *reservada*. Isso significa que *alguma coisa* deve ter acontecido.

Blair revirou os olhos.

- Tanto faz.

- E aí, o que a Srta. Glos disse de seu ensaio para Yale? - perguntou Kati.

Esse era o problema de frequentar uma escola só de meninas: todo mundo sabia de tudo sobre todo mundo. Isso deixava Blair *insana*.

- Ela gostou - mentiu Blair. Ela começou a subir a escada novamente, o anelzinho de rubi batendo no corrimão de metal enquanto ela andava. - A gente se vê depois. Tenho de começar a estudar para a prova de inglês.

- Peraí! - gritou Isabel.

Blair se virou e esperou.

- O que é?

- É verdade que Serena e Flow estão noivos?

Blair mal conseguiu conter o riso. Ela sabia que devia contar a verdade a elas, mas seria muito mais interessante não contar.

- É- disse ela, sacudindo a cabeça com um sorriso de descrença. - Não é uma loucura?

As duas meninas se olharam, claramente emocionadas com a confirmação que conseguiram de uma fonte muito confiável para uma fofoca revolucionária.

- Então ela ainda vai para o St. Barts com você? - perguntou

Kati.

Blair assentiu e girou o anelzinho de rubi no dedo.

- Vamos planejar o casamento enquanto estivermos lá.

- Ah, isso parece tão divertido! - declarou Isabel com seu sotaque britânico mais detestável. Ela olhou para Kati e depois de novo para Blair. - Acha que ela vai nos convidar para damas de honra?

Blair se virou e subiu sem esforço a escada, como Audrey em seu maravilhoso vestido Givenchy durante a cena do desfile de moda de Cinderela em Paris.

- Talvez - disse ela. - Se vocês forem muito, muito legais com ela.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Tudo bem, então fizemos as provas - agora é hora de esbanjar.

UMA LISTA DE PEDIDOS DE NATAL

1 chapéu de pele de raposa Fendi, embora provavelmente vá ser esquecido num táxi um dia, tarde da noite

1 bolsa de camurça franjada Coach, boa para sair só com as chaves, cartão de crédito e brilho para os lábios. O que mais se precisaria?

Um ano inteiro marcado no Elizabeth Arden Red Door Salon para depilação facial, nas sobrancelhas e na virilha, máscaras de algas marinhas, cortes de cabelo e luzes.

1 par de botas de couro caramelo. 1 par de botas de camurça marrom-escuro. 1 par de botas pretas na altura do joelho.

Tudo de Stephane Kelian e tudo com salto 10. Não há nada como muitos pares de botas.

1 casaco de pele de cordeiro Fendi.

1 caixa extragrande de trufas de chocolate amargo da Godiva - minha fraqueza. Bem, uma delas.

1 robe de banho TSE de cashmere branco e meia de cashmere combinando

Todos os clássicos de Hitchcock em DVD

A aceitação na universidade

Uma véspera de Ano-novo totalmente transformadora!

Flagra

B pegando todos os livros sobre **Audrey Heoburn** na biblioteca de Manhattan. **A** e seu amigo **M** passeando com o boxer de A (é um cachorro, e não um lutador), passando pela **constance Billard School for Girls** e procurando pelas janelas octogonais do primeiro andar - por quem, eu pergunto? **S** dando ao porteiro uma cesta cheia de baby barracudas. Será que as remessas diárias de **Flow** não estão meio exageradas? **N** ficando chapado com os amigos no **Sheep Meadow**. **J** fazendo um cartão de NATal sensacional com glitter para **N** na aula de arte. **D** se livrando de um se deus preciosos bloquinhos pretos em uma lixeira na Broadway. O bloco de um escritor não é problemático? **V** atormentando um pobre vendedor inocente de cachorro-quente no **Washington Square Park**. **K** e **I** brigando por um chapéu de pele de raposa na Intermix.

Seu e-mail

P: Cara "Gossip Girl",

Andei tentando deduzir quem é vc desde q vc começou este site. Acho q vc não falaria de faculdades a não ser q fosse do terceiro ano. Sou só do primeiro ano, mas ando com todos

os veteranos cool. Então, talvez vc não seja tão cool como eu acho q é. Ainda acho q vc deve ser um professor de academia pervertido ou alguém assim.

- jdwack

R: Caro jdwack,

Continue tentando deduzir quem eu sou, porque não vou contar a você. Mas vou lhe prometer o seguinte: eu não seria apanhada morta usando short cáqui com um apito no pescoço.

- GG

P: Oi, GG,

E aí, o que acha daquele boato que rola por aí de que **Flow** e **S** estão noivos?? Ela sempre age cheia de mistérios, como se tivesse um grande segredo, então é meio difícil de saber.

- ghost

R: Caro ghost,

Sei o que quer dizer - **S** mantém um silêncio horroroso sobre **Flow**, se o boato for verdade. Mas vamos ser realistas aqui. Ela só tem 17 anos. Mesmo que estejam noivos, duvido que o casamento esteja próximo.

- GG

P: E aí, GossipG,

Não sei se **B** sabe disso, mas ouvi falar que o cara que ficou com ela no sábado à noite - o amigo baterista do meio-irmão dela - vai passar as férias em St. Barts também.

- informante

R: Caro informante,

Caraca. Acho que **B** vai ter uma grande surpresa, e ela pode não gostar muito disso também.

E FINALMENTE...

Aí! Que sentido tem ir para a escola depois das provas se nossas notas já não valem de nada? Elas deviam deixar que a gente tivesse uma matéria só, tipo almoço, ou sala de estudos, ou teatro, em toda a primavera. Quer dizer, parece até que não tivemos uma folga!

Pra você que me ama,

gossip girl

a barneys forma o caráter

Na quinta-feira antes do Natal, a Constance Billard finalmente liberou as meninas para seus luxuosos 12 dias de férias de meio de ano letivo. Depois da escola, Jenny se encontrou com Nate na frente da Barneys. Ela estava usando um suéter com capuz azul-bebê, uma parca preta com colarinho de pele falsa, o uniforme cinza supercurto da escola, um chapuzinho vermelho de pêlo de cabra com seus cachos escuros saindo por baixo e luvas de pêlo de cabra vermelhas combinando. Estava adorável e, no minuto em que a

viu, Nate tirou a luva da mão dela e lhe deu um beijo na palma. Tinha conseguido um enorme estoque de erva para o Natal com seu fornecedor na pizzaria da 80 com a Madison, e estava de muito bom humor.

- Senti sua falta - disse ele, os olhos verde-esmeralda brilhando no crepúsculo de inverno. O coração de Jenny começou a saltar.

- Senti sua flata também - respondeu ela, as bochechas num rosa delicado. Ela tirou do bolso da parca o cartão de Natal que tinha feito para ele. - Tome.

Nate rasgou o envelope feito a mão. Ele olhou a figura que ela havia desenhado com aquarela, carvão e caneta dourada, tentando entender o que era exatamente.

- É um boneco de neve segurando uma rena - explicou Jenny. - Meio uma combinação dos estilos de Matisse e Picasso, mas não sei se deu certo.

Nate não entendia nada de Matisse e Picasso. Ele abriu o cartão. FELIZ NATAL, NATE!, diziam as letras maiúsculas em glitter dourado. *Com amor, Jennifer*. Nate sorriu e colocou o cartão no bolso do casaco.

- Obrigado.

Jenny passou o braço pelo dele e o levou para dentro da loja.

- E aí, o que vai querer de Natal? Vou comprar seu presente primeiro.

Ela pegou mais 50 dólares emprestados com o pai, que realmente não eram nada perto de todo o dinheiro que já devia a ele. Desde que começou a namorar Nate, Jenny estava gastando mais dinheiro do que em toda a sua vida.

Como qualquer garota lhe dirá, cuidar da aparência sai caro, mas também vale a pena. No departamento masculino, Nate mostrou a ela um par de meias de lã cinza merino.

- Que tal isso?

- Meias? Mas quero lhe dar alguma coisa especial. Alguma coisa com... *espírito* - insistiu Jenny. *Panache*, era o que ela queria dizer. *Panache*. Tinha visto que se usava na *Vogue*, e parecia tão francês e tão sofisticado.

Nate devolveu as meias e olhou a loja.

- Só não quero que você gaste muito dinheiro comigo, Jennifer.

Jenny sorriu exultante para ele, amando-o mais do que nunca. Ela adorava o modo como ele a chamava de Jennifer. Adorava as pequenas mensagens de texto bonitinhas que ele lhe mandava pelo celular. Adorava como ele fazia coisas, como beijar a mão dela. E, o melhor de tudo, adorava a sensação que ele lhe dava com apenas algumas palavras com sua voz sensual, como se ela fosse a garota mais sortuda da Barneys, e isso realmente significava alguma coisa.

- Não pode ser só *meia* - insistiu ela. - Tem de ser especial.

- Tá legal - respondeu Nate com um dar de ombros divertido. Era meio bonitinho que Jenny quisesse comprar para ele alguma coisa mais significativa do que meias ou perfume. Ela era tão genuinamente generosa e nunca esperava nada em troca.

- Isso aqui? - Jenny ergueu um short de flanela de lã escocesa com cordão. - Acho que deve ser de pijama.

Nate franziu a testa.

- É meio gay - disse ele.

Jenny colocou o short de volta na prateleira.

- Tem razão. Desculpe - depois ela viu uma mesa com pilhas de cuecas samba-canção com imagens em silk-screen no traseiro. Havia uma samba-canção com um veleiro vermelho em silk. Que perfeito. Velejar era o barato de Nate. Ele até construía veleiros

no Maine. A cueca custava 60 dólares, e era mais do que ela pretendia gastar e meio demais para roupa de baixo, mas Jenny estava disposta a abrir mão de dez dólares pelo cara que ela amava mais do que qualquer pessoa ou qualquer outra coisa no mundo.

- Esta é muito legal - Nate ergueu a cueca e examinou o veleiro. - Mas acho que ninguém vai poder ver.

Um jato de rubor subiu pelo pescoço de Jenny quando ela pensou em ver Nate de cueca.

- Não, mas tem de ser sua - insistiu ela. - É tão totalmente você.

Ela dobrou a cueca e a levou ao balcão.

- Pode embrulhar para presente, por favor? - Ela se virou para Nate. - É mais divertido se você abrir como um presente de verdade. - Os olhos castanhos dela brilharam de excitação. Jenny tinha um namorado lindo, comprou para ele um presente muito bacana e ele estava sorrindo para ela daquele jeito que a fazia ter vontade de gritar: *EU estou TÃO FELIZ!* Ela passou para Nate uma sacolinha preta da Barneys. - Feliz Hanykkah - disse ela toda alegre, embora só fosse meio judia e Nate não fosse nada judeu.

- Obrigado, Jennifer - Nate não esperava encontrar alguma coisa de que realmente gostasse, mas ele até achou a cueca bonitinha. Ele pegou a mão dela. - Agora vamos comprar uma coisa para você. Venha.

Ele a levou ao elevador e ao sexto andar. Jenny não sabia aonde estavam indo até que as portas se abriram e eles saíram no departamento de lingerie.

Ela hesitou. Imaginou que Nate compraria para ela alguma coisa bonitinha de Natal, tipo um cachecol com uma rena idiota ou coisa parecida. Mas não *lingerie*.

- Escolha o que quiser - disse Nate.

Jenny olhou as prateleiras de lingerie importada feita a mão, o rosto vermelho de vergonha. Ela sempre comprou sutiã Bali na Macy's porque tinha suporte extra e tiras extralargas para evitar que o peso de seus peitos estupendos deixasse marcas nos ombros. Parecia que os sutiãs da Barneys iam se esfrangalhar se ela colocasse só um peito neles, e ainda mais os dois. Não havia jeito de ela pegar um sutiã, um bustiê e nem mesmo um top. Primeiro, ela morreria se Nate descobrisse o tamanho deles. Segundo, eles provavelmente nem faziam coisas bonitas e de renda no tamanho dela.

Jenny queria poder dizer a Nate que não queria lingerie nenhuma, mas não queria ferir os sentimentos dele. Em vez disso, ela pegou uma simples calcinha de seda branca La Perla com costura cor-de-rosa e um laço de cetim rosa no elástico.

- Esta aqui é legal.

- Não quer um sutiã combinando com ela? - grasnou uma vendedora de uns 17 anos, zanzando por ali para ajudar.

- Não - Jenny praticamente gritou. Ela tirou a calcinha do cabide e foi até o balcão para que Nate pudesse pagar e eles saíssem correndo dali.

A caixa pegou a calcinha e começou a embrulhá-la em papel.

- Só o fio dental, senhorita? - perguntou ela.

Jenny olhou para a peça de seda branca nas mãos da mulher. Podia ver que basicamente faltava a área da bunda.

Não conseguiu deixar de olhar para Nate.

- É - guinchou ela. - É só isso.

- E queremos para presente, por favor - acrescentou Nate. Blair usava fio dental o tempo todo. Ele não entendia por que Jenny estava tão envergonhada.

Quando o embrulho ficou pronto, Nate o entregou a Jenny e a beijou no rosto.

- Feliz Natal.

Jenny ergueu os olhos do trecho do carpete creme que olhava fixamente e pegou a sacola. Aqui estava outra coisa que ela adorava em Nate - ele não se espantava com coisas como tangas fio dental. Era sempre calmo e frio.

Bem, é meio difícil não ser calmo quando se está chapado na maior parte do tempo.

Enquanto desciam pelo elevador, Jenny se perguntou o que deviam fazer agora. Ir para casa e desfilar com os presentes um para o outro? Só a idéia de andar de um lado a outro diante de Nate com a bunda de fora fazia Jenny querer morrer.

A porta do elevador se abriu.

- Eu estava pensando que a gente podia ir a pé para o St. Regis - disse Nate enquanto passavam pelo departamento de cosméticos, a caminho da saída da loja. O coração de Jenny bateu erráticamente no peito. O St. Regis era um hotel. Ai, *meu Deus*.

- Tem um barzinho ótimo lá. A gente podia tomar um chocolate quente ou coisa assim - acrescentou Nate.

Parecia que ele genuinamente queria um chocolate quente, e não um showzinho erótico num quarto de hotel. Jenny soltou um suspiro de alívio.

- Parece bom mesmo.

Mas, antes de chegarem à porta da frente, Nate viu duas meninas, uma de cabelos louros puxados para cima num rabo-de-cavalo e outra com cabelos castanhos que caíam pelas costas. Eram Serena e Blair, paradas no balcão da Estée Lauder, bem no caminho deles. Nate colocou o braço em torno de Jenny e começou a levá-la na direção contrária, de volta à loja masculina e para uma saída diferente. Não que ele se importasse em ser visto com ela. Só seria mais fácil se não tivessem de falar com ninguém, especialmente com a Blair.

Jenny hesitou e fez uma careta para ele.

- Peraí. Aonde estamos indo? - perguntou ela, confusa.

- Hmm, acho que talvez eu deva pegar um cinto novo na saída - disse Nate, esperando que Blair e Serena ainda não os tivessem visto.

Tarde demais.

- Nate? - ele ouviu a voz de Serena atrás dele. - Ei, Natie!

Ele se virou devagar. O doce aroma de sândalo e lírio já estava enchendo suas narinas enquanto ela atirava os braços nele. Ela o libertou e beijou Jenny no rosto.

- E aí, o que compraram?

Jenny corou novamente.

- Hmmm, nada demais.

Blair estava parada um pouco afastada deles, criticando em silêncio a feia parca preta de Jenny e seu chapéu vermelho felpudo. Nate sorriu para ela.

- E aí, Blair.

Blair suspendeu a bolsa Prada nos ombros e sacudiu o cabelo do rosto.

- Oi - disse ela a ninguém em particular. Ela olhou brevemente para Jenny. - Oi, Ginny.

Feliz Natal.

Jenny segurava a bolsinha da Barneys atrás das costas, como se temesse que Blair pudesse pegá-la para ver o que tinha dentro.

- Feliz Natal - respondeu ela com a voz fraquinha.

Blair ficou tão irritada em vê-los fazendo compras de Natal juntos como um casal chatinho e feliz que não conseguiu resistir a uma sacanagem.

- Talvez vocês possam nos ajudar - ela pareceu subitamente alegre. - Estamos comprando presentes para Flow e Miles ... Sabe quem são, os caras que ficaram com a gente na outra noite. Mas não sabemos bem o que levar. - Ela cutucou o cotovelo de Serena. - Serena estava pensando em um perfume. Nate, se importa se a gente testar em você?

Nate não usava perfume e realmente queria dar o fora rapidinho dali, mas não tinha capacidade intelectual para se livrar da situação.

- Claro - respondeu ele sem entusiasmo.

Blair os levou para um balcão e, antes que ele pudesse protestar, pegou a mão direita de Nate e borrifou uma colônia Dolce & Gabbana que ela sabia que cheirava a bunda e a queijo blue mofado.

- O que você acha? - perguntou ela, colocando a mão de Nate sob o nariz de Jenny. Jenny começou a espirrar.

- Saúde - disse Serena.

Jenny espirrava sem parar. Não conseguia se conter.

Nate estremeceu.

- É meio forte.

- É mesmo? E este aqui, então? - Blair pegou a mão esquerda dele e borrifou Eau D'Orange Verte, de Hermes. Era um aroma clássico e puro que ela adorava e às vezes ela mesma usava, embora fosse masculino.

Nate cheirou a mão e de imediato foi tomado pela nostalgia, pensando nos tempos em que se deitava na cama de Blair, beijando sua barriga nua e fazendo-a rir.

- Legal- disse ele, dando outra fungada.

O nariz de Jenny estava escorrendo. Ela o enxugou na luva. Serena pegou a mão esquerda de Nate e a colocou sob o próprio nariz.

- Ah, é tão totalmente você, Nate - ela sorriu com sinceridade para Jenny. - Devia comprar um desses para ele de Natal. É sensacional.

Jenny limpou o nariz de novo. Não tinha mais dinheiro e, além disso, já havia comprado um presente muito melhor para Nate. Ela olhou para ele, esperando que ele dissesse a mesma coisa e depois eles pudessem ir embora, mas Nate só ficou parado ali, olhando para Blair, com as mãos esticadas feito um boneco.

A dúvida se esgueirou novamente no coração de Jenny.

Como Nate podia ser tão maravilhoso quando estava sozinho com ela, mas quando estava com outras pessoas ele ficava tão ...*Idiota?*

Blair franziu o nariz.

- Não sei não - murmurou ela. - Acho que talvez agente deva dar uma coisa mais pessoal.

- Tipo o quê? - perguntou Serena, entrando no jogo.

- Acabo de comprar para o Nate uma samba-canção legal com a estampa de um veleiro - sugeriu Jenny cheia de esperança. - Têm outros diferentes. Vocês deviam ir lá ver.

Nate riu timidamente.

- É. É bem bacana.

Blair agarrou o frasco verde de amostra da colônia Hermes, pronta para atirá-lo na cabeça de Jenny. Samba-canção? Essa putinha.

Serena viu que a brincadeira de Blair parecia estar se voltando contra ela.

- Vamos, Blair - ela cutucou levemente o cotovelo de Blair. - Vamos subir. Tem um

biquíni que quero experimentar. Você pode me dizer o que acha.

Blair colocou o frasco de perfume de volta no balcão.

- Tá legal - retorquiu ela friamente.

- Vamos para St. Barts amanhã. - Serena plantou um beijo no rosto de Nate. Depois se abaixou e beijou Jenny.

- Mas a gente se vê no Ano-novo, tá bem?

Nate observou Blair remexer no anel de rubi no dedo. Ele deu um passo à frente, colocou a mão na manga do casaco dela e a beijou no rosto.

- Feliz Natal, Blair.

As melhores atrizes sempre permanecem compostas diante de insultos.

- Feliz Natal - respondeu ela, mantendo o queixo erguido o máximo que era fisicamente possível sem cair de costas. Depois, com a maior pose que pôde formar, ela se virou para os elevadores nos fundos da loja, puxando Serena atrás de si.

Nate as viu partir, admirando o modo como os longos cabelos escuros de Blair caíam nas costas do casaco de cashmere azul-celeste. Ele ergueu a mão esquerda e respirou aquele perfume puro e fresco que o lembrava da pele nua de Blair. Depois

se virou para Jenny. O pompom de cabelos crespos dela. A parca preta avantajada. As mãos miudinhas. O sorriso tímido. Foi um alívio Blair ter ido embora, para que ele parasse de comparar as duas. Porque a verdade verdadeira era que não havia comparação. Um frasco de perfume na forma de uma bailarina estava no balcão de vidro atrás deles.

- Ei - disse Nate mudando de assunto. - Já viu *O quebra-nozes*? - Jenny estudava arte, então provavelmente sabia tudo de balé.

Jenny sacudiu a cabeça, tentando sorrir. Tinha ido ao Lincoln Center com a turma de arquitetura e design, mas foi o mais perto que chegou de ver um balé de verdade.

- Não, ainda não.

Isso não estava bom. Definitivamente não estava bom.

Nate tinha levado Blair para ver *O quebra-nozes* nos últimos três natais e, embora ele soubesse que era muito idiota, sempre gostara. Era meio que uma viagem: na primeira cena, durante uma festa de Natal, a árvore no palco era só uma árvore normal de tamanho médio. E aí, depois que a menininha dorme e começa a sonhar, a árvore sai do chão, transformando-se em uma árvore bombada de esteróides - era maior até do que a árvore do Rockefeller Center. E depois todos os brinquedos ganham vida e começam a brigar. Era sensacional.

Nate puxou o celular do bolso.

- Tem um jantar com seu pai amanhã à noite, né?

Jenny assentiu.

- Então vamos ver se eles têm entradas para a matinê.

Jenny se apoiou no balcão de perfumes, dominada por aqueles sintomas de gripe novamente. Nate ia levá-la ao balé! Como ela poderia *não* amar Nate?

d tenta escrever sobre sexo de um jeito novo

Assim que as provas acabaram na quinta-feira, Dan foi para a cafeteria sino-cubana favorita na Broadway e pediu um café com leite e rolinho primavera. Depois pegou um novo bloco preto e uma caneta esferográfica preta. A semana toda ele ficou tentando escrever alguma coisa meio decente para manter com a proposta para a universidade, mas tudo que escrevia era um completo lixo. Ele nunca teve problemas para escrever

antes - em geral, as palavras simplesmente fluíam dele. É claro que ele foi distraído pelas provas, mas isso ainda não era justificativa. Ele estava com bloqueio de escritor.

Dan bebeu um gole, pingando gotas de café com leite em toda a primeira página em branco do bloco. De certa forma, ter bloqueio de escritor o associava aos grandes. Tolstoi teve. Hemingway teve. Ele não tinha certeza se seus existencialistas franceses favoritos tiveram, mas deduziu que provavelmente todos deviam passar por isso uma vez ou outra. Isso não tornava as coisas menos dolorosas, porém. Na verdade, era excruciante. Coitadinho, que alma atormentada.

Dan sabia, só de olhar para o velho bloco preto, que a última vez em que escrevera alguma coisa de valor foi antes do Dia de Ação de Graças, antes que ele e Vanessa se beijassem pela primeira vez e percebessem que estavam apaixonados.

Ele girou o rolinho primavera em um molho grosso de ameixa e deu uma mordida. Além da morte, o amor era seu tema favorito, mas, agora que estava *amando*, as palavras que usava para escrever sobre ele pareciam superficiais e toscas. Se ele ao menos pudesse encontrar um novo ângulo para abordar o tema do amor. Mergulhou o rolinho primavera no molho e deu outra dentada. A gordura quente do rolinho escorreu pelo pulso. Uma garçõete esbarrou no cotovelo dele com o quadril e ele deixou cair o que restava do rolinho na caneca, espalhando café com leite por toda parte.

A maioria das pessoas se irritaria, mas para Dan foi um momento de iluminação.

Sexo!, pensou ele. O sexo era a expressão física definitiva do amor, e era por isso, embora nunca o tinha feito, que ele queria que acontecesse no momento certo, quando a única forma de dizer o que verdadeiramente queria dizer era fazer amor.

Dan tirou a tampa da caneta. Ele leu muita teoria crítica para saber que alguns dos maiores clichês para escrever sobre sexo era usar imagens de flores desabrochando, o nascer do sol e fogos de artifício. Ele também sabia que era possível fazer alguma coisa que não parecesse sexual. Mas ele queria escrever sobre o sexo de formas novas e inesperadas.

Ele olhou para o rolinho primavera meio comido, marrom de café, pensando.

Qualquer garoto normal que pensasse em sexo teria imediatamente pensado em tirar as roupas da namorada. Contudo, Dan não era um garoto normal. Em vez de pensar em tirar as roupas de Vanessa, ele pensava em palavras velhas, a não ser que fossem usadas de uma forma sensual. E para fazer isso você tem de parar de pensar em palavras e começar a pensar em alguma coisa ou, ainda melhor, em *alguém*. De preferência em alguém sem roupa.

Mas Dan estava preso às palavras. Quanto mais agonizava sobre que palavras usar, mais convencido ficava de que não podia escrever sobre sexo porque ainda não tinha feito. E se ele não conseguisse escrever sobre sexo, não ia conseguir escrever sobre amor. E se não conseguisse escrever sobre amor, não ia conseguir escrever mais nada.

Será que o sexo era a cura para o bloqueio do escritor?

v descobre a victoria 's secret

Na quinta-feira depois da escola, Vanessa andava pela Broadway, no Soho, filmando um travesti vestido com um macacão de PVC preto e botas de PVC com salto plataforma 15, passeando com um minúsculo chihuahua preto enfiado num suéter laranja felpudo, quando foi parada na frente da Victoria's

Secret por uma mulher que distribuía folhetos promocionais .Ipresentando a coleção de lingerie Very Sexy.

Compre dois sutiãs Véty Sexy e ganhe uma calcinha v-string ou uma tanga combinando!, dizia o folheto.

Vanessa não sabia bem o que era uma v-string ou uma tanga. Ela comprava calcinhas de algodão Hanes Her Way e tops da Rite Aid, e nunca tinha entrado na Victoria's Secreto Ela

olhou o pôster da Gisele Bündchen usando a coleção Angels que enchia as vitrines.

Lingerie sem costura com um caimento

celestial ,dizia o pôster. Éclaro que qualquer coisa ficaria celestial em Gisele, mas será que ficaria bem nela?

Vanessa passou a alça da câmara no ombro e abriu a pesada porta de vidro da loja, pensando que podia ser meio divertido descobrir.

Ela foi abordada assim que a porta se fechou atrás de si.

- Bem-vinda à Victoria's Secret - disse uma loura mignon com um terninho preto apertado. - Posso ajudá-Ia a encontrar alguma coisa hoje?

Vanessa olhou para ela. Odiava vendedores que adejavam em volta das pessoas.

- Não - respondeu ela, dispensando a mulher. - Só estou dando uma olhada.

A mulher sorriu graciosamente.

- Tudo bem. Só para você saber, meu nome é Vanessa.

Vanessa olhou para ela, surpresa.

- É meu nome também - disse ela, sentindo-se meio mal por ter sido tão grosseira com a mulher. - Temos o mesmo nome.

A Vanessa Loura sorriu radiante para ela.

- Mas que coincidência! Bem, você não vai esquecer meu nome. Me chame se precisar de alguma coisa - depois ela se virou para ajudar outra cliente.

Vanessa olhou a loja. Perfume e música de câmara enchiam o ar, e o carpete era de um vermelho aveludado profundo.

Mesas redondas cobertas de cetim vermelho tinham pilhas d tangas e calcinhas em cores sólidas, padronagens animais e florais. Em cada parede havia prateleiras de sutiãs de renda, cetim stretch e algodão. Havia corpetes, tangas, v-strings e shortinhos. Anáguas, bustiês, ligas e cintas-ligas.

Vanessa nunca tinha visto tanto espaço dedicado ao tipo de vaidade de mulherzinha que ela sempre abominou. Mas talvez, só talvez, um conjunto de sutiã de renda meia-taça Very Sexy e uma tanga de renda fosse o tipo de coisa que ela precisava para ficar tão irresistível para Dan, que ele teria seu momento poético orgânico ou o que fosse que estivesse esperando e decidisse que estava pronto para transar.

Ela foi a uma prateleira de sutiãs de renda vermelhos e vasulhou.
34B, 36C, 38D.

Nem mesmo sabia qual era o tamanho dela. Debaixo da prateleira de sutiãs havia uma prateleira de calcinhas de renda, mais para tiras de renda do que para calcinhas - tiras *extremamente* pequenas. Vanessa examinou as etiquetas. Então *isso* era uma tanga. Bom, não pareciam assim tão ruins. Ela olhou em volta da sala, procurando pela xará loura.

- Decidiu se quer experimentar alguma coisa afinal?- perguntou a Vanessa Loura, saindo de um balcão à esquerda de Vanessa, onde estava ocupada dobrando uma pilha de tangas de algodão brancas.

Vanessa deu de ombros, desamparada.

- Hmm, tem preto? - ela ergueu um sutiã meia-taça de renda vermelho Very Sexy.

- De que tamanho precisa? -perguntou a VanessaLoura.

Vanessa franziu a testa. Como podia ter chegado aos 17 anos sem saber qual era o tamanho de seu sutiã?

Não sei bem - murmurou ela quase inaudivelmente.

Vanessa Loura sorriu de um jeito benevolente.

- Vamos para uma sala de provas, e aí vou medir você.

Depois falamos do que está procurando. Vamos encontrar alguma coisa no estilo que você goste, que fique bem em seu corpo e seja confortável também! O que acha? Vanessa assentiu com relutância. Não gostava exatamente da idéia de alguém medir seus peitos e não sabia o que queria, mas a Vanessa Loura parecia uma profissional e ela já havia ido longe demais para desistir.

- Desde que seja preto - insistiu ela.

Nós sabemos, nós sabemos.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

AME SUA IRMÃ, MAS NÃO DEMAIS

Chamou minha atenção que a gente não tenha ouvido um pio sobre o meio-irmão de trancinhas de **B**, o adorável **A**. Você pode estar pensando que ele está ocupado demais estudando para as provas e se reunindo com a nova banda. MAs não. Ele está se *escondendo*. E eu estou quase convencida de que o motivo para ele se esconder é porque ele está lidando com uns problemas sérios. O mais recente deles é que ele convidou seu amigo baterista **M** para ir com ele para o St. Barts, e desconfio de que o motivo para ele fazer isso é que **M** manterá **B** ocupada e fora de sua vista.

Seu e-mail

P: Cara GG,

So da turma de saúde de **J** e sei que ela está fazendo terapia por causa da obsessão que tem com umbigos. Ela, tipo assim, tem de ir ao banheiro toda hora pra ter certeza de que o dela ainda está lá, e quando trocamos de roupa para a aula de educação física ela sempre olha para o de todo mundo. É mesmo uma aberração.

- ronisays

R: Oi, ronasays,

E daí, qual é o problema? Umbigos são sensuais. Pelo menos o *meu* é.

- GG

P: Oi, GG,

Só estava pensando que você gostaria de saber que eu acho que moro no mesmo prédio da **B** que você sempre fala, e às vezes eu pego a correspondência dela por engano. A mãe dela recebe toneladas de cartas da New Beginnings, que é ou uma clínica de fertilidade ou um centro de aconselhamento para drogas e álcool. Eu procurei na lista telefônica.

- peekaboo

R: Oi, peekaboo,

Vamos esperar que ela só dê dinheiro a eles e não use realmente seus serviços.

- GG

Flagra

S dando ao porteiro um boneco de neve de chocolate sólido com um metro de altura embrulhado em papel dourado da **Godiva**. **Flow** realmente está exagerando, a não ser que **S** tenha outro admirador - ela joga os cartões fora sem nem mesmo ler. **D** olhando a água no píer da 79, procurando por inspiração. **V** em um bar em Billyburg, testando sua nova figura aprimorada pela **Victoria's Secret**, talvez? **B** e **S** saindo do **J. Sisters Salon**, depois de fazer depilação com cera para o St. Barts.

Parece que vai ser surpreendente por lá!

Tenham férias maravilhosas e não se esqueçam de se divertir como loucos. Eu sei que vou. Vejo vocês lá!

Pra você que me ama,

gossip girl

b está presa na classe econômica, atraindo homens como moscas

Blair Waldorf, Ensaio da Proposta para a Universidade de Yale, 23 de dezembro

O que eu mais gosto na persona de cinema de Audrey Hepburn é que ela é ativa e

acessível ao mesmo tempo. Ela paira, mas tem os pés no chão. É misteriosa, mas aberta.

Blair parou de digitar e pressionou o backspace de seu iBook até que todas as palavras fossem apagadas. *Persona de cinema?* Que diabos era isso? Fazia com que ela parecesse alguma anormal que banca a cineasta, como Vanessa Abrams, a de cabeça raspada e joelhos gordos da turma de cinema. O caso era que Blair tinha de escrever sobre Audrey Hepburn como aparecia nos filmes, e não como uma pessoa real, porque Blair sinceramente não sabia tanto sobre a verdadeira Audrey, a não ser que tinha parado de usar Givenchy quando ficou mais velha, cortou todo o cabelo e só usava calça cáqui e gola rulê preta o tempo todo. Blair tinha pegado um monte de livros sobre Audrey Hepburn na biblioteca, mas nem passou do primeiro capítulo. Não queria saber dos problemas de colite de Audrey, nem de seu trabalho no UNICEF. Era muito mais interessante *imaginar* como tinha sido a vida de Audrey do que ler sobre a vida real.

- O que está escrevendo? - perguntou Miles, completando o suco de laranja com uma minigarrafa de vodka Smirnoff.

Aaron tinha convidado Miles para passar o Natal com ele no St. Barts e decidiu não contar a Blair até que se encontrassem no balcão do check-in da United Airlines. Era bastante óbvio que o único motivo para Miles ter ido era porque ele achava que passaria todo o tempo da viagem com Blair. Mas Blair estava decidida a fazer com que ele entendesse, antes mesmo da aterrissagem, que ele havia cometido um triste erro.

- Nada - retrucou ela sem olhar para ele.

Eles tiveram de sair do apartamento na péssima hora das 7:45 da manhã. Agora era uma da tarde e o avião ainda estava a uma hora de St. Barts. Aaron estava dormindo- ou talvez estivesse só fingindo, para não ter de ver Miles dando em cima de Blair. Serena estava ouvindo Coldplay no discman, aliviada por estar longe da inundação constante de presentes de Flow. Tyler jogava xadrez em seu Game Boy e estava de mau humor, porque no último minuto a mãe de seu amigo, o príncipe Rolf von Wurtzel, decidiu não deixar que Rolf fosse para St. Barts com Tyler porque o jovem príncipe alemão tinha um problema constrangedor de fazer xixi na cama. Blair mexeu os cubos de gelo de sua bebida com um canudinho de plástico marrom. Graças a Deus pelos pequenos privilégios.

- Tentei falar com você a semana toda - disse Miles enquanto reclinava a poltrona numa tentativa de esticar as pernas compridas. Para grande consternação de Blair, todos estavam espremidos feito sardinhas na classe econômica. - Mas eu devo ter escrito seu número errado ou coisa assim.

Blair continuou com os olhos na tela do computador. *Não*, respondeu ela em silêncio. *Eu é que dei a você o número errado.*

Miles estendeu o braço e passou os dedos pelas pontas do cabelo de Blair.

- Senti saudade - sussurrou ele.

Ela olhou para ele, sem sorrir, e afastou os olhos novamente, perguntando-se o que Audrey Hepburn faria nessa situação desagradável.

Sabe aqueles fanáticos religiosos que têm adesivos no carro que dizem: "O que Jesus faria?" Bem, Blair tinha um parecido que dizia: "O que Audrey faria?"

Não é que ela tivesse alguma coisa errada contra Miles. Ele não era um sebo e usava roupas Armani maravilhosas. Ele era bonito e era amigo de Aaron, que também era um cara legal, embora, se ela pudesse escolher, não teria meio-irmão nenhum. Blair devia ter se sentido lisonjeada com a atenção de Miles, e talvez se sentisse, se estivesse com humor

para azarar o cara. Mas a realidade era que, à uma da tarde, espremida na classe econômica de um avião pequeno e vagabundo, com o computador no colo e o cabelo sujo num rabo-de-cavalo, ela não estava com vontade de paquerar ninguém.

- Com licença, senhorita, estaria interessada em um exemplar da *Vogue* britânica?- perguntou o comissário de bordo da primeira classe. Ele parecia um Pierce Brosnan mais novo e mais alto e, se não estivesse usando um uniforme United Airlines, bem que podia ser um gato.

Blair pegou a revista. Percebeu que o comissário de bordo não estava passando a revista a todos na classe econômica, só ela.

- Posso lhe servir uma bebida? Champanha?- ofereceu ele com uma piscadela.

Blair largou a revista no chão. Não dava para ele ver que ela estava ocupada?

- Não, obrigada- respondeu ela.

Miles entregou o copo vazio de vodka com suco de laranja ao comissário.

- Vou querer outro desse.

O comissário de bordo pegou o copo, olhando irritado porque tinha perguntado especificamente a Blair se ela queria alguma coisa e agora ia ter de bancar o garçom para o arrogante adolescente sentado ao lado dela.

Miles voltou a mexer na ponta dos cabelos de Blair.

- Não vai ler a revista?

Blair queria dizer a ele para enfiar a revista no rabo de Armani dele, mas ela sabia que nessa situação Audrey permaneceria calma e continuaria a fazer o que estava fazendo na esperança de que o impertinente entendesse a dica e a deixasse em paz.

Ela voltou sua atenção para o ensaio. O que queria dizer era que Audrey tinha todas as qualidades que Blair achava que uma mulher devia ter. Estilo, beleza, graça, inteligência, espirituosidade, coragem e um certo mistério que faziam com que os homens se apaixonassem por ela. Mas Blair não era idiota. Não podia dizer em sua proposta para Yale que o motivo de admirar Audrey Hepburn era que ela era irresistível para os homens- especialmente depois de Blair ter beijado o entrevistador.

A Srta. Glos tinha dito a ela para não ser literária demais. Blair colocou os dedos no teclado novamente e começou a digitar, deixando que as palavras fluíssem, sem planejar o que ia dizer.

Às vezes eu sonho que sou Audrey Hepburn. Sinto-me mais leve e mais pura, e falo com o mesmo sotaque elegante dela. Audrey fazia tudo parecer mais fácil. Ela nunca teve provas de estudos avançados, nem teve de reescrever um ensaio imbecil para uma proposta de universidade. Nunca teve de sair de férias com a mãe nem com o padrasto gordo e irritante, nem com o irritante e excitadinho amigo do meio-irmão. O namorado dela nunca a trocou por uma garota de dez anos. E, mesmo quando tinha problemas, ela os guardava para si mesma e lidava com eles sozinha, em vez de contar a todos no mundo, inclusive ao entrevistador de Yale. Quando eu sou a Audrey sinto que posso dominar o mundo.

Blair releu o que tinha escrito e depois marcou o parágrafo todo e o deletou. *Quando eu sou Audrey eu sou uma psicopata* era mais adequado.

"E é um lindo dia na região, enquanto começamos nossa descida a St. Barts", a profunda voz do capitão saiu do sistema de voz do avião. "Quero aproveitar para

agradecer a todos por voarem conosco hoje. Especialmente quero agradecer à linda morena na 24B. Tenham ótimas festas, e espero que escolham a United novamente sempre que viajarem."

Vinte e quatro B. Blair olhou para a pequena etiqueta no teto. Era o lugar dela. Ela *imaginou* que o piloto deu em cima dela ou ele deu mesmo?

Miles ainda estava afagando os cabelos dela. O comissário de bordo voltou com o drinque de Miles e uma taça de champanha para Blair, embora ela tivesse dito que não queria.

- Com os cumprimentos do piloto- disse o comissário de bordo com um sorriso malicioso.

Blair se sentiu como Mia Farrow em *Alice*, o filme de Woody Allen que o Sr. Beckham fizera a turma ver não uma vez só, mas duas. No filme, Alice- aquela obtusa mãe da Park Avenue- foi a um lugar estranho em Chinatown, onde comeu aquelas ervas daninhas chinesas interessantes que atraíam os homens feito moscas.

Como nunca recusa uma bebida quando lhe é estendida, Blair pegou a taça de champanha e fechou o laptop, enfiou-o na pasta Louis Vuitton e a colocou debaixo do assento da frente. O avião estava começando a descer, e o lado de fora da janela o mar quente do Caribe brilhava promissor. Blair girou o anel de rubi repetidamente no dedo, ansiosa para colocar o novo biquíni preto Gucci e ir à praia, ficar longe de tudo e de todos.

Aaron abriu os olhos e se endireitou na poltrona, bloqueando sua visão. Ele sorriu para ela.

- Terminou seu ensaio?

- Vá se foder- respondeu Blair.

d está pronto, ou não

- Mais curry!- rosou Rufus Humphrey para o molho de tomate depois de prová-lo.- Mais rum!- Era sexta-feira à tarde e sua farra anual de feriado devia começar em uma hora.

- Mas, pai, a lasanha não devia ser italiana?- argumentou Dan.

O pai dele venceu as bastas sobranceiras grisalhas e limpou as mãos sujas de molho na camiseta SAVE THE COMMIES! branca e suja.

- Quando foi que você virou pão-duro?- Ele acenou uma colher de pau acima da cabeça dele.- Não existem regras, só possibilidades!

Dan deu de ombros e colocou alguns copos de rum escuro no molho. Não surpreendia que todos sempre delirassem com a lasanha do pai dele. Depois de algumas mordidas, ficavam num porre completo.

- E aí, quem é o cara que sua irmã convidou?- perguntou Rufus. Ele usava palavras como *cara* para zombar da forma como Dan e Jenny falavam. Era totalmente irritante.

O nome dele é Nate- disse Da distraidamente.- É muito legal- acrescentou ele, embora tivesse muita certeza de que o pai desprezaria Nate, que usava camisa pólo e tinha um corte de cabelo caro. Usava sapatos e cinto de couro, e em geral estava tão chapado que não podia ter uma conversa sem irromper em uma risadinha asinina no meio dela. Mas Da não se preocupou em explicar isso ao pai. Estava distraído demais com o fato de que Vanessa ia chegar a qualquer minuto e ele quase se convencera a dizer a ela que queria transar.

- Bem, vamos esperar que esse Nate goste da Lasanha Punjabi- gracejou Rufus, enchendo chianti a caneca gigante de café dos Mets.

A campainha da porta tocou e Rufus correu para receber o velho amigo, Lyle Gross, que ele tinha conhecido no parque vinte anos antes. Lyle era um daqueles caras que não envelhecem, e sempre os vemos sentados em um banco de parque, ouvindo um jogo dos Mets no rádio portátil e estudando um exemplar de semanas do *Daily News* que tinha encontrado no lixo. Era um escritor, disse ele, embora Dan nunca tenha visto nenhuma prova disso.

- Trouxe uvas- anunciou Lyle. Tinha penteado o cabelo grisalho sobre a careca e usava um suéter amarelo-mostarda, calça de lã marrom e um tênis Nike branco. Havia feridas em todo o pescoço, onde ele se cortou enquanto se barbeava. Era meio difícil olhar para ele.- Oi, Danielson!

- Oi.- disse Dan. Lyle sempre acrescentava uns floreios ao nome das pessoas. Provavelmente ele achava que era hilário, mas Dan não via nenhuma graça nisso. Rufus pegou as uvas e as atirou para Dan.

- Coloque umas dessas aí dentro também- ordenou ele.

- Tudo bem.- desconfiado, Dan pegou algumas uvas do saco e colocou no molho. A essa altura ele podia jogar um dos ccôs de Marx ali que ninguém ia notar. Marx era seu gato obeso, que agora estava esparramado na mesa da cozinha, entre um baguete e uma rodela enorme de queijo parmesão.

Enquanto Rufus e Lyle estavam na sala escolhendo um vinil da colação de Rufus, Dan mexeu o molho com a mão trêmula, perguntando-se como exatamente devia mencionar o assunto sexo com Vanessa. Ele disse a ela que queria que fosse orgânico, mas a quem ele estava enganando? Agora só o que queria era que acabasse *rápido*, para que pudesse voltar a escrever, porque estava enjoado de ficar olhando o bloquinho preto com a cabeça tão branca e vazia quanto a folha de papel.

Dan mexeu o molho cada vez mais rápido, até que o grude vermelho de tomate transbordou da beira da panela. Ele simplesmente ia ter de falar de estalo e esperava que Vanessa não risse dele.

v está no lugar certo na hora errada

Vanessa já devia estar na casa de Dan, mas tinha carregado todo o equipamento de cinema comj ela, e foi uma pedreira - primeiro no metrô da linha L de Williamsburg para a 14 Oeste e depois na linha E para o Central Park -, e a tarde estava tão bonita que seria uma pena não filmar alguma coisa enquanto estava na rua. Tinha nevado na noite anterior e os caminhos do parque estavam congelados e escorregadios. A caminho do lago congelado, Vanessa queria ter colocado a nova roupa íntima Victoria's Secret na bolsa em vez de estar usando debaixo das roupas. A renda parecia fria na pele e estava arranhando em todos os lugares errados.

Depois do lago havia um imenso carvalho, os ramos caindo com os pingentes de gelo. Vanessa pegou a câmera da caixa. Podia filmar os pingentes e usá-los nos créditos de abertura do ensaio cinematográfico sobre Nova York. Que maneira bacana de introduzir o filme. Por um momento, as pessoas pensariam que tinha sido rodado numa serena área rural. Depois ela cortaria para alguma coisa distintamente urbana, como carregadores de carne desembarcando carcaças sangrentas na West Street.

Ela perdeu tempo com as lentes, tentando fazer um close dos pingentes e depois voltando

a uma panorâmica. Parecia meio *National Geographic* fazer isso de outra forma. Dan sempre lhe dizia que ela precisava ter mais ação nos filmes, mas Vanessa insistia em que cinema era exatamente como poesia. Nada tinha de acontecer necessariamente; só era preciso sentir alguma coisa.

E enquanto Vanessa estava parada na neve, na margem do lago congelado, tentando capturar a beleza momentânea e perfeita dos pingentes de gelo, ela definitivamente sentiu uma coisa: uma tanga preta de renda congelando na bunda.

Naquela tarde, Nate tinha levado Jenny para ver a matinê de *O quebra-nozes* no Lincoln Center. Foi exatamente como Nate se lembrava, com a enorme árvore de Natal e os espantosos camundongos em tamanho natural brigando. Jenny ficou sentada maravilhada, fascinada pela música, pelo cenário, bailarinos e o figurino - especialmente a Fada do Açúcar. O coração dela ficou a ponto de explodir no fim, quando Clara e seu príncipe Quebra-nozes vão para o céu num trenó puxado por cavalos.

Depois, Jenny e Nate deviam seguir direto à casa dela para o jantar de Rufus, mas não havia uma forma mais perfeita de destruir uma tarde do que ir a pé para a casa do pai, que, com aquela camiseta dele, estava na cozinha despejando rum e um frasco de ketchup tamanho econômico em uma panela. Nate fora *tão perfeito* o dia todo, segurando a mão dela e apontando para as partes preferidas do balé. Até a *aparência* dele era perfeita, no paletó de cashmere cinza e camisa azul de pervinca.

Então, em vez disso, Jenny decidiu ir para casa pelo caminho mais longo, através do Central Park.

Quando chegaram ao caminho para o lago dos barcos, ela pegou a mão de Nate e apertou. Suas botas pretas de camurça tinham um solado liso e ela escorregava no gelo. Agora que não estava mais distraída pelo balé, ela não conseguiu deixar de perceber a estranha sensação de irritação na bunda. Em silêncio ela lembrou a si mesma para relaxar - não estava com a calcinha enfiada, só estava usando a nova tanga.

A mão livre de Nate estava agarrada ao saquinho de erva no bolso do paletó de lã, mantendo-a aquecida. Não havia nada pior do que erva congelada. Fica toda ensopada e faz uma fumaça tremenda quando você acende. Ele pretendia acender assim que saíssem do balé, mas havia alguma coisa de surreal e bonita no sol mergulhando na neve e no calor da mão de Jenny na sua que o fez não se incomodar em apertar um. Ele só queria conversar.

- É um saco ter de ir para o Maine amanhã - disse ele. - Mas já terminei minha proposta para a universidade, então vai ser bom ir para um lugar tranquilo. Meu entrevistador na Brown disse que eles têm um curso novo bacana chamado Estudos de Ciência e Tecnologia. Eu estava pensando que, se for para lá, eu podia desenhar barcos como parte da minha graduação.

Jenny assentiu, concentrada nos pés. Ela não queria que Nate viajasse amanhã. Não queria que ele fosse para a universidade também.

O lago estava à vista agora. Na primavera, Nate gostava de ficar no gazebo, apertar um e olhar os patos e os filhotinhos nadando por ali. O lago agora estaria totalmente congelado. Talvez eles até pudessem andar nele.

- É estranho - continuou ele. - Nessa época, no ano passado, eu sabia exatamente onde estaria no ano seguinte: aqui, na cidade, indo para a escola e zanzando com os amigos, como sempre fiz. Mas não tenho idéia de onde vou estar no ano que vem. É muito louco.

Jenny voltou a olhar para Nate, perguntando-se como ele reagiria se ela lhe dissesse agora mesmo que o amava. O rosto dele estava rosado do frio, bem como a ponta das orelhas adoráveis e perfeitas. Ele era tão lindo que Jenny tinha vontade de gritar sempre que olhava para ele.

- Estou usando o fio dental-Jenny soltou antes que conseguisse se conter. Ela começou a andar mais rápido. Não conseguia acreditar que tinha dito isso!

- Peraí. O quê? - Nate acelerou o passo para acompanhá-la. Nem tinha ouvido o que ela disse.

Jenny soltou a mão dele.

- Estou usando o fio dental! - exclamou ela, agora um pouco mais alto. Depois ela riu e começou a correr, escorregando e deslizando pelo morro até o lago congelado.

Nate ouviu dessa vez. Ele soltou o saquinho e começou a correr atrás dela.

- Volte aqui! Eu quero ver essa tanga! - gritou ele com voz de vampiro.

Jenny guinchou e continuou a correr. Os olhos dela lacrimejavam do frio e a respiração estava presa na garganta.

Nate a perseguiu por todo o gelo coberto de neve, onde os pés de Jenny escapuliram debaixo dela, caindo estatelada sob um grande carvalho enfeitado com longos pingentes de gelo cristalino. Ele se atirou em cima dela como uma bomba e os dois rolaram, rindo sem fôlego e grudando neve nos cabelos.

Nate virou Jenny de bruços e puxou o casaco dela.

- Deixe eu ver, deixe eu ver! - gritou ele, segurando a calça de veludo preto de Jenny por trás e puxando-as para baixo para ter um vislumbre da bunda nua.

- Peraí! - gritou Jenny, rindo e guinchando. Ela fechou os olhos com força, incapaz de prender por mais tempo. Espere. Nate, eu te amo.

Nate se interrompeu por um momento, absorvendo a informação.

Depois, em vez de virá-la, beijá-la e dizer que também a amava, ele soprou ruidosamente uma das bochechas rosadas e bonitinhas do traseiro dela e depois a virou de costas, exalando nuvens de ar quente para o frio céu azul.

Jenny ficou estatelada por mais uns segundos, recuperando o fôlego. Depois se colocou de pé e arrumou as roupas.

Estava feliz por finalmente ter falado, mas teria sido muito mais legal se Nate dissesse a mesma coisa. Ele devia ter dito "Eu te amo" e depois a levado em um trenó a cavalo para a terra do nuncca.

Mas só o que Nate fez foi dar um pum-de-boca na bunda pelada de Jenny.

- Você não está usando a cueca com o veleiro, está? - perguntou ela cheia de esperança, tentando manter a brincadeira como tinha começado.

- Sei lá. - Nate desabotoou o cinto. Arriou as calças até os quadris. -Xadrez azul.

Desculpe.

- Tudo bem - respondeu Jenny rapidamente, puxando casaco em volta do corpo. - Ei - disse ela, mudando o assunto. - Vamos até a estátua de Romeu e Julieta. É a minha favorita e fica no caminho.

Nate passava muito tempo no parque, mas não tinha idéia do que ela estava falando.

- Que estátua de Romeu e Julieta?

Jenny esfregou os braços com as mãos.

- Deixa pra lá. Vou mostrar a você quando a gente chegar.

-Está com frio? - perguntou Nate, apoiando-se nos cotovelos e pegando a mão dela. - Venha cá. Jenny hesitou por um segundo e depois se abaixou. Nate a puxou para cima dele e passou os braços dela por baixo de seu casaco, beijando a testa e depois cada uma das bochechas rosadas e frias dela. Ela passou os lábios no queixo dele e não conseguiu resistir a dizer de novo. Talvez, só talvez, ele não tivesse ouvido da primeira vez.

-Eu te amo - sussurrou ela.

Desta vez Nate tinha de responder. Ele estava abraçado com ela e Jenny olhava nos olhos verdes dele com seus grandes olhos castanhos, esperando.

E eles tinham acabado de assistir ao Quebra-nozes, pelo amor de Deus, que era uma história de amor, para o caso de você não se lembrar.

- Eu também te amo - murmurou ele.

Depois eles se beijaram por um longo tempo. O chapéu vermelho de Jenny caiu e seus cachos castanho-escuros tombaram no rosto, escondendo-o.

Mas não muito bem.

Dan tinha dito a Vanessa que os filmes dela precisavam de mais ação. Bem, aqui havia definitivamente alguma ação. Sim, os pingentes de gelo eram ótimos, soberbos. Mas quantas vezes você via uma mulher com a bunda de fora na neve? Quantas vezes você via um cara totalmente arrumadinho arriando a calça em plena luz do dia no meio do inverno? E quantas vezes você via um casal rolando dentro do mesmo casaco em pleno lago congelado no meio da cidade mais movimentada do mundo? Se ao menos Vanessa tivesse um helicóptero, ela teria sobrevoado e filmado o caminho, subindo depois até que o casal fosse só um pontinho no meio da grade de Manhattan. Mas ela não tinha helicóptero, então teria de ser criativa na montagem. O melhor de tudo era que ela não tinha dado um zoom completo no rosto do casal, então eles podiam ser quaisquer pessoas de quaisquer idades - você com o seu namorado, ou sua avó com o namorado dela. Era pura poesia, rude e bela. Ela mal podia esperar para mostrar a Dan.

Espere aí. Será que vai fazer isso antes ou depois de mostrar a ele o que ela tem embaixo da gola rulê preta e da saia de lã preta?

Ia isla bonita

O resort Isle de IaPaix, na ilha de St. Barts, era o tipo de lugar aonde vão as celebridades que querem se esconder e as mulheres de meia-idade da sociedade de Nova York que querem e recuperar de uma cirurgia plástica. A não ser que seja alguém ou conheça alguém, você não pode se hospedar ali. Mas por mero acaso Cyrus Rose, o padrasto de Blair, tinha uma construtora que havia feito o resort, e assim as três vilas que ele e a mãe de Blair reservaram para a família eram as melhores de todas. A vila de Blair e Serena tinha um deque envolvendo a casa do qual podiam ver a piscina do resort, onde mulheres com mais de quarenta anos com peitos cirurgicamente aumentados e coxas cirurgicamente reduzidas deitavam-se em espreguiçadeiras usando óculos de sol enormes e maiôs sem alça, fingindo ler revistas de moda francesas enquanto tomavam um porre com o ponche de rum da casa.

Uma das mulheres tinha um pequeno bichon frisé, e até o cachorro usava óculos de sol. Do outro lado do deque, elas podiam ver o trecho perfeito de areia branca da praia, onde as mulheres mais novas estavam tomando sol de topless e os homens velejavam despreocupadamente em pranchas de windsurfe, fingindo não ver. O mar era tão claro e

num tom de azul-esverdeado tão perfeito que parecia falso.

Serena se sentou na varanda, fumando um Gitane e folheando a Elle francesa, esperando que Blair se arrumasse antes de encontrarem os outros na sala de jantar para um almoço tardio. Ela já havia lavado os cabelos, que caíam nos ombros nus e nas costas de seu top amarelo Diane von Furstenberg. Depois do banho, ela passou uma loção Lancôme de auto bronzeamento em todo o corpo e a pele já havia adquirido um castanho dourado saudável. A minúscula minissaia de brim

Agnes B. mal cobria as coxas, e nos pés estava um par de sandálias de tiras brancas de couro incrustadas de cristais.

Perto da grade do deque, um beija-flor sugava o pólen de um hibisco, adejando de uma flor a outra. Serena se perguntou por que não ficava numa só flor e tomava um bom e longo drinque em vez de ficar se mexendo tanto.

Boa pergunta.

- Olá? Perdão? - Serena ouviu um homem dizer com um sotaque francês. Ela apagou o cigarro com a sola da sandália e se levantou. Um cara usando uma camiseta Isle de la Paix estava parado ao pé da escada do deque, segurando um enorme buquê de flores tropicais raras. - Ça e'est pour vous, mademoiselle - anunciou ele, levando as flores para cima e entregando-as a Serena. Meu Deus. Será que Flow tinha espões ou coisa assim? Como foi que ele a encontrou? Serena pegou as flores e as cheirou.

- Obrigada.

- De nada - respondeu ele. Ele estava quase se virando quando Blair abriu a porta de tela da vila e saiu para o deque.

- É melhor que minha mãe tenha uma conta no bar disse ela a Serena antes mesmo de perceber o cara. Blair estava usando um tomara-que-caia de jérsei de seda bege que era praticamente da mesma cor de seu bronzeado Lancôme. De longe, parecia que estava completamente nua. Nos pés havia um par de sandálias vermelhas de borracha que tinha comprado na drugstore, e ela colocou um anel de diamante falso no dedão do pé esquerdo, experimentando um novo visual lixo-endinheirado. Ela percebeu o cara do resort olhando para ela. - Sim? - perguntou. - Parlez-vous anglais?

O cara pareceu envergonhado.

- Desculpe. Eu só queria dizer "bem-vindas" às duas garotas mais bonitas da ilha. Felizmente, o sotaque dele era muito sensual. Era a única forma de ele poder sair dessa dizendo alguma coisa completamente brega.

- Obrigada. A gente se vê depois - acrescentou Blair, dispensando-o.

- Desfrute das flores, mademoiselle - disse o cara, assentindo para Serena. Depois ele riu para Blair novamente e saiu.

Blair penteou os cabelos com os dedos e espiou o mar. Já estava ficando meio entediante levar cantada de cada homem por que passava.

Serena colocou as flores na mesa de rattan no meio do deque.

- De quem são? - perguntou Blair.

Serena deu de ombros.

- Não acho que você deva perguntar.

Blair foi até a mesa e pegou o cartão do vaso quadrado de vidro onde estavam as flores.

- "Tenha férias maravilhosas e não se estresse demais com os planos de casamento" -leu

ela em voz alta. - "Com amor, suas queridas amigas K e L"

Blair e Serena se olharam e explodiram numa gargalhada.

Serena estava realmente aliviada por descobrir que talvez Flow não tenha lhe mandado todos aqueles presentes. O boneco de neve de chocolate e o cesto cheio de baby barracudas, por exemplo. Talvez Kati e Isabel tenham mandado estes também.

Vamos - ela pegou o braço de Blair, puxando-a para a escada da vila. -Vamos deixar Cyrus nos pagar uma bebida!

Aaron e Miles já estavam no bar jogando gamão e tentando fazer com que Tyler comesse mexilhão frito. A mãe de Blair e Cyrus ainda estavam velejando no iate de alguém, então não os tinham visto ainda.

O salão de jantar do resort não era realmente um salão, sim um grande deque coberto de frente para a praia e o mar perfeitamente azul-esverdeado. De um lado do deque, havia um bar de bambu e vidro, com bancos de couro branco. Muito tropical chique moderno.

- Duas Cocas com rum, por favor - disse Blair em francês ao bartender. O bom em estar numa ilha francesa era que você não precisava se preocupar em mostrar identidade.

Não que ela mostrasse a dela com muita frequência.

Serena pegou o drinque e bateu o copo no de Blair.

- A nós - brindou ela. Depois as duas atiraram a cabeça para trás e beberam de um gole só.

- Uau - murmurou Miles, olhando Blair com admiração. Ele tinha vestido a calça cargo preta Armani e uma camisa pólo cinza-cimento Armani e parecia pálido, agora que estava fora da cidade. - Como fazem isso sem arrotar depois como um motorista de caminhão? Blair riu e limpou os lábios com as costas da mão.

- Prática.

Aaron sacudiu a cabeça. Suas trancinhas pareciam mais adequadas agora, com a praia ao fundo. Ele enfiou as mãos nos bolsos do short cargo verde-oliva.

- Não sei bem se isso é motivo de orgulho.

Blair revirou os olhos.

- Até parece que você nunca bebe.

Aaron deu de ombros.

- Eu bebo. Só que prefiro beber água quando estou com sede.

Tyler deu uma dentada no mexilhão e depois o cuspiu no guardanapo do coquetel.

- E Blair bebe todas - brincou ele.

Blair estava prestes a bater nele, mas então viu sua mãe e Cyrus andando pelas docas.

Cyrus segurava o cotovelo de Eleanor como se estivesse preocupado de ela tropeçar. Se fosse qualquer outra pessoa, Blair podia ter pensado que era doce, mas em sua opinião nada do que Cyrus fazia era doce.

Eleanor usava um vestido berrante rosa e verde Lilly Pulitzer coberto de sapos brancos que seria melhor se fosse todo de uma cor e cobrisse um pouco mais suas pernas não muito magras. Os cabelos com luzes estavam presos com uma faixa de linho branco, e seu rosto estava profundamente bronzeado. Cyrus estava com calça de linho vermelha de prega e uma camisa pólo listrada de azul-marinho e branco. O rosto dele estava vermelho e brilhava, e ele não poderia parecer mais porcino.

O que significa "como um porco", para os que se deram mal no teste de aptidão verbal.

Eleanor Waldorf Rose guinchou quando os viu ali no bar.

- Oi, meninos! - gritou ela, correndo e dando um abraço apertado em Tyler. Ela o largou e

se atirou em Blair. – Senti muitas saudades de vocês. E tenho tanta coisa para contar!
Serena sorriu educadamente.

- Oi, Sra. Rose - a mãe de Blair era meio excêntrica, mas era muito menos arrogante que a mãe de Serena.

Cyrus apertou a mão de Aaron.

- É bom ver você, filho. Meu advogado não me ligou, então acho que você e Blair conseguiram não incendiar o prédio enquanto estávamos fora.

Aaron riu.

- Ah, incendiámos. Estamos construindo um novo pra você agora. Vai ver quando voltar. Vai ficar muito legal.

Blair decidiu se divertir um pouco também. Ou talvez ela só estivesse bêbada.

- E eu estou grávida - disse ela. Ela pôs o braço em volta de Miles. - Este é Miles. Ele é o pai.

O riso desapareceu do rosto de Aaron.

- Desde quando você é comediante? – perguntou Eleanor, empinando a cabeça de surpresa para o senso de humor obscuro da filha.

Blair tirou o braço dos ombros de Miles e disparou para a mãe um sorriso torto.

- Desde que fui expulsa da Constance.

Serena riu.

- É uma cascadeira.

Cyrus pegou Blair com a pata carnuda e a puxou para um abraço.

- Alguém está de bom humor! - disse ele.

Não mais.

Largando Blair, Cyrus fez sinal para o bartender.

- Champanha para todos!

Blair estremeceu. Que coisa mais brega.

Eleanor deu um tapinha na barriga.

- Para mim não, querido.

Desde quando ela recusava champanha?

- Sobra mais para nós - Cyrus piscou para Blair e passou as taças para Aaron, Blair, Serena, Miles e Tyler. Deu a Eleanor uma taça de soda e depois ergueu a taça na frente dele. - A nossa grande família feliz - brindou ele, rindo feito um idiota.

Blair já havia tido o bastante de família por hoje.

- Podemos sentar para comer? - gemeu ela. – Estou faminta - não tinha vomitado desde que a mãe e Cyrus partiram, mas estava com a sensação de que qualquer coisa que comesse hoje não ia ficar nela por muito tempo.

Eles foram em bando para o salão de jantar ao ar livre e se sentaram em uma das banquetas brancas de couro. Um ventilador circulava preguiçosamente no teto e uma leve brisa soprava pelas folhas das palmeiras em volta. Todos, exceto Aaron, pediram hambúrgueres. Era um restaurante francês e não havia um único prato vegetariano no cardápio.

- Só quero salada e fritas - disse ele ao garçom, acendendo um de seus cigarros naturais especiais.

- Tivemos uma lua-de-mel maravilhosa - falou Eleanor entusiasmada, passando manteiga num pãozinho e devorando-o como se estivesse presa numa ilha há semanas sem comida nenhuma. Ela engordou tanto desde que saiu em lua-de-mel que Blair se perguntou se

devia dar um toque. Mas estou feliz que vocês tenham vindo, meninos.

Cyrus apertou o braço dela.

- E sua mãe e eu temos uma grande surpresa para vocês - disse ele, os olhos azuis mais bulbos os do que nunca.

Eleanor colocou os dedos cheios de diamantes nos quadris gordos.

- Shhh - disse ela. - Só no Natal.

Aaron sentiu o joelho de Blair tocar sua perna por baixo da mesa e, em vez de se afastar, ele o deixou ali. Era um de seus pequenos prazeres desvirtuados - o esbarrão casual do joelho, a mão dela roçando a dele quando ela pegava o pão, o hálito dela em sua orelha quando ela suspirava de tédio.

Ele sabia que Blair tinha acabado de tomar banho, embora o cabelo dela estivesse seco, porque ela cheirava a seu xampu favorito, de coco, da Kiehl. Ele também percebeu que a pele dela estava mais dourada do que quando estavam no avião, então ela obviamente usou algum tipo de loção de bronzeamento logo depois que chegou. Ele sabia que as unhas dela estavam pintadas de rosa-claro e que ela estava sem relógio. E ele se odiou por perceber estas coisas, porque eram coisas que um irmão não devia reparar.

Tyler encarava desanimado sua Coca-Cola. Queria ter um selo de discos um dia e fazer clips para a MTV. Não só era um saco ter só 11 anos de idade e ter de passar as férias com a família em vez de ir para a Ozzfest, como também todos os outros tinham um amigo ali menos ele.

- Não esquenta, cara - disse Aaron, percebendo o lábio inferior projetado do meio-irmão.

- Assim que a gente comer, Miles e eu vamos levar você pra fazer jet-ski.

Tyler pescou uma palha do copo e tentou acendê-la com o Zippo de Aaron.

- Legal - disse ele, tentando manter a imagem de mau enquanto usava short cáqui de pregas absurdamente nerd e uma blusa Lacoste verde.

Então a comida chegou, e Cyrus e Eleanor começaram a falar dos pontos altos do cruzeiro de lua-de-mel. Na semana passada eles subiram um vulcão e viram raias-lixas na Martinica. Em St.Johns, Cyrus comprou para Eleanor um broche de coral e diamante que tinha sido encontrado em um navio naufragado. E em Virgin Gorda eles tomaram coquetéis com Albert Finney, que supostamente era um ator antigo muito famoso de que nenhum deles jamais ouvira falar.

Serena se desligou. Ela e Blair estavam sentadas de frente para a praia, e no céu acima da água um hidroavião fez um loop e mergulhou. Logo ficou evidente que o avião escrevia letras no céu. Como faziam isso? E não seria divertido se o piloto fosse semi-analfabeto? Ela semicerrou os olhos enquanto lia a palavra se desenhando no céu, supondo que seria em francês.

S-E-R-E-N-A.

A mão de Serena voou para a boca e ela cutucou Blair com força no cotovelo. Blair cutucou Serena com a mesma força. Ela pegou um cartãozinho branco dobrado, colocado no centro da mesa, e entregou a Serena.

Os dedos de Serena estavam tremendo enquanto ela lia a tipologia dourada impressa no cartão:

Por favor,façam suas reservas para a Isle de Ia Paix

Festa de Natal apresentando o 45

De oito à meia-noite

Serena pegou a mão de Blair e apertou. A única coisa que manteria as duas sãs nesse

Natal era ficarem de porre juntas.

- Ah, olha! - sibilou Eleanor, fazendo com que Serena e Blair saltassem na cadeira. Ela apontou para a mesa de recepção do restaurante. - São Misty e Bartholomew Bass! Ela baixou a voz para um sussurro. - Ouvi dizer que Misty removeu o fígado... ela tem um problema terrível com a bebida... mas eu acho que ela está bem. Eu me pergunto se eles vieram para cá de barco. Que maneira inteligente de ficar a seco. Quer dizer, não se pode beber muito em um barco se não levar nenhuma bebida alcoólica.

Misty e Bartholomew Bass, pais do infame Chuck Bass, estavam dando entrada no hotel, uma pilha de malas Louis Vuitton aos pés deles. Blair e Serena esperaram que Chuck aparecesse atrás dos pais - seria muita sorte delas -, mas não havia sinal dele.

- Foi o apêndice dela, mãe - disse Blair depois de um minuto. Parecia que Chuck tinha ficado em casa, graças a Deus. - Ela teve apendicite. Não foi grande coisa.

- Bem, não foi o que eu soube - insistiu Eleanor. - De qualquer forma, não sei se eles vão passar o Natal aqui. Ela olhou em volta no restaurante, afagando o broche de diamante e coral com a ponta dos dedos. - Eu soube que algumas celebridades costumam ficar aqui também, embora não tenha visto nenhuma que eu reconhecesse.

Cyrus a fez se calar colocando uma batata frita na boca de Eleanor.

- Só para ter certeza de que está consumindo todas as vitaminas e sais minerais, querida - disse ele amorosamente.

Blair tinha certeza absoluta de que a mãe não precisava de mais batata frita e também tinha certeza absoluta de que não queria ficar sentada ali vendo Cyrus alimentar a mãe. Isso lhe dava uma vontade ainda maior de vomitar.

- Com licença - murmurou Blair e disparou da mesa em busca do banheiro das mulheres mais próximo.

Todos estavam tão acostumados com as saídas repentinas de Blair que ninguém deu a mínima para isso, mas Serena odiava pensar em Blair no banheiro forçando o vômito. Ela deixou o guardanapo de pano sobre o hambúrguer intocado.

- Obrigada pelo almoço - disse ela com a voz fraca. Depois se levantou e correu atrás de Blair para ver se ela estava bem, mantendo os adoráveis cabelos louros para baixo no caso de Flow estar ali por perto, espiando por trás de uma palmeira.

quem realmente quer saber da victoria's secret?

- Espere só para ver o que acabei de comprar - disse Vanessa Dan enquanto se sentava a mesa da sala de jantar do pai dele.

Jennye Nate ainda não tinham chegado, mas Rufus havia bebido vinho tinto demais e estava ansioso para comer. - É totalmente maluco. Vai ficar muito orgulhoso de mim.

- Você é cineasta, Vanessamonda? - perguntou Lyle, O amigo do pai de Dan, servindo-se de um pouco de lasanha.

- Que tipo de filmes você faz?

Vanessa bebeu um gole de água.

- Em preto-e-branco. Sabe como é, Sem muita ação.

Lyle encheu o resto do prato com feijões assados, O acompanhamento que Rufus tinha escolhido para servir com a lasanha.

- Filmes de arte, hein?

Vanessa assentiu.

- Acho que sim.

- Estou mais para os filmes de aventura. Já viu *A mumia*?

Para mim, é um filme perfeito.

Mas Vanessa não estava ouvindo. Nate e Jenny tinham acabado de chegar e estavam tirando o casaco no vestibulo.

- Desculpe, pai - Jenny estava sem fôlego, tirando o chapéu. Vanessa reconheceu o chapéu imediatamente. Era vermelho e felpudo, como o da garota no parque. E Nate estava usando um casaco azul-marinho comprido, como o do cara no parque. Ele também tinha o mesmo jeito de mauricinho e os mesmos cabelos castanho-dourados. Vanessa baixou o garfo.

Epa.

- Pai, esse é o Nate - disse Jenny, levando Nate para a mesa. Ela parecia estar dançando em volta da mesa, beijando todo mundo ali. Não sabia que era possível ficar tão feliz.

Nate tinha dito que a amava!

Nate apertou a mão do pai dela.

- Prazer em conhece-lo, Sr. Humphrey.

Rufus estava de boca cheia e usou o vinho para ajudar a engolir.

- Nate, meu rapaz, você é o motivo de minha filha ter pegado mais de quatrocentos dólares emprestado comigo no último mês é ótimo finalmente conhecer você - Rufus afastou da mesa a cadeira ao lado da dele. - Venha, sente-se.

Jenny estava tão alvoroçada que nem se importou de o pai tê-la constrangido. Ela só esperava que ele fosse legal com Nate.

- Então, diga-me, Nate - tornou Rufus, servindo o vinho de um galão na taça de Nate. - Qual é a sua?

Nate sorriu. O pai de Jennifer parecia legal.

- Barcos - respondeu ele. - Meus pais tem uma casa em Mount Desert, no Maine. Eu e meu pai fazemos barcos e velejamos lá.

Dan esperava que Rufus começasse a devorar Nate vivo, esbravejando sobre o egoísmo da classe ociosa e a inutilidade de coisas como veleiros, mas Rufus parecia estar fascinado e continuou fazendo perguntas a Nate.

Normalmente, uma hipocrisia dessas teria deixado Dan maluco, mas ele também estava distraído demais com o que queria dizer a Vanessa para se incomodar com seu pai falando merda com um chapado mimado como o Nate. Ele pegou sua lasanha. Mais dez minutos e ia pedir licença para que ele e Vanessa pudessem "conversar" em seu quarto.

De repente, Rufus bateu na mesa.

- Um momento, todos me passem os pratos. Acho que essa lasanha teria um gosto muito melhor se estivesse flambada.

- Pai - gemeu Jenny. Ele ia envergonhá-la totalmente.

Era inevitável.

Nate passou o prato a Rufus, que acendeu um fósforo e deixou cair na lasanha de Nate.

Tinha tanto rum no molho que a lasanha pegou fogo.

- É isso aí! - exclamou Nate.

Rufus riu alegremente e Jenny passou o prato para ele, um largo sorriso de excitação preso no rosto. Parecia que eles estavam noivando!

Dan não conseguiu aguentar mais. Virou-se e inclinou a cabeça para Vanessa.

- Posso falar com você um minuto? - Ele estava muito nervoso, as mãos tremiam.

- Tudo bem - rebateu Vanessa, de repente nervosa também. Será que ousaria ir adiante com isso e mostraria os trajes novos a ele? Lyle pegou o prato dela e ele voltou em chamuscas.

- Obrigada - murmurou ela distraída.

Dan se levantou.

- Vamos.

Vanessa pegou a bolsa e o seguiu pelo longo corredor até o quarto. O apartamento dos Humphreys era uma daquelas relíquias alugadas que não eram reformadas desde a década de 1940.

Era grande e sujo, com o piso de madeira rachado e a pintura descascando nas paredes, e cheirava a sapato velho e a encadernação mofada. Dan uma vez encontrou um baralho que fora impresso em 1955, ainda lacrado, em uma prateleira do escritório do pai. Todos os reis pareciam Elvis Presley. Eram espantosos.

- E aí? - começou Dan desajeitadamente enquanto fechava a porta do quarto. - Eu queria te dizer uma coisa.

Vanessa sentou-se no chão e desamarrou os cadarços da bota de combate. Se ia continuar com aquilo, tinha de fazer rápido, antes que parasse e pensasse no assunto.

- Arrã - ela tirou as meias de lá e enfiou nas botas. Duas noites atrás, ela deixou a irmã, Ruby, pintar as unhas dos pés dela de marrom-chocolate. Ainda estavam muito boas. Ela se levantou e desabotoou o cardiga preto.

Dan foi até a mesa e pegou o último bloco preto, pensando que talvez, se mostrasse a Vanessa como sua poesia estava ruim, ela entenderia por que ele tinha de transar. Ele folheou as páginas. Estavam cheias de começos de poemas como: *você é minha Frankenstein, minha Liechtenstein, minha divina.*

Nenhum deles tinha fim porque todos eram medonhos demais para que fossem concluídos. Lê-los o deixava vermelho de vergonha.

- Não consigo escrever mais nada de bom - disse ele, ainda folheando o bloco.

Vanessa tirou a saia de lã preta e puxou a blusa de gola rulê preta pela cabeça raspada.

Depois se levantou com as mãos nos quadris, esperando que Dan se virasse.

- E eu andei pensando, talvez o motivo de eu não conseguir escrever nada seja porque ... -

Dan fechou o bloco e se virou. - Eu preciso ... - Ele parou de repente.

Vanessa estava de pé, perto da cama dele, usando um sutiã meia-taça de renda preta e short de renda preta tão finos e transparentes que Dan podia ver tudo através deles.

E claro. E para isso que servem.

Ela riu e bateu as pestanas.

- O que acha?

Dan olhou para ela, aterrorizado. Era a última coisa que esperava ver.

- O que está fazendo?

Vanessa se aproximou dele, tentando não pensar no que eram suas coxas e a parte inferior do traseiro naquela tanga supercurta. Ela passou as mãos nos ombros de Dan. Todo o corpo dele tremia. Ela não sabia se isso era bom ou ruim.

Dan deu uma olhada no quarto.

- Não está filmando isso, está? - perguntou ele, desconfiado.

Em geral Vanessa perguntava a ele primeiro se ele queria estar num dos filmes dela, mas ele já havia visto Vanessa tentar filmar alguma coisa totalmente tosca sem dizer nada a ele primeiro.

Ela sacudiu a cabeça.

- Me beije - disse ela.

Dan cruzou os braços. Ele sabia o que Vanessa estava armando.

E daí? Eles estavam apaixonados. Por que ele simplesmente não atacava?

Qualquer outro cara definitivamente atacaria. Mas Dan não era um cara qualquer. Ele era Dan, o romântico sensível. Ele não queria que a primeira vez fosse atravancada por uma lingerie de renda preta. Era premeditado demais e clichê demais e... errado. Ele queria que fosse puro, espontâneo e... perfeito.

Dan deu um passo para trás e virou a cabeça para o lado.

- Desculpe - disse ele.

Vanessa entendeu que tinha pressionado Dan e talvez não estivesse sendo justa, mas estava só tentando se divertir um pouco. Também estava tentando se fazer irresistível para ele, mas ele obviamente era capaz de resistir bem. Ela pegou a saia na cama e rapidamente a vestiu sobre a cabeça, sentindo-se completamente humilhada.

Dan acendeu um cigarro e tirou um longo trago.

- Quer me mostrar o que você filmou no parque? - perguntou ele.

Hmmm. Talvez não.

Vanessa sacudiu a cabeça, incapaz de olhar para ele. Puxou a saia e abotoou o cardigã.

Dan colocou o cigarro em uma caneca de café vazia.

- Acho que a gente deve voltar a mesa, então.

Vanessa amarrou a bota e se levantou.

- Acho que vou embora - disse ela, a voz tremendo.

Não chorava desde que tinha uns quatro anos, mas parecia que estava prestes a chorar agora.

Dan assentiu, sentindo-se dividido entre perguntar a ela qual era o problema e querer que ela soubesse para que ele pudesse tentar escrever de novo. O que eles diriam um ao outro se ela ficasse, alias?

É estranho como um relacionamento pode mudar totalmente depois de ver sua namorada usando uma lingerie pequena.

Vanessa foi para a porta e a abriu.

- Tchau - disse ela baixinho.

- Tchau - respondeu Dan enquanto a porta se fechava.

Ele foi para a mesa, sentou-se e abriu o bloco, esperando que sua confusão sobre o que acabara de acontecer o inspirasse a escrever alguma coisa brilhante. Mas não aconteceu, e então ele ficou sentado ali, fumando feito uma chaminé.

a arte de j deixa n assustado

- Pode me dar licença, pai? - perguntou Jenny. – Quero mostrar meu quarto a Nate.

Rufus mal olhou para ela.

- *Mais oui* - disse ele em um francês terrível. - *Bien sûr*.

Jenny revirou os olhos. Quando o pai bebia muito vinho tinto, ele tentava assumir a personalidade de um poeta beat cool, fumando cigarros e falando francês num café boêmio.

Tal pai, tal filho.

- Venha - disse ela a Nate, levando-o pelo corredor para o quarto. Ela abriu a porta e

acendeu a luz.

Nate não esperava ficar surpreso com o quarto de Jenny.

o resto do apartamento era meio confortável e caído aos pedaços, como uma casa de campo que nunca era limpa, e ele esperava que o quarto dela fosse mais assim. Mas Jenny odiava as paredes lisas de um branco encardido, o teto rachado, o piso de madeira nu e os velhos lençóis brancos, e ela era uma boa artista. Então, nos últimos meses, ela começou a pintar, especificamente retratos, e seu tema favorito, naturalmente, era Nate. Havia seis deles no total, cada um feito no estilo de um artista diferente. Havia a Nate de Monet, no estilo impressionista; o Nate de Picasso, com as olhos nos pés; o Nate de Dalí, escorrendo numa poça na calçada; o Nate de Warhol, com os olhos verdes elétricos e a cabelo em, ouro, o Nate de Pollock, com a tinta respingada no formato de uma cabeça; e o Nate de Changall, com a cabeça de Nate voando pelo céu noturno.

- Gosta? - perguntou Jenny cheia de esperança. _ Estou tentando copiar todos os estilos diferentes. O Pollock é um dos mais difíceis.

Nate olhou boquiaberto as pinturas na parede. Não sabia qual era Pollock, nem reconheceu nenhum dos estilos dos outros artistas que Jenny usara, mas ele se reconheceu seis vezes e isso foi o bastante para fazê-lo parar.

-Então é nisso que eu passo a maior parte do tempo - explicou Jenny alegremente. Nate tinha sido tão encantador conversando com o pai dela que ela ficou ainda mais apaixonada por ele. Corajosamente, ela se ergueu na ponta dos pés e colocou as mãos nos ombros dele. -Eu meio que queria beijar você a noite toda - sussurrou ela com a voz rouxa; Nate ficou rígido, mas não da forma como você está pensando.

Sim normalmente esse tipo de avanço *daria* uma bela ereção, mas Nate tinha acabado de ter um quadro muito claro de Jenny passando horas sozinhas no quarto pintando aqueles retratos bons, mas extremamente estranhos, *dele*.

O caso era que ele tinha dito a Jenny que a amava. E ele meio que foi sincero o tempo todo. Mas será que ela agora esperava que ele, tipo, assim a deflorasse ou coisa parecida? Ele a beijou de leve na boca.

-É melhor eu ir. Tenho de fazer as malas para amanhã, essas coisas.

Jenny franziu a testa.

-Ah, por favor, não vá - ela riu e olhou para o chão. - Ainda estou como fio dental.

Nate tinha de sair antes que ela começasse a tirar as roupas na frente da coleção de artes dela. Felizmente não teve de inventar uma boa desculpa para ir embora *imediatamente*, porque o celular dele tocou.

Ele o tirou do bolso da colça e olhou o número que piscava na tela. Era Jeremy.

-E aí cara, onde você está?

-Estamos prestes a nos encontrar naquele bar da Rivington. Sabe qual é, aquele onde o Charlie foi expulso por acender um cachimbo do bagulho na saída de incêndio.

-Tudo bem, calma - insistiu Nate, pensando que, se fizesse que o telefonema parecesse urgente, Jenny ia deixá-lo sair.

-Hein? - disse Jeremy.

-Já vou praí - Nate desligou e pegou a mão de Jenny. -Desculpe, Jennifer, mas eu realmente tenho de ir. Jeremy disse que Charlie e Antony tiraram um E e estão pirando. tenho de ir lá ajudar os caras antes que eles causem algum prejuízo sério.

Jenny assentiu, o lábio inferior tremendo. Nate ia para o Maine amanhã. Ela não ia vê-lo por dias e dias.

-Tudo bem.

Ele a puxou num abraço.

-Vou voltar para o Ano-Novo. Fique direitinho, tá bem?

Ela fechou os olhos com força e o abraçou apertado.

- Eu te amo - nao conseguia se cansar de dizer isso.

Nate se afastou e pegou um panda de pelucia na cama de Jenny. Ele o colocou nos braços dela.

- Finja que sou eu - disse ele, beijando-a no nariz. Depois ele saiu do quarto e passou pelo corredor, acenando um obrigado educado ao Sr. Humphrey antes de saltar em urn táxi direto para o bar na Rivington Street, onde ia pagar um belo drinque ao amigo Jeremy em agradecimento por salvar a pele dele sem saber.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Desculpem se foi um adeus, mas voces sabem o que é certo: acabou a escola e cá estou eu - *toda noite!*

E DAÍ, QUEM TEM O LINK?

Tudo bem, então todos ouvimos falar daquelas pessoas no Eyewitness News que dao informações a policia porque por acaso estavam filmando 0 filho brincando no jardim quando aconteceu um tiroteio e eles pegaram o numero da placa do carro com sua camera digital ou sei fa com o que. Bem, tenho uma coisa aqui que é meio o contrário disso. Eu *sei* quem está na fita, ou, nesse caso, no link - mas como isso foi parar em toda a Internet? Tenho certeza de que voces agora sabem de que *link* estou falando.

Clique nele e vocês descobriroa uma cobertura excelente, de duas pessoas que conhecemos e amamos, na neve do parque, arriando a calça e rolando juntos dentro de um quente casaco de inverno. J até que tem uma bunda bonitinha, nao que eu tenha prestado atenção. E, mesmo com a cueca samba-canção, a bunda de N não decepciona. Não surpreende que o link esteja rolando pela Internet como o último CD ao vivo do 45. Não vamos dar nomes, mas tenho quase certeza de que V fez o trabalho com a câmera - vi seus ângulos artísticos e a mão firme. Mas por que ela colocaria isso na Web? Não faz sentido. Se foi ela que colocou, ela nunca vai se redimir e, se não foi ela, então, quem foi? Tenho de dizer uma coisa definitivamente pela primeira vez: estou perplexa.

Flagra

Esta veio do exclusivo resort Hotellsle de Ia Paix na ilha de St. Brats, hmmm, quer dizer, St. Barts: Flow saindo de uma pet shop em Gustavia - a única cidade de verdade em St.

Barts - levando uma gaiola. Não pergunte. A Sra. E.W.R. vomitando na cesta de lixo do toailete das mulheres. Agora sabemos de onde B tirou essa mania. B e S contrabandeando outro jarro de ponche de rum para sua vila, onde estão escondidas desde que chegaram ontem. EA tocando violão sozinho na praia. Ele pode ser uma gracinha, mas não há nada de sensual num pateta vegetariano com uma camiseta LEGALIZE HEMP. E aqui em NYC: K e I chorando e se abraçando na Park Avenue enquanto tomavam rumos separados para o Natal. Hmmm, talvez elas devessem trocar alianças de noivado.

Seu e-mail

P: Cara Gossip Girl,

Tenho um amigo cuja irmã mais velha é amiga do relações públicas de Flow, e ela contou a minha irmã que Flow está em St. Barts tentando passar pela crise de abstinência de cocaína.

- Brownie

R: Oi, Brownie,

Bem, já ouvi que St. Barts é tipo o paraíso das drogas, então, se você estiver certo, ele provavelmente não vai durar muito lá.

-GG

DECOREM OS CORREDORES

Hoje é véspera de Natal. A última oportunidade para comprar tudo de sua lista. A última chance de dar uma olhada debaixo da árvore e se certificar de que a maioria dos presentes está ali e, se não estiver, de colar novas etiquetas nas caixas.

A última chance de comer quantas trufas de chocolate Godiva seu coraçãozinho deseja. A última oportunidade para se sentir com cinco anos de novo e deixar biscoitos de mel para Papai Noel. É também a última chance para ser muito, muito legal com as pessoas que estão comprando presentes para você, para que elas afinal mudem de idéia e decidam comprar aquela bolsa Hermes Birkin de pele de porco.

Tenham um Natal muito legal!

Pra você que me ama,
gossip girl

s e b deixam que os meninos sejam meninos

A gente não pode só ficar aqui o dia todo - disse Serena a Blair. Era quase meio-dia na véspera de Natal e ela estava parada à janela de sua vila, olhando desejosa o deque na praia de areia branca e o mar turquesa além dele.

- Mas e Flow e Miles? - raciocinou Blair enquanto apertava a pasta Tom's of Maine na escova de dentes elétrica aun. - Achei que estávamos nos escondendo. - Blair pensou que se esconder na vila com Serena daria a ela tempo para trabalhar no ensaio para Yale, mas desde então só o que fizeram foi beber copos altos de ponche de rum com fatias de

laranja, cerejas marasquino e guarda-chuvas de papel, jogar bridge e pintar as unhas uma da outra de rosa. Era hora de fazer uma pausa em seu iBook.

Serena tinha outras idéias. Toda uma noite e metade de uma manhã presa fazendo nada tinha seus limites.

- Vamos para a praia – anunciou ela, puxando um short curto Miu Miu sobre a calcinha de seu biquíni branco. – E se alguém quiser falar com a gente, vai ter de falar com isto aqui - ela andou pelo quarto e afastou os pequenos triângulos brancos do sutiã de seu biquíni, mostrando rapidamente a Blair.

Blair ergueu as sobrancelhas e depois voltou a escovar os dentes. Cuspiu na pia.

- Quer dizer, fazer topless? - perguntou ela, já gostando da idéia.

Serena assentiu, um sorriso diabólico brincando no rosto.

- É exatamente o que eu quero dizer

Aaron, Miles e Tyler estavam tendo uma aula de windsurfe a alguns metros de onde Serena e Blair desdobraram suas toalhas de praia amarelas na areia, tiraram a parte de cima do biquíni e se deitaram de costas com os peitos nus para os céus.

- Argh - disse Tyler, virando-se de costas para não ter de ver.

Miles largou a vela e caiu na água. Chegou à superfície e sacudiu a cabeça para Aaron, que ainda estava de pé na prancha.

- Não consigo acreditar que você consegue viver com isso - disse ele com inveja.

A vela de Aaron estava ensopada. Ele puxou a corda com força, tentando erguê-la e bloquear sua visão da praia, mas, por mais que puxasse, a vela continuava embaixo da água. Blair provavelmente achava que estava sendo européia e sofisticada fazendo topless daquele jeito, mas na opinião dele aquilo era

coisa de piranha. Qualquer um que andasse por ali podia ver, e depois, no jantar, eles as veriam vestidas e seriam capazes de imaginar exatamente como eram nuas. Pensar nisso o deixava meio tonto.

O instrutor de windsurfe rastafári que usava Speedo, Prinz, andava na água de costas para a praia.

- Deixe eu dar uma mãozinha - disse ele e mergulhou, como um golfinho, surgindo sob a vela de Aaron e empurrando-a para cima da água com a cabeça.

Que truque legal.

Aaron puxou o cabo até que a vela ficasse onde devia, perpendicular à prancha. Ele agarrou a alça de borracha presa à vela e se inclinou para trás enquanto a vela pegava o vento.

A prancha deslizou na superfície da água, fazendo uns barulhinhos de tapas quando atingia as ondas e deixando um lindo rastro no caminho. Aaron se sentia extremamente cool. Estava conseguindo!

Um grupo de pessoas começaram a gritar atrás dele, e ele olhou por sobre o ombro.

Serena e Blair estavam de pé nas toalhas, ainda sem o sutiã do biquíni, batendo palmas e gritando para ele.

- Vai, Aaron, vai, Aaron! Que garanhão!

Aaron olhou para elas - ele não conseguiu evitar - por um segundo a mais. Quando se virou novamente, a prancha tinha atingido um banco de areia que saía da enseada e ele voou para trás, aterrissando como um caranguejo capotado de costas na água rasa.

Ai.

Miles queria falar com Blair, mas não tinha certeza se havia algum código tácito sobre a que distância chegar de uma garota de topless sem dar a impressão de estar olhando para ela com má intenção.

Prinz tinha nadado para resgatar Aaron do banco de areia, então Miles empurrou sua prancha para a praia e andou pela areia até ficar a cerca de dois metros e meio da toalha de Blair.

Ela e Serena ainda estavam deitadas de costas. Ah, cara, era uma visão e tanto.

- Oi - disse Miles com indiferença.

Blair virou a cabeça e semicerrou os olhos para ele. Isto ia ser engraçado. Ela se sentou, dando-lhe uma nudez frontal total. Isto é, da cintura para cima.

- Oi.

Miles olhou para a areia, corando contra a sua vontade. Ele estava uma gracinha de calção de surfe laranja e colar de concha, o cabelo louro espigado apontando em todas as direções.

- Hmmm, eu só estava me perguntando se você está planejando ir na festa de Natal hoje à noite.

Blair olhou para Serena.

- Está planejando ir à festa de Natal hoje à noite? Sussurrou ela.

Serena riu, mantendo a mão sobre os olhos como uma viseira.

- Mas é claro.

Blair se virou para Miles.

- Claro que estamos - respondeu ela.

Miles assentiu, tentando manter os olhos no rosto dela.

- Legal. A gente se vê depois.

Blair sorriu e escudou os olhos, observando-o se arrastar para a prancha de windsurfe e mostrar os músculos enquanto a empurrava de volta para a água. Isso sim era divertido. Quantas vezes os garotos davam a você dois metros e meio de espaço para respirar? Ela se deitou de costas na toalha e virou sobre a barriga.

Podia ser divertido, mas, mesmo usando filtro solar 45, havia um limite para o sol que os peitos de uma garota podiam tomar!

Depois de uma hora e meia de sol, Serena tinha se bronzeado completamente dos dois lados. Estava prestes a dizer a Blair que já chegava de sol quando ...

- Serena?

Ela girou e se sentou.

Sim, era Flow. E, sim, ela ainda estava sem a parte de cima do biquíni.

Ele nem pareceu se importar. Foi direto para a beira da toalha de Serena e se inclinou sobre ela. Ao lado, Blair estava deitada de bruços, a cabeça coberta com uma camiseta branca, fingindo dormir.

- Até que enfim - suspirou Flow, afastando com uma sacudida os cachos escuros dos olhos azuis de cílios longos.

Estava usando calção de surfe laranja-elétrico e nada mais, e seu corpo magro e musculoso era bronzeado com uma perfeição de torrada amanteigada com canela. No pescoço, um dente de tubarão pendurado em um cordão de couro.

- Não senti minha falta?

Serena deu de ombros e esfregou os braços nus, meio que escondendo os peitos para impedir que Flow tivesse uma boa visão deles.

- Bem ... você me mandou muitos presentes.

Ele franziu a testa.

- Nem tantos assim.

Talvez mais presentes tivessem vindo de Kati e Isabel do que ela pensava. Com aquelas duas era difícil saber.

- Bem, sei lá - disse Serena. - De qualquer modo, já ouviu as novidades? Ao que parece, estamos noivos.

Flow riu.

- É, eu já soube. Não esquente com isso. Você vai se acostumar.

O caso era que Serena tinha certeza absoluta de que não *queria* se acostumar com isso. Nunca tinha saído com uma estrela do rock antes e tinha se divertido muito com Flow naquela noite, mas havia muitos outros caras por lá. Tietes de rock, fotógrafos, pilotos de corrida, atores, DJs. De certa forma, Serena era como o beija-flor que tinha visto na noite anterior enquanto ele zumbia incansavelmente de uma flor a outra. Ela não queria se prender a uma só flor, bebendo até a última gota. Queria saborear o maior número possível de flores.

Serena arrastou o rabo-de-cavalo sobre o ombro e examinou as pontas, sem dizer nada. Quando é que ia atirar os braços em volta dele e dizer o quanto tinha sentido saudade como nunca quis ficar sem ele?

- E aí, minha banda vai tocar na festa de Natal hoje à noite - disse ele por fim. - Estava esperando que talvez a gente pudesse sair depois, para eu te dar seu presente de Natal. Serena sorriu. Ah, meu Deus, outro presente não.

- Estarei lá.

- Legal - ele fez uma pausa, esperando que ela dissesse mais alguma coisa. Mas ela não disse. - Tá legal. Vejo você à noite.

- A gente se vê - Serena se deitou de costas novamente e cutucou repetidamente as costelas de Blair.

Você é tão hipócrita - murmurou Blair, virando-se e tirando a camiseta do rosto.

Serena virou a cabeça.

- Como assim?

- Você age como se odiasse todas as coisas que ele lhe dá, mas aposto que mal pode esperar para ver o que de vai lhe dar de Natal.

Serena riu. Blair estava certa. Ela podia lamentar o quanto quisesse sobre o fluxo constante de presentes de Flow, mas as garotas gostam de presentes, especialmente de estrelas do rock famosas e criminosamente bonitas.

o link explicado

- Que câmera? - murmurou Ruby, a irmã de 22 anos de Vanessa.

Eram três da tarde de sábado, mas parecia que Ruby só tinha ido para a cama algumas horas atrás; os olhos dela estavam borrados do delineador da noite anterior e ela ainda vestia a calça de couro vinho colada na pele. Ruby dormia num futon no que devia ser a sala de estar de seu quarto-e-sala no segundo andar de um prédio em Williamsburg, no Brooklyn. O apartamento era cheio de equipamentos - amplificadores, caixas de som, guitarras e microfones da banda de Ruby, a SugarDaddy, e câmeras e equipamentos de iluminação das filmagens de Vanessa. No chão havia um tapete que seus pais artistas

hippies meio malucos tinham tecido num tear na casa deles nos arredores de Burlington, em Vermont. O tapete era verde-oliva e vermelho-maçã e tinha um tema Arca de Noé, com animais parados aos pares em uma balsa num mar vermelho, mas estava tão coberto pelas roupas de Ruby e equipamento de som que os animais estavam completamente escondidos.

- Minha câmera de vídeo digital Sony - insistiu Vanessa furiosa. - Eu deixei na bancada da cozinha ontem - ela estava planejando analisar a filmagem que havia feito no parque na sexta-feira para ver se tinha algum pingente de gelo que valia a pena salvar e queria deletar a parte de Nate e Jenny, mas agora não conseguia encontrar a câmera em lugar nenhum.

Ruby revirou os olhos e puxou o travesseiro sobre o rosto.

- Eu emprestei.

Vanessa olhou para ela. Ruby ainda estava irritantemente com o travesseiro cobrindo o rosto.

- Como assim, emprestou? Que porra é essa?

- Emprestei a uns amigos no Five and Dime. Eles estão usando para fazer um filme sobre skate.

- Tinha umas coisas nela! - gritou Vanessa horrorizada.

- Coisas de meu novo filme!

Ruby tirou o travesseiro da cara e se sentou.

- Até parece que você não tem mais dez câmeras. Desculpe - disse ela sarcasticamente. - Desculpe por ter invadido seu espaço sem permissão. Posso ganhar um abraço?

Vanessa encarou a irmã com as mãos fechadas com tanta força que as unhas deixaram marcas na palmadas mãos. *Agora* ela sabia por que tinha recebido 15 e-mails esta manhã acusando-a de ser uma voyeur piranha, lésbica e pornógrafa. Os amigos de Ruby obviamente fizeram mais do que pegar a

câmera emprestada; eles pegaram o que estava nela e colocaram na porra da *Internet*. Dan já pensava que ela era pervertida. O que estaria pensando dela agora?

Na tarde da véspera de Natal, Dan estava navegando Internet, procurando por artigos sobre bloqueio de escritor e como curá-lo. Tudo que encontrava era tão escandaloso e estúpido.

Saia para caminhar. Como se ele já não andasse toda Manhattan diariamente, ruminando sua incapacidade de escrever alguma coisa coerente. *Tome um banho quente.* Ele odiava banhos. Só o que faziam era deixá-lo sonolento. Pratique exercícios [i/]. Não, obrigado. Sua dieta de cigarros e café não conduzia aos exercícios. Um site discutia os méritos de tomar ácido. Aparentemente, um escritor premiado tinha escrito todo um romance numa viagem de ácido numa noite e nem se lembrava de tê-lo escrito de manhã. Mas, a não ser pelas bebidas em festas, Dan ficou careta em todo o secundário, e ele não ia começar a tomar ácido agora. Outro site aconselhava a tentar um exercício em que você escreve a primeira palavra que vem à mente e depois extrapola a partir dela. É possível terminar ó com uma lista de compras, disse o site, mas mesmo isso era melhor do que nada. Dan decidiu tentar esse. Abriu uma página em branco do bloco e aprumou a caneta. Ele escreveu a palavra telefone, mas então seu computador bipou, indicando que tinha uma nova mensagem de e-mail.

Ele pegou o mouse e clicou na caixa de entrada. A mensagem era de Zeke, seu único

amigo na Riverside.

Dê uma olhada no link abaixo, cara. - Z

Dan clicou no link, pensando que provavelmente era outra bobagem de basquete idiota que Zeke tinha encontrado.

Ele se voltou para o bloco sem esperar para ver o que surgia na tela.

Telefone. E agora? Ele precisava de outra palavra.

O pai dele bateu na porta aberta e enfiou a cabeça no quarto.

- Oi, Dan, vou sair para comprar uns pães. Algum pedido especial?

Dan girou na cadeira, prestes a dizer ao pai para trazer um grande copo de café preto, mas de repente o rosto do pai ficou medonho enquanto olhava a tela do computador de Dan.

- Jennifer Tallulah Humphrey ... é você!?! - trovejou

Rufus, invadindo o quarto como um urso hidrófobo. Estava usando uma camiseta branca e rasgada *Onion* e o cabelo grisalho crespo espetava de todos os lados da cabeça.

Dan girou a cadeira de volta para ver a tela do computador.

A primeira coisa que reconheceu foi o chapéu vermelho de Jenny. Depois ele viu o que parecia ser a bunda exposta de Jenny em um fio dental branco. De repente um cara com cabelos dourados ondulados colocava a boca na bunda de Jenny.

A câmera rapidamente cortou para o cara arriando a calça, depois a imagem voltou para os dois, abraçados com força por dentro do casaco dele, fazendo o que parecia obsceno. Pai e filho assistiam numa descrença horrorizada enquanto o filme se repetia interminavelmente.

- Jennifer! - Rufus berrou novamente, espalhando um cuspe de raiva na tela do computador.

Jenny apareceu na soleira da porta parecendo a imagem da inocência em um vestido de malha aveludada com o cabelo puxado para trás em um pompom crespo de rabo-de-cavalo.

- Que foi? - perguntou ela.

Dan empurrou a cadeira para trás para que ela pudesse ver a tela de onde estava parada.

- Que foi? - repetiu Jenny impaciente. Ela deu um passo para a frente, depois a mão voou até a boca quando viu sua bunda nua na tela. Era como assistir a um filme de terror em que ela era a estrela. Como foi que isso aconteceu?, perguntou- se ela, totalmente mortificada.

- Esses são você e seu companheiro Nate – assinalou Rufus desnecessariamente, a cara retorcida de raiva.

Ele era um pai liberal. Deixava Dan fumar no quarto e beber sempre que quisesse.

Deixou Jenny comprar o primeiro par de sapatos plataforma quando ela tinha nove anos.

Mas Jenny ainda era seu bebê, e vê-la se contorcendo seminua com um garoto na Internet era mais do que o suficiente para dar a ele uma prova da realidade.

Emudecida de horror, Jenny encarou a tela enquanto o filme se repetia. Ali estava o chapéu dela, a tanga, a bunda com a mão de Nate nela, depois os dois rolaram na neve dentro do casaco dele. Tinha sido um momento tão particular e tão especial, mas agora estava ali para o mundo todo ver – inclusive seu pai e seu irmão. Ela soltou um pequeno guincho ao arfar e disparou para fora do quarto.

Rufus olhou para a tela por um segundo a mais e depois para Dan.

- Sabe alguma coisa sobre isso?

Dan sacudiu a cabeça indicando que não, embora de certa forma se sentisse responsável.

Ele ficou tão distraído com o bloqueio de escritor e sua enrotação sobre transar com Vanessa que não tinha protegido Jenny daquele canalha rico e ladrão de bebês do Nate.

- Bem, de agora em diante eu quero que fique de olho nela - grunhiu Rufus. - Posso ser tolerante, mas não posso vê-la por aí como uma prostituta.

Dan assentiu solenemente. Rufus deu um tapinha no ombro dele e foi para o quarto de Jenny, onde ela estava deitada de cara para baixo na cama com a cabeça enterrada em um macio travesseiro de pena de ganso, cercada de retratos de seu amado Nate.

- Jennifer. - Seu pai controlou a voz ao máximo. - Eu nunca pensei que teria de fazer isso, mas você não me deixa escolha. Está de castigo pelo resto das férias. Sem sair. Sem filmes. Sem mesada. Sem telefonemas. Sem e-mails. Sem nada.

E certamente sem nenhum contato com esse Nate. Dan vai observar você como um falcão e se certificar de que você não fuja, porque você claramente não merece confiança.

Jenny se sentou. O rosto estava manchado e o lábio inferior tremia.

- Não é justo! - protestou ela. - Eu não sei quem fez isso! Não foi minha culpa! Nate e eu estamos apaixonados!

Ele me levou para ver *O quebra-nozes*. Não fizemos nada de errado!

Rufus acenou a mão no ar para silenciá-la.

- Você é nova demais para saber alguma coisa, especialmente do amor - trovejou ele rispidamente.

- Mas pai, não sei quem filmou a gente - implorou Jenny, abraçando seu panda.

Rufus ergueu as sobrancelhas espessas, desordenadas e grisalhas e esfregou o queixo eriçado.

- Acha que por isso fica tudo bem?

- Eu não ligo! - gritou Jenny, atirando o panda no chão e irrompendo num ataque furioso de lágrimas. - Não ligo para o que você pensa! A gente não fez nada de *errado*.

Rufus se agachou e puxou da estante de Jenny um exemplar intacto de *Anna Karenína* que ele lhe dera no verão passado.

Ele se levantou e o atirou na cama.

- Vou lhe dizer o que eu penso - berrou ele. - Eu penso que você precisa ficar dentro de casa lendo mais livros!

Jenny olhou para o livro e o chutou infantilmente até que ele escorregou da cama e caiu no piso de madeira. Rufus sacudiu a cabeça de desgosto e se virou, fechando a porta atrás de si antes que realmente perdesse a cabeça.

Dan ouviu de seu quarto, ainda vendo o filme que se repetia na tela do computador.

Agora que tinha passado o choque inicial de ver sua irmãzinha estrelando um filme pornô na Web, ele via que havia alguma coisa terrivelmente familiar no trabalho da câmera. Os ângulos incomuns. O modo como a câmera se aproximava muito, as imagens eram quase abstratas, e depois, numa panorâmica, Nate e Jenny apenas um ponto se contorcendo na pura neve branca. Era obra de Vanessa Abrams, Dan tinha certeza disso.

Ele desligou o computador, enojado consigo mesmo por ter visto por tanto tempo, mas ainda mais enojado com Vanessa e Jenny. Como foi que elas se transformaram em... Dan pegou o bloco preto e pensou de imediato em uma nova palavra para começar o exercício de bloqueio de escritor. Ele pegou a caneta e escreveu.

Putas

n dá uma reuniãozinha

Você pode achar que ter uma casa de veraneio tão longe da cidade como em Mount Desert Island, no Maine, seria meio solitário, mas Mount Desert estava cheia de enormes "chalés" de férias de propriedade das famílias mais antigas e mais ricas de Nova York e os filhos brincavam juntos durante os verões e nos feriados desde que engatinhavam. No secundário, a maioria deles foi para diferentes internatos em toda a Costa Leste. Assim, quando eles se viam na ilha novamente, era como uma reunião de ex-colegas. Em todo 4 de Julho uma imensa gangue deles fazia uma fogueira na praia e acendia fogos de artifício que tinham contrabandeado do Canadá. E em toda véspera de Natal Nate sempre andava com os mesmos dois caras e fumava seu cachimbo no salão de jogos.

O salão de jogos era revestido em painéis de carvalho, tinha uma enorme lareira de pedra e um piso de ardósia que era aquecido por canos de cobre por baixo dele. Havia impressionantes chifres pendurados nas paredes, tirados de cervos e alces caçados pelo avô de Nate. Havia um bar em carvalho cheio de uísque escocês envelhecido e raros conhaques europeus, e uma adega de vinhos aonde se chegava descendo uma escada através de um alçapão sob o tapete persa tecido a mão. Uma antiga mesa de sinuca de mogno com pernas em mogno entalhado e um tampo de feltro vermelho ocupava o meio da sala.

Nate encheu o cachimbo. Ele o tinha desde os 13 anos, e estava coberto de Band-Aids Looney Tunes. Os outros dois garotos riram para ele como um velho camarada que tinha passado por ainda mais merdas extravagantes do que eles.

- Cara - disse John Gause, que tinha trazido o bagulho. - É bom ver você.

John usava um colete caramelo de pele de ovelha, jeans desbotado e um par de botas de caubói em couro caramelo.

Não era um ótimo visual, a não ser que você fosse o homem da Marlboro ou um modelo da Ralph Lauren, e ele não era nenhum dos dois.

Uma semana antes das provas, John tinha sido expulso de Deerfield por tráfico e estava voltando de uma temporada de dez dias em um rancho no Wyoming, aonde foi mandado para aprender valores como honestidade, confiança e respeito por seu companheiro.

Nate encheu o cachimbo e o passou a Ryan O'Brien, que só tinha 15 anos mas era mais chapado do que John e Nate juntos. Após ter sido expulso da St.Jude's na primeira semana do ano letivo, Ryan foi para a Hanover Academy, o internato para o qual Serena tinha ido.

- Acho que você cresceu - disse Nate. - Ryan não parece maior para você? - perguntou ele a John.

Ryan acendeu o isqueiro sobre o cachimbo. Tinha 1,85 de altura e o cabelo preto e crespo que caía sobre os ombros era quase igual ao de Flow, só que mais escuro.

- Vá se foder - disse ele, puxando para cima a calça baggy cinza de snowboarding Burton. Nate esperou que Ryan desse um trago e passasse o cachimbo a ele. O sol estava se pondo e as janelas do salão de jogos ficavam rosadas. Tinha nevado muito no inverno, e a enorme casa estava aninhada em um monte de neve de dois metros e meio. Do lado de fora não havia alarmes de carro nem ônibus roncando. Era completamente silencioso. Mas, se apurasse o ouvido, Nate podia escutar o som do mar batendo nas pedras. Ele adorava aquele som. Às vezes, à noite,

ficava deitado na cama, ouvindo.

Ele deu um trago, cobrindo o topo do cachimbo para que a fumaça não escapasse. Depois deu outro, recompensando-se por passar duas horas inteiras daquele dia lendo as propostas para a universidade e preenchendo as partes fáceis. Ele exalou, passou o cachimbo a John e fechou os olhos. Era bom estar fora da cidade -longe da escola e de todos que falavam tanto do futuro. Aqui ele podia relaxar e desfrutar de si mesmo sem se preocupar com provas, universidade ou em responder a alguém.

John terminou e baixou o cachimbo na mesa de sinuca.

Pegou a bola branca e a rolou nas mãos.

- E aí, Nate - começou ele. - Qual era a daquele filme pornô na Internet?

Nate piscou lentamente para ele, como um lagarto piscando para o sol.

- Hein?

Ryan acendeu um Marlboro Light e soprou uns anéis de fumaça para o teto de vigas e colunas.

- Você sabe. Você e aquela baixinha de cabelo castanho crespo e as tetas enormes.

Nate assentiu. Ele sabia do que Ryan estava falando, mas por uma fração de segundo não conseguiu lembrar o nome dela.

- Jennifer - disse ele, lembrando-se de repente.

- É, isso aí, Jennifer. Você não viu o link?

Nate sacudiu a cabeça.

- Que link?

John pegou um taco de sinuca no suporte da parede e o girou nas mãos como uma baioneta.

- O link que, tipo assim, todo mundo está comentando, cara! - ele riu. - Não acredito que você não viu!

Ryan pegou o cubinho azul de giz de taco, levou-o ao nariz e cheirou, como só um chapadão faria.

- É tipo um filme inteiro de você e essa garota, a Jennifer - explicou ele. - Tipo assim, trepando no Central Park.

Nate ergueu o cachimbo na frente do rosto. Não se lembrava de ter trepado com Jennifer no parque. Não se lembrava de ter trepado com Jennifer em lugar nenhum. Só do que se lembrava era dos retratos malucos dele nas paredes do quarto dela. Ele sacudiu a cabeça pesada e doidona e riu para si

mesmo. Um filme pornô na Internet? Essa era boa. Esses caras sempre estavam sacaneando ele. Dando de ombros, ele pertou a boca na haste do cachimbo e acendeu o isqueiro, dando um longo e ótimo trago de véspera de Natal. Estava indo a um lugar muito suave, onde Jennifer e aqueles retratos malucos eram pontos minúsculos na distância nevoenta.

O interfone da casa estalou. De repente a voz de country club da Nova Inglaterra do pai de Nate encheu a sala.

- Sua mãe e eu vamos tomar uns coquetéis no salão. Quer vir conosco?

Você poderia pensar que eles estavam empatando, mas Nate sempre saía com os pais aristocratas quando estava doidão.

Eles faziam os drinques mais fortes, e além disso era véspera de Nata!.

Nate passou o cachimbo para John e apertou o botão do interfone.

- Já vou subir - soltou o botão e assentiu para John. Vá em frente. Mais um trago e depois é melhor ir embora.

Ele e Ryan olharam John dar o último trago.

- E aí, você e essa garota, a Jennifer, ainda estão, tipo assim, juntos? - perguntou Ryan.

Nate pegou a bola oito e a rolou pela mesa de sinuca. Tentou se lembrar do modo como tinha deixado as coisas com Jennifer, mas só o que lhe vinha à mente era o panda de pelúcia que estava na cama dela.

Era engraçado como ele continuava se esquecendo da parte "eu te amo".

- Não - disse Nate. - Não mesmo.

John terminou e Nate deixou que ele e Ryan saíssem pela porta dos fundos do salão de jogos para a neve. Depois ele fechou a porta, enfiou o cachimbo em uma lata velha de Triscuits sob a pia do bar e subiu a escada para tomar gim-tônica e colher ostras frescas do Maine com os pais.

a mãe de b revela a surpresa

Blair tinha tomado um banho e colocado o novo vestido rosa transparente da Calypso. Agora ela estava sentada no deque fumando um Merit e esperando que Serena se arrumasse enquanto pensava em Audrey Hepburn.

Como se ela não estivesse *sempre* pensando em Audrey Hepburn.

Outra coisa que ela adorava em Audrey, e que queria discutir o ensaio para a universidade, era a versatilidade de Audrey. Independentemente do cenário ou do tipo de figurino que tivesse de usar - como a roupa de tweed de estudante na cena da livraria em *Cinderela em Paris*, ou o chapéu maluco e o vestido de renda na cena Ascot em *Minha querida dama* ela parecia perfeitamente à vontade, adaptando-se ao ambiente e ao mesmo tempo mantendo seu *audreysmo* elegante.

Blair gostava de pensar que *ela* seria capaz de fazer isso quando fosse para a faculdade. Uma vez que ela e Nate não iam viver mesmo juntos num apartamento perto do campus em New Haven, ela podia muito bem ter de morar num alojamento com algumas colegas de quarto desconhecidas. Podia ter de comer no refeitório, e definitivamente tinha de ir às aulas. Mas de jeito nenhum ia começar a usar suéteres largos de Yale e mochila. Ia manter a dignidade, o senso de estilo e o *blairismo* singular.

Blair deu um trago no cigarro, tentando imaginar Audrey em Yale, usando o vestido preto de *Bonequinha de luxo*, com as luvas pretas até o cotovelo e a gargantilha de diamantes e pérolas.

E depois ela caiu em si. Era exatamente o que devia fazer no ensaio: tornar Audrey uma aluna de Yale *no roteiro de um filme!*

A Srta. Glos disse a ela para ser criativa. Bem, não se pode ser muito mais criativa do que isso! Blair saltou e abriu a porta da vila com um baque, ansiosa para começar a escrever imediatamente. Ela podia pular a festa de véspera de Natal idiota. Ir para Yale era *muito mais importante*.

Serena estava parada diante do espelho amarrando uma canga verde-mar com contas na cintura. Ainda estava usando o biquíni branco molhado e tinha areia nos cabelos.

- Achei que já tivesse se arrumado - disse Blair.

Serena franziu a testa.

- Não estou a fim. - Todos esperavam que ela se embonecasse toda e ficasse linda para

Flow, mas, na verdade, por que deveria?

O caso era que Serena ainda era dez vezes mais linda do que qualquer outra garota na ilha, independentemente do que estivesse vestindo.

- Então vai usar o biquíni? - perguntou Blair, confusa.

- Arrã.

Blair pegou o iBook da bolsa e o abriu no colo.

- Acho que você está se contradizendo.

Serena deixou-se cair pesadamente ao lado dela.

- Talvez - ela olhou inquisitivamente para Blair, que já estava digitando. - O que está escrevendo?

- Um roteiro - Blair digitou seu nome e 24 de dezembro no alto da página, e depois o título provisório: *Audrey vai para a universidade*. - Acho que vou pular a festa para poder trabalhar nisso.

- E vem me falar de contradição. Miles está totalmente doido para sair com você hoje, e eu não vou nessa coisa sozinha - declarou Serena. Ela pousou a cabeça no ombro de Blair. - Não quer ter uma véspera de Natal divertida?

Blair mordeu o lábio inferior.

- Quero, mas quero mais entrar em Yale.

Serena estendeu a mão e rapidamente fechou o laptop.

- Bem, eu vou cuidar para que você tenha *tudo* o que quer - gritou ela, pulando e puxando Blair. - Venha, por favor?

Blair suspirou. Serena tinha a incrível capacidade de ir do mau humor à alegria num piscar de olhos.

- Tudo bem - suspirou ela. - Mas, se eu não entrar em Yale, a porra da culpa vai ser toda sua.

Miles e Aaron estavam esperando pelas meninas no bar.

Aaron tinha arrumado as trancinhas para que ficassem retas nas laterais da cabeça e subissem no topo. Usava um casaco de linho preto sobre uma camisa cinza e calça preta de linho.

E, se não fosse meio-irmão de Blair, ela podia até ter achado ele uma gracinha.

Aaron achava que Blair era mais do que uma gracinha.

O bronzeado dela estava mais forte e os cabelos castanhos tinham faixas douradas do sol.

O vestido rosa era frouxo, mas o tecido transparente aderiu ao corpo nos lugares certos.

Ela parecia uma deusa, mas é claro que ele não podia dizer isso a ela.,

Aaron tinha tanto medo de dizer alguma coisa inadequada que se tornara quase robotizado quando lidava com Blair.

- É melhor a gente ir e se sentar - disse ele a ninguém em particular. - Sua mãe e meu pai têm uma surpresa das grandes que querem contar para a gente. Estão esperando por você há quase uma hora.

Blair espiou a sala de jantar lotada, onde a mãe, Cyrus e Tyler já estavam sentados à mesa.

-, - Ai, meu Deus, mal posso esperar. Por favor, posso tomar uma bebida primeiro? - implorou ela.

- Desde que beba rápido - cedeu Aaron.

Até parece que isso era um problema.

Miles sorriu para Blair.

- Você está muito linda.

Em silêncio, Aaron se amaldiçoou. Ele podia ter dito isso!

Miles também estava ótimo, usando uma camisa Armani preta com botões brancos, calça de algodão branco cremoso e sandálias de couro - um visual que só os caras com um estilo sério podiam exibir. Blair sorriu para ele, contra a própria vontade. Podia ficar feliz por ter vindo à festa, afinal.

- Obrigada.

Serena arrumou o nó da canga e olhou em volta, procurando por Flow; Algumas mesas da sala de jantar tinham sido empurradas para os cantos para abrir espaço para a pista de dança, e um palco equipado com os instrumentos, amplificadores e microfones do 45 estava montado ao lado da piscina.

Mas não se via a banda em lugar nenhum.

- Eles só vão começar a tocar às nove - disse Aaron, lendo a mente de Serena. - Eu perguntei ao bartender.

Serena não respondeu. Faltavam só vinte minutos, e ela não estava exatamente desesperada pelo aparecimento de Flow, de qualquer forma.

Blair terminou rapidamente a vodca com tônica e passou o copo vazio a Aaron.

- Tudo bem, estou pronta.

O restaurante na Isle de Ia Paix era o lugar para se estar na véspera de Natal. No canto mais distante da sala, a supermodelo inglesa mais famosa do mundo estava alimentando seu bebê de colo com sopa de peixe, e ao lado deles estava a estrela muito grávida do seriado *Friends* de mãos dadas com o gato do marido ator de Hollywood. O resto da sala de jantar estava cheio de pessoas bronzeadas usando roupas de grife típicas de resort servindo-se do jantar especial de véspera de Natal, um peixe inteiro assado, com cabeça e cauda intactas, batata-doce misturada com caviar preto e alho-poró cozido no vapor.

- Não se preocupe, querido - Eleanor tranqüilizou Aaron quando eles se sentaram. - Pedi uma refeição especial para você.

Cyrus tinha pedido duas garrafas de Cristal, e o garçom voltou com as flûtes de champanha e começou a enchê-las.

A mãe de Blair deu uma risadinha e olhou para Cyrus. Ele deu um tapinha tranqüilizador na mão dela e ela pigarreou.

- Muito bem. Não acho que consiga guardar um segredo or mais um minuto que seja - Eleanor respirou fundo e se endireitou na cadeira. - Cyrus e eu vamos ter um bebê.

Blair vinha pensando em como começar a primeira cena do roteiro quando as palavras perturbadoras da mãe ressoaram em seu cérebro, alterando para sempre seu universo. O rosto de Blair se retorceu com uma combinação de descrença e desprazer enquanto ela olhava para a mãe.

Perdão?

- Sei que quarenta e sete anos é uma idade avançada para se engravidar, mesmo em Nova York, mas o médico me garantiu que sou perfeitamente saudável e não tenho com o ue me preocupar - ela deu uma risadinha. - A não ser por ficar grande como uma casa!

Por um momento, ninguém respondeu. Cyrus colocou o braço em volta de Eleanor e lhe deu um apertão.

- Não conte tudo de uma vez - brincou ele embaraçado, alisando a barriga gorda com a

mão livre.

Serena não queria ser rude.

- Isso é tão maravilhoso! - exclamou ela, rompendo o silêncio com todo o entusiasmo que conseguiu reunir.

Ela pulou da cadeira e se inclinou sobre a mesa para dar beijos de parabéns no rosto de Eleanor e Cyrus, enquanto também dava ao resto da sala uma boa visão de seu diafragma nu.

Blair teve vontade de bater nela. Serena não teria sido mais agradável se fosse a mãe dela, isso era certo.

- Para quando é? - perguntou Serena, sentando-se novamente.

Eleanor resplandeceu feliz.

- Dezoito de junho.

Blair nem sequer tentou pensar em alguma coisa para dizer. Parecia que tinha sido atingida na cabeça por uma palmeira voadora, e havia uma boa chance de nunca mais voltar a falar.

Aaron olhou ansioso para Blair, depois ergueu a taça de champanha e sorriu para o pai e Eleanor.

- Parabéns - disse ele, esperando que Blair se juntasse ao brinde.

Mas é claro que ela não fez isso, nem mesmo quando ele cutucou delicadamente a canela de Blair com o pé por baixo da mesa. Ao lado de Blair, Miles tamborilava os dedos longos na mesa e se mexia pouco à vontade na cadeira, desejando poder voltar ao bar. Ele era amigo de Aaron desde a sétima série, mas isso era meio íntimo demais para ele.

Eleanor estendeu o braço por sobre a mesa e pegou os dedos rígidos de Blair.

- Espero que reconsidere assumir o sobrenome de Cyrus agora, querida - disse ela. - Agora vamos ter uma ótima e grande família.

Tyler e Eleanor tinham mudado o sobrenome para Rose quando Eleanor se casou com Cyrus, mas Blair se recusou.

Blair Rose? Não, obrigada. Parecia o nome de um perfume feito especialmente para a Kmart.

- É claro que você não precisa decidir agora - acrescentou Eleanor.

Blair afastou-se da mão da mãe com um puxão. Se não estivesse entre Serena e Miles na banquetta de couro branca, ela teria voado para o banheiro das mulheres para vomitar. Em vez disso, pegou a flûte de champanha e drenou o conteúdo em um gole só.

- Onde o bebê vai dormir? - perguntou Tyler. Ele passou manteiga em um pedaço de baguete e enfiou na boca. Agora que Aaron está no quarto de hóspedes.

Eleanor e Cyrus olharam-se como se não tivessem pensado nisso antes. Eleanor deu de ombros.

- Bom, Blair e Aaron vão para a universidade no outono que vem. Tenho certeza de que não vão se importar de dividir o quarto de hóspedes quando vierem em casa. E depois nós podemos transformar o quarto de Blair no quarto do bebê!

Aaron sentiu as bochechas arderem. Blair estreitou os olhos para a mãe e para o estúpido cabelo louro dela em sua faixa pudica. Então agora eles estavam falando de tomar o quarto dela para dar espaço à horrível prole do demônio?

Ela estava se preparando para dizer alguma coisa para calar a boca da mãe e correr para o

banheiro para botar as tripas para fora, mas então, sem nenhuma apresentação, os quatro membros do 45 silenciosamente subiram ao palco, pegaram os instrumentos e começaram a tocar. E a música era *alta*. Fantástica e ensurdecidamente alta.

Miles pegou a mão de Blair.

- Quer dançar?

Em vez de responder, Blair atirou a cadeira para trás e praticamente arrancou a toalha da mesa, puxando Miles consigo.

A banda não tinha ganhado o MTV Award por ser chata - eles eram demais. E não havia jeito de Serena ficar sentada à mesa enquanto eles tocavam. Ela pegou a mão de Aaron e Tyler e os arrastou dali.

- Vamos, vocês dois - gritou ela. - Dancem comigo!

Quando os pés nus de Serena atingiram a pista de dança, ela fechou os olhos e deixou que a música dominasse seu corpo, atirando os cabelos louros para trás, balançando os quadris e batendo os pés com abandono. No biquíni branco e na canga verde-clara, ela parecia uma sereia que tinha fugido do mar. Flow não conseguia deixar de olhar para ela enquanto cantava as palavras do sucesso *Karnage*. Ela era todas as mulheres que ele cantava. A garota dos sonhos dele.

Blair atirou toda a energia de sua raiva na dança, socando o ar com os punhos, chutando, batendo a cabeça e chicoteando Miles no rosto com os longos cabelos castanhos de uma maneira nada audreyana. O vestido rosa grudou na pele suada, mas ela não se importou mais com a aparência. Não que estivesse ruim. Miles não conseguia tirar os olhos dela. A terceira música foi lenta, e a pista de dança se encheu de casais mais velhos que se uniram a eles. Serena dançou com Tyler, sorrindo para ele enquanto ele colocava as mãos em seus quadris nus. Tyler corou, mas não saiu. Ele sabia da sorte que tinha. Até meninos de 11 anos têm testosterona.

A música era lenta e sensual. Miles passou as mãos na cintura de Blair e puxou a cabeça dela para o peito dele. Blair não recuou. Em vez disso, apertou o corpo no dele, com força.

Sua mente estava tão cheia de raiva e desespero que ela tremia. Não queria pensar em nada; só queria se sentir bem, e graças a Deus estava com Miles, um cara que, sim, não era Nate, mas que era bem gostoso e ela gostava dele, ou pelo menos agora gostava. Ela afastou a cabeça do peito de Miles e olhou para os olhos amendoados e castanhos dele, deixando que o champanha e a vodca subissem à cabeça. Antes que conseguisse se conter, ela puxou a cara dele para a dela e o beijou longamente e com força enquanto os corpos balançavam no ritmo da música.

Aaron estava de pé no bar, alternadamente olhando Blair e Miles e não os olhando enquanto dava o primeiro gole de tequila e depois outro. Estava grato por Miles poder fazer Blair se sentir melhor, mesmo que ele próprio não pudesse. Depois, de novo, eles estavam dançando obscenamente perto e a música estava quase acabando. Ele acendeu um cigarro natural, tirou dois tragos e depois o apagou em um cinzeiro, andando trôpego entre os casais de meia-idade na beira da pista de dança enquanto Flow tocava os últimos acordes da música.

Mas quando Aaron chegou onde Blair e Miles estavam, eles já se afastavam de braços dados, passeando pelos arbustos de hibisco que cercavam a piscina e descendo o caminho para as vilas.

Aaron ficou no meio da pista de dança lotada com as mãos nos bolsos de sua calça de linho, olhando-os partir. Não conseguia acreditar que tinha achado uma boa idéia trazer Miles para St. Barts.

A banda acelerou o ritmo, tocando *Kiss, Kiss, Kiss*, um de seus sucessos das pistas com uma batida ska retrô. Ainda parecendo um brinquedo de mola, Serena saltou para Aaron, dançou num pequeno círculo em volta dele.

- Venha, estraga-festa. Largue essa calça e dance! – gritou ela.

Aaron sorriu timidamente para ela e deixou que ela o puxasse para a multidão de dançarinos suados se contorcendo.

Ele precisava se distrair, e Serena podia distrair muito quando queria. Arrancou o paletó e o atirou no ar, as trancinhas saltitando enquanto ele pulava e balançava.

A canga de Serena se desamarrou e caiu no chão, mas ela continuava dançando à medida que a música ficava mais alta e o ritmo se acelerava, sacudindo os cabelos louros embaraçados e atirando os braços por cima da cabeça. Ela gostava do modo como Aaron dançava com todo o corpo. Tantos caras

só sacudiam a cabeça e mudavam de um pé para o outro, mas Aaron era natural. Estava adorável essa noite, também, com a elegante calça preta de linho, as trancinhas apontando para o alto. Serena dançou um pouco mais perto dele, soprando nele enquanto balançava os quadris. Por que não tinha notado antes como ele era uma gracinha?

Flow via os dois dançando, editando o roteiro do show na cabeça. Era bastante doloroso ver o amor de sua vida dançar seminua com outros caras e o mínimo que ele podia fazer era ter certeza de que não houvesse mais músicas lentas.

Tarde demais. Porque algumas pessoas já estavam dançando sua própria música particular. Na cama.

b decide perdê-la de uma vez por todas

Talvez fosse o calor. Ou talvez fosse o fato de que sua vida estava uma bagunça tão completa que ela queria fazer alguma coisa drástica para mudá-la. Qualquer que fosse o motivo, Blair sabia que estava seguindo Miles para a vila dele com um propósito: transar. Na verdade, *ele é* que a estava seguindo. Ela praticamente o arrastava.

- Prefere ir para o seu quarto? - perguntou Miles no caminho. Ele, Aaron e Tyler estavam meio que dividindo o lugar.

Blair pensou que devia deixar a vila para Serena, para o caso de ela precisar de um lugar para escapulir com Flow.

- Serena pode precisar - disse ela. - Não acha que Aaron vai se importar, acha?

- Não. - Miles fechou a porta de tela atrás de si. - Eu estava começando a pensar que você não estava mais a fim de mim. - Ele piscou ao acender a luz. O chão estava coberto de roupas dos meninos e CDs. Havia até uma banana meio comida na mesa-de-cabeceira que as arrumadeiras de certa forma esqueceram quando fizeram as camas e deixaram pequenos chocolates mentolados nos travesseiros.

Uma banana meio comida? Mas que romântico.

Mas Blair não se importou. Tirou as sandálias de correia Jimmy Choo e puxou o vestido pela cabeça, deixando-o cair no chão com as roupas dos meninos. Só o que restou nela foi a tanga cor-de-rosa curtinha La Perla que usava por baixo do

vestido.

- Eu estou a fim de você - disse ela com a voz mais apaixonada, caindo de costas na cama de Miles. - Venha cá.

Miles tirou a camisa, os sapatos e deitou ao lado dela. Pegou o chocolate mentolado no travesseiro, abriu a embalagem dourada e colocou-o na boca de Blair.

Blair manteve o chocolate intacto na boca, pegando a cabeça de Miles e beijando-o, forçando o chocolate pelos dentes dele com a língua. Ela não estava mais interessada em imitar Audrey Hepburn em *Bonequinha de luxo*]. Audrey já era, era passado. Ela agora era Debbie, como em *Debbie Does Dallas*.

Ela pegou o cinto branco de lona dele com uma das mãos, passando a outra mão sob o cós de elástico de sua tanga, abaixando-a.

Olá, mulher - adeus, garotinha!

Depois de mais algumas músicas, Serena, Aaron e Tyler voltaram à mesa para jantar.

- Não é divertido? - disse Eleanor, resplandecente.

Tinha comido todo o prato de peixe, batata-doce com caviar e alho-poró, e já estava atacando a musse morna de chocolate.

Era tão bom ver que as crianças estavam se divertindo. Ela nem se importou que Blair e o amigo bonito de Aaron não tivessem voltado para comer.

Aaron fez uma careta para seu prato de espinafre murcho e frio e alho-poró ao vapor.

Tyler tirou a cabeça do peixe e a atirou no ar como um torpedo para Aaron.

_ Cuidado! - gritou ele. - Peixe voador!

_ Tyler Waldorf Rose! - sibilou Eleanor.

Aaron bateu na mão de Tyler e a cabeça de peixe mutilado caiu em seu prato. Ele piscou.

_ Tudo bem, eu não estou mesmo com fome.

Serena não sabia por que Aaron estava num mau humor tão grande, mas queria ajudar.

_ Aqui - ofereceu ela, pensando que ele devia estar faminto.

Ela pegou uma de suas batatas-doces e começou a dar pancadinhas nela com o guardanapo. - Pode comer isso se eu limpar todo o caviar?

Ela estava tão ocupada preparando a batata de Aaron que nem percebeu que a banda tinha feito um intervalo e Flow estava vindo na sua direção.

_ Serena? - chamou ele, chegando por trás dela. Serena olhou para ele. Flow usava uma camiseta regata preta e o colar de dente de tubarão, e seu pescoço e os ombros stavam escorregadios de suor. Os cabelos crespos escuros caíam sobre os olhos, as bochechas brilhavam como bronze olido e os olhos azuis cintilavam de adrenalina.

Serena passou a batata a Aaron, pegou o garfo e pôs um pedaço de peixe na boca.

_ Oi - disse ela animada, com a boca cheia.

Flow olhou para Eleanor e Cyrus.

- Olá - disse ele.

- Gostaria de se sentar, filho? - ofereceu Cyrus. - Deve star esgotado. Vocês foram fantásticos lá. Fantásticos. Como se ele entendesse alguma coisa de rock.

Flow sacudiu a cabeça.

- Obrigado, mas tenho de voltar em um segundo. - Ele se virou para Serena novamente, o rosto sulcado de fervor. Gosta da música?

Ela riu e deu outra garfada de peixe. Não a tinha visto dançando feito louca ali?

- É, vocês são ótimos. Você é demais.

Flow pareceu aliviado.

- Que bom. Tá legal. Bem, vamos tocar mais algumas músicas e depois eu estava pensando em te pagar um drinque ou coisa assim, e talvez te dar o presente de Natal. Serena tomou um gole de água. Estava meio cansada de toda aquela dança. E, além disso, nem era Natal ainda.

- Na verdade, eu estou realmente meio cansada. Que tal a gente se encontrar no café da manhã? Você só devia me dar o presente no Natal, de qualquer forma.

- Café da manhã? - disse Flow, em dúvida. Afinal, ele era uma estrela do rock. Na maioria das vezes, não acordava antes do meio-dia.

- É. Lá pelas dez e meia, por aí? - piou Serena. – Vai ser legal!

O baixista tocou um acorde e o baterista bateu os tambores algumas vezes para que Flow soubesse que a banda estava esperando por ele.

- Tudo bem. - Ele se inclinou, fechou os olhos azuis e beijou Serena na boca. - Não se esqueça.

Ela sorriu com doçura para ele.

- Não vou esquecer.

De repente a sala zumbiu de fofocas.

- Viu aquilo?

'- Eu soube que ela está andando com o baixista também.

'- Acha que eles vão se casar mesmo?

- Ouvi dizer que eles se meteram num lance de contrabando de drogas.

Algumas garotas gritaram quando Flow pulou de volta no palco e pegou a guitarra branca Fender. Ele ajustou o microfone com os dedos longos e delicados e olhou por sobre a multidão de espectadores para uma só garota.

- Esta é para Serena - murmurou ele, as sobrancelhas juntas de emoção. Depois ele começou os primeiros acordes de sua música favorita, *Dark knight*. Agora ele entendia de onde vinha a letra e para quem era.

Girl, you're my bright star

I 'll follow you wherever you are

Fighting of wolves that bite at your heels

Serena se endireitou na cadeira, vendo Flow se derreter para ela. Era difícil não se sentir lisonjeada. Ele era tão lindo.

Enquanto ele tocava aquelas notas sensuais e agudas, ela não conseguiu deixar de sorrir. De repente Aaron se levantou da mesa.

- Quer dançar? - perguntou Serena cheia de esperança.

Ele sacudiu a cabeça.

- Acho que vou voltar para o meu quarto – murmurou ele.

Serena se levantou. Aaron agia de uma forma tão estranha que ela estava preocupada com ele.

- Vou com você - ofereceu-se ela, esquecendo-se completamente de Flow:

Serena acompanhou Aaron pela beira da pista de dança e através da multidão que se aglomerava no bar. Antes que chegassem ao caminho para as vilas, ela teve um vislumbre do mar verde e parado e da areia branca e perfeita brilhando à luz da lua e se lembrou daquelas noites de verão na casa de praia de Blair em Newport, quando ela e Blair

bebiam martínis, saíam da casa e iam pela areia para mergulhar sem roupa na água clara e fria.

Serena não conseguiu resistir.

- Vamos nadar!

Aaron ficou onde estava.

- Não - disse ele. - Vá você.

- Tem certeza?

Ele assentiu.

- Mas não vá muito longe.

- Tudo bem! - gritou Serena, começando a correr. Ela disparou pela praia, esbarrando nas ondas, e mergulhou, ansiosa para sentir o arrepio da cabeça aos pés quando a água fria a envolvesse. Nadando como uma foca, ela ficou embaixo da água até que a cabeça finalmente surgiu na superfície e ela respirou exaltada o ar da noite. Às vezes era muito bom viver.

é um saco quando você não consegue achar as roupas

Blair queria acabar com aquilo rapidinho, mas Miles queria levar todo o tempo do mundo, seguindo por cada centímetro do corpo de Blair de uma forma que parecia quase clínica, comose estivesse fazendo um exame dermatológico à caça de eczemas, melanomas ou coisa assim. Ela tentou relaxar e curtir a sensação de Miles lambendo o peito de seu pé, mas eles estavam completamente nus e ela não conseguia deixar de pensar que, se Miles fosse Nate, a essa altura eles já teriam terminado.

Quando excitado, Nate ficava meio violento. Não de uma forma assustadora, mas de um jeito apaixonado, tremendo, irreprimível. Blair sempre teve de ser firme quando dizia não, não estava pronta para ir até o fim, e depois tinha de encontrar um jeito de distraí-lo.

Ah, é? E como?

Desta vez ela não teria de dizer a Nate para parar, e agora eles estariam deitados um nos braços do outro, olhando para as estrelas através da janela, fumando cigarros e conversando preguiçosamente sobre o futuro.

Miles começou pelo outro pé, mordendo a ponta do dedão de Blair e trabalhando com a língua pela superfície do anel de diamante. Blair recuou involuntariamente. Tudo sempre parecia tão perfeito quando ela estava com Nate. Eles eram como as peças de canto de um quebra-cabeça, encaixavam-se perfeitamente e, quando estavam juntos, tudo fazia sentido.

Era por isso que não fazia mais sentido nenhum que ela estivesse deitada pelada em uma cama de quarto de hotel em uma ilha no meio do Caribe enquanto um Miles pelado lambia seus pés e Nate estava no frio congelante do Maine completamente só, possivelmente, assim ela esperava, pensando nela.

Blair tirou o dedão da boca de Miles e rolou na cama. Miles mergulhou a cabeça por baixo do lençol.

- Qual é o problema?

- Tenho de ir - disse ela sem nem mesmo olhar para ele. Ela se agachou, procurando pelo vestido, mas estava escuro e tinha tanta porcaria no chão que não conseguiu encontrá-la.

Miles ficou pendurado na beira da cama, vendo-a enquanto tamborilava os dedos nas pernas.

-.- Eu estava tentando ir com calma.

Nós sabemos disso.

Blair o ignorou.

- Onde. está a porra do meu vestido? - murmurou ela.

De repente a luz se acendeu e o vestido tornou-se extremamente visível em um monte no chão aos pés da cama. Aaron estava na soleira da porta, mas, em vez de se desculpar rapidamente e sair do quarto como um meio-irmão devia fazer, ele encarou Blair e continuou a encarar.

A princípio Blair ficou completamente envergonhada. Dois segundos depois o constrangimento tinha se transformado em raiva. *Como ele ousa?* Como ousa ficar olhando para ela daquele jeito? Ele era a merda de seu meio-irmão.

Aaron sabia que devia se virar e deixá-Ios a sós, mas seus pés não se mexiam. Miles se abaixou e pegou o vestido rosa de Blair no chão aos pés dele.

- Cara - disse ele a Aaron, atirando o vestido para ela. Blair puxou o vestido por sobre a cabeça e marchou para a porta.

- Qual é o seu problema? - sibilou ela, esbarrando em Aaron quando saiu.

Não que ela realmente quisesse saber.

A vila que Blair e Serena dividiam ficava a apenas seis metros de distância - não era longe o suficiente, no que dizia respeito a Blair. Ela passou pelas vilas e seguiu para a praia e, quando os pés pisaram na areia, ela começou a correr. Blair não se importava de ter encomendado especialmente o vestido rosa na Calypso e de ter pagado uns 150 dólares a mais por isso. Ela correu com a maior rapidez que pôde até chegar à água e se atirou nas ondas, arruinando o vestido. Tomando uma grande golfada de ar, ela mergulhou, impelindo o corpo para a frente com toda a força de seus braços e pernas. Depois, quando os pulmões estavam prestes a explodir, ela subiu à superfície, arfando e piscando com a água salgada nos olhos.

A lua brilhava e a música da festa de véspera de Natal ecoava na água. O 45 tinha parado e um DJ tocava *Blame It on the Boogie*, um clássico de Michael Jackson. Na praia, Blair podia ver a vaga silhueta de uma garota, os pés batendo na água rasa, parecendo Halle Berry em *Um novo dia para morrer*, mas com

o cabelo louro comprido e usando um biquíni branco em vez de um laranja.

É claro que era Serena.

- Cadê o Miles? - gritou Serena, colocando as mãos emconcha na boca.

- E quem se importa? - respondeu Blair, entrando naágua. - Cadê o Flow?

- E quem se importa? - respondeu Serena.

As duas riram e Blair boiou de costas por alguns segundos, olhando a lua. Depois ela se virou e nadou em direção a Serena.

- Estou pensando em voltar amanhã - disse ela, saindo da água. Tinha um roteiro para escrever e queria trabalhar nele sem a mãe grávida, o meio-irmão esquisito ou o amigo perseguidor dele por perto para incomodá-Ia.

Serena sabia que era melhor não perguntar o que tinha acontecido.

- Mas amanhã é Natal- assinalou ela. - Sua mãe não vai ficar chateada?

Blair espremeu a água dos cabelos e a água caiu na areia, deixando uma trilha atrás de si.

- Como se eu ligasse. Além disso, Cyrus é judeu.

As duas meninas andaram lentamente pela praia de volta à vila, saboreando a companhia uma da outra e os sons tranquilizadores das ondas quebrando na praia. Se ao menos pudessem ficar andando para sempre.

Quando finalmente chegaram à vila, elas descobriram o que parecia uma grande gaiola de ferro coberta com uma capa listradinha de vermelho e branco esperando por elas na porta.

Feliz Nata!!

Serena pegou a gaiola pela alça de bronze e levou para dentro. Colocou a gaiola na mesa-de-cabeceira e tirou a capa enquanto

Blair acendia a luz.

Dentro da gaiola havia um lindo papagaio verde e azul com o bico amarelo empoleirado em um fino anel de madeira. O papagaio piscou para Serena com seus olhos de conta.

- Eu te amo, Serena! Eu te amo, Serena - guinchou ele.

- Case comigo. Case comigo.

Blair riu.

- Acha que é de Kati e Isabel?

Serena riu também.

- Sei lá. Não tem cartão.

- Eu te amo, Serena! Case comigo. Case comigo – disse o papagaio novamente e agitou as penas.

Serena colocou a capa de volta e se afastou da gaiola. Flow podia ser insanamente lindo e lisonjeiramente generoso, mas isso estava ficando demais. Ela olhou para Blair.

- Sabe o que você disse sobre ir embora amanhã?

- É? - Blair tirou o vestido ensopado e o atirou na direção do cesto no canto.

Serena foi para o armário e puxou a mala Kate Spade daprateleira de cima.

- Estarei pronta quando você estiver.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Ho, ho, ho e Feliz Natal para todos!

Sei que a família de **V** não festeja o Natal, mas tenho um presente para ela, de qualquer forma. Parece que uma coisa boa pode vir daquele link que está voando pela Internet.

Veja a seguir:

Cara Gossip Girl,

Meu nome é **Ken Mogul** e sou cineasta independente. Você pode ter visto meu filme *Seahorse*, estrelado por **Chlöe Sevigny** e **Tobey Maguire**, que saiu agora em DVD. Por

acaso vi o filme no link que você discutiu em seu site, e queria perguntar se você sabe como entrar em contato com a pessoa que o realizou. Seja quem for, tem muito talento, e gostaria muito de trabalhar com ele ou ela. Muito obrigado e, a propósito, você arrebenta.
- xoKM

Tomei a liberdade de bancar o Papai Noel e a fada madrinha ao mesmo tempo e dar o nome de **V** ao **Sr. Mogul** e disse a ele que ela morava no Brooklyn. Aí, hein, **V**: hoje pornô na Internet, amanhã o Festival de Cannes!

Os outros e-mails

P: oi, gg,

Tenho de te contar que eu soube que **S** voltou para as drogas. Todo aquele boato de que ela e **Flow** estão noivos é totalmente falso. O verdadeiro motivo para ela ir a St. Barts era para encontrar um traficante para que pudesse trazer uma carga completa de coisas para vender. Mas todo mundo deve saber disso.

- insider

R: oi, insider,

Você deve ter razão. Eu ouvi dizer que ela está pensando em cair na farra no Ano-novo também. Mas, não se esqueça, ela ainda tem de passar pela segurança do aeroporto.

- GG

P: Cara Gossip Girl,

Tenho uma casa em Mt. Desert, Maine, e encontrei alguns amigos lá para fazer tobogganing inclusive **N**. Achei que ele tinha uma namorada mas ele estava azarando todas as garotas lá até eu e ele estava tão chapado que eu não quis ir de carro com ele para fazer tobogganing.

- pumpkim

R: Cara pumpikin,

Parece que **N** está buscando sua alma gêmea. Ele pode fazer tobogganing comigo quando quiser.

Flagra

B e **S** pegando um táxi do **JKF** para a Quinta Avenida, parecendo maravilhosamente bronzeadas e felizes por estarem em casa. **K** e **I** reunidas novamente, na **Williams Sonoma** na Madison, verificando para ver se **S** e **Flow** já haviam registrado a lista de casamento. Um cara sarado com uma camiseta da equipe de **Isle de la Paix** devolvendo um grande papagaio verde e azul a uma pet shop em **Gustavia**.

Um último desejo

Então, eu tinha conseguido toda a minha lista de Natal, até a minha bolsa laranja Hermes Birkin. Sei que você acha que sou mimada, mas eu mereço isso. O que ainda não

consegui, porque ainda faltam seis dias, é uma véspera de Ano-novo que transforme a vida. Vamos esperar que **S dê** mesmo uma festa, e quem sabe – **Flow** pode até aparecer!

Vejo vocês à meia-noite!

Pra você que me ama,

gossip girl

prisioneira da torre

Preso em uma casa sem nada para fazer a não ser ler e devanear, Jenny se sentia uma Rapunzel, só que com cabelos mais curtos e peitos maiores. Ela guardou a tanga de cetim branca no fundo da gaveta de calcinhas até a próxima vez em que visse Nate. A véspera de Ano-novo não estava longe e talvez ela nem tivesse de esperar tanto. No fundo ela esperava que ele estivesse com muita saudade dela, que voltasse do Maine e se esgueirasse no quarto dela no meio da noite pela escada de incêndio. Imaginar que se veriam novamente a mantinha ocupada por horas.

Coitado do Nate, preso naquele Maine cheio de neve e frio. Ontem foi Natal, e provavelmente ele passou o dia todo assistindo a filmes antigos com os pais, de vez em quando olhando a neve e se perguntando quando iria ouvir a voz dela novamente. Jenny nem se importava de não falar com ele ao telefone – esta separação forçada só estava deixando seu amor muito mais forte -, mas ainda tinha de fazer alguma coisa para mostrar a Nate que pensava nele e o amava mas do que nunca. E foi por isso que ela decidiu mandar um pacote de lembranças para ele.

Primeiro ela encontrou uma caixa velha de tênis Nike, que ela revestiu de folha de estanho. Depois, colocou um exemplar em brochura de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, na caixa. O sofrimento dos amantes na peça trágica era muito parecido com o deles: estavam profundamente apaixonados e foram proibidos de se ver, e ainda assim o amor venceu no fim. É claro que ela e Nate não iam morrer, como Romeu e Julieta. Eles se casariam, teriam uma família grande e contariam histórias aos netos sobre como se encontraram no parque em um dia ensolarado de outono quando as forças do universo estavam perfeitamente alinhadas.

Em seguida Jenny acrescentou uma embalagem de estanho de dois Pop-Tarts de blueberry à caixa. Eram sua comida preferida, embora raramente comesse, porque tinha calorias demais e absolutamente nenhum valor nutritivo. Mas ela gostou da idéia de Nate comendo uma coisa que ela adorava e sentindo falta dela.

Depois Jenny colocou uma foto dela que Dan tinha tirado no verão anterior. Ela usava um vestido sem mangas amarelo e estava parada na beira de uma piscina de um hotel em Hershey, na Pensilvânia, aonde Rufus os havia levado para passar um fim de semana. Jenny gostava de como seus cabelos brilhantes estavam na foto, e como os braços bronzeados cobriam as laterais dos peitos de forma que não se podia dizer que eram tão grandes.

Em seguida ela colocou o programa de *O Quebra Nozes* que tinha guardado. Jenny queria que Nate soubesse que, começando com *O Quebra Nozes*, esse dia tinha sido o mais maravilhoso da vida dela, o dia em que eles disseram que se amavam.

Por fim ela cortou uma mecha grossa dos cabelos crespos, amarrou com uma fita vermelha e colocou dentro da caixa. Parecia meio estranho com todas as outras coisas, como um memento de um morto ou coisa assim, mas ela queria que Nate sentisse que ela estava bem ao lado dele e essa parecia ser a melhor maneira.

Com o acréscimo da mecha de cabelo, a caixa de lembrança parecia completa. Então ela fechou a caixa e prendeu a tampa com fita adesiva. Depois a embrulhou com páginas de revistas para adolescentes que estavam espalhadas pelo quarto, com o cuidado de não incluir nenhuma página com anúncios constrangedores de absorventes íntimos, pílulas anticoncepcionais ou remédios para micoses. Finalmente ela colou um Post-it amarelo e cuidadosamente escreveu o endereço de Nate no Maine, que ela havia colocado na agenda com os endereços de todas as outras casas da família dele em Montauk, Nice, St. Anton e Barbados, só para garantir.

Depois de colar na caixa vinte selos que tinha surrupiado da escrivania do pai, Jenny levou o pacote para a cozinha e abriu a porta dos fundos para deixá-la com o carteiro. Era ótimo morar em um prédio antigo como o dela. Não havia caixa de correio no térreo, então o carteiro usava o elevador de serviço e entregava a correspondência diretamente na porta dos fundos. Ela colocou a caixa no chão, abaixo da pequena prateleira onde o carteiro colocava a correspondência, e fez uma carranca para ela, perguntando-se se talvez devesse abri-la de novo e incluir a tanga para que a caixa ficasse um pouco mais sexy. Pensando melhor, isso parecia meio de piranha. Além disso, Nate tinha lhe dado a tanga de Natal. Se mandasse de volta, Nate podia pensar que ela não tinha gostado.

Dan apareceu na cozinha e viu Jenny parada na porta dos fundos.

- O que está fazendo? – perguntou ele, desconfiado. Seu pai tinha pedido a Dan para ficar de olho em Jenny e ele estava levando a tarefa muito a sério.

Jenny fechou a porta.

- Só vendo se tem correspondência. – Ela se virou e olhou para Dan com os olhos semicerrados. O cabelo dele estava embaçado e ele usava a mesma camiseta branca manchada de café há dois dias. – Você está horrível.

Dan colocou café instantâneo na caneca e abriu a torneira de água quente até que estivesse quente o bastante para dissolver os cristais. Ele encheu a caneca e bebeu um gole.

- Estou trabalhando num poema – disse ele, como se isso explicasse tudo.

Jenny abriu a geladeira, ia pegar um pote de iogurte de café Dannon, e depois retirou a mão e fechou a porta da geladeira com um baque. A última coisa que queria era engordar antes de ver Nate novamente.

Dan soprou na caneca, observando-a.

- Você sabe que foi a Vanessa né?- disse ele impassível. – Quem filmou os dois no parque?

Jenny se virou, puxando para baixo o sutiã onde ele tinha subido entre os peitos. Ela não voltou ao site desde que viu no computador de Dan, e nunca passou pela cabeça dela tentar deduzir quem tinha feito aquilo. A idéia de Vanessa colocando o filme no site parecia absolutamente ridícula.

- Como é que você sabe? – perguntou Jenny.

Dan deu de ombros.

- Veja o filme. Só pode ter sido a Vanessa.

Jenny cruzou os braços.

- Prefiro não ver. De qualquer forma, e daí se foi ela? – Jenny trabalhou com Vanessa na *Rancor*, a revista de artes das alunas da Constance Billard, e elas sempre se deram bem. Se Vanessa tinha filmado Nate e Jenny no parque, provavelmente havia uma explicação perfeitamente boa para o motivo de ter feito isso e uma explicação perfeitamente boa para como o filme foi parar na Web.

- Só achei que você quisesse saber, é só isso. – disse Dan e voltou ao quarto dele. Estava arrumando e rearrumando a lista de palavras que tinha escrito para o exercício de bloqueio de escritor, e agora tentava montá-las em alguma ordem para o poema “Putas”. Piranha, escrava, raspada, preta, renda, gelo, frio, chuva, choro, lenço, dormir, café, mancha, culpa...

Seria um poema muito raivoso, é claro, mas não era *sobre* estar com raiva. Era sobre descobrir que a pessoa que você ama não é quem você pensava que fosse. Jenny não era a doce e inocente irmãzinha que ele pensava, e Vanessa era uma voyeur que usava calcinha de puta e se aproveitava dos momentos de intimidade das pessoas para chamar atenção. Ele começou a usar palavras da lista, acrescentando o verbo ou adjetivo ocasional para embelezar o texto.

Limpo o sono de meus olhos com o lenço e sirvo outra caneca.

Vejo que você tentou me dizer o tempo todo,

Raspando a cabeça e me mostrando (tão delicadamente)

Com cetim e renda:

Você é uma piranha.

Dan gostou da retidão do que tinha escrito e de sua energia. Ele continuou escrevendo, revigorado pela sensação de encher uma folha de papel novamente. Depois que terminasse, ia mandar por e-mail para Vanessa. Escrever o poema era a única maneira que ele conhecia de lidar com o que tinha, e mandá-lo para Vanessa era a única maneira que conhecia de dizer a ela.

V encontra um jeito de se desculpar

Ruby enfiou a cabeça no quarto de Vanessa. Estava usando uma jaqueta emborrachada preta, jeans e sapatos pretos pontudos com salto agulha. Tinha cortado o cabelo com lâmina de barbear e ele estava supercurto.

- Algum mail? - perguntou Ruby.

Vanessa sacudiu a cabeça. Seus pais estavam viajando pela Europa, numa turnê de alguma feira de arte, e ainda não tinham mandado nem um postal.

- Telefonemas? Recados?

Vanessa sacudiu a cabeça novamente.

- Alguma possibilidade de você vir comigo? -propôs Ruby. - Você devia estar de férias, sabe como é.

Vanessa deu de ombros de novo e fechou o casaco de capuz até o queixo. Ainda estava zangada com a irmã por emprestar a câmera dela sem pedir, e ainda não queria fazer nada a não ser falar com Dan. Ela não falava com Dan desde que saiu da casa dele na sexta-feira - o tempo mais longo que já ficaram sem se falar desde que se tornaram amigos anos antes. Ela queria explicar tudo a ele, como todo o desastre no link da Web tinha sido só

um acidente terrível e como Vanessa só comprou a lingerie Victoria's Secret porque pensou que o ajudaria a relaxar e se divertir. Queria dizer-lhe que eram amigos há tempos demais para ficarem zangados um com o outro desse jeito e se desculpar de um milhão de maneiras diferentes. Mas no fundo ela esperava que Dan a conhecesse bem o suficiente para imaginar que ela nunca teria colocado um filme no site explorando a irmã dele daquele jeito. E ela no fundo esperava que ele percebesse que a havia humilhado quando ela estava de pé, praticamente nua, com uma roupa de baixo mínima, e que ele é que devia se desculpar primeiro.

- Tá legal. A gente se vê depois. Vou trazer uma comida para você - disse Ruby, virando-se.

Vanessa foi até o computador para verificar pela centésima vez se Dan lhe mandara algum e-mail.

Desta vez ele mandou! E era um poema! Ela puxou ansiosa a cadeira e clicou duas vezes no arquivo. Assim que ele abriu, ela começou a ler.

Leu o poema três vezes na tela antes de imprimi-lo e ler novamente. As palavras eram feias e raivosas, e a magoaram. Dan não a havia perdoado, isso estava muito claro.

Mas Vanessa sempre foi capaz de ver a beleza nas coisas feias, e ela leu solicitações de publicação suficientes na *Rancor* para saber que o poema dele era especial. Era cheio de metáforas ricas e uma linguagem apaixonada e, embora quisesse enterrar a cabeça nas cobertas e chorar, ela não conseguiu deixar de admirar as expressões inteligentes. Era brilhante.

Mesmo que Dan nunca mais falasse com ela, e apesar de o poema tratar inteiramente dela e da pessoa horrível que ele pensava que ela fosse, ela ia conseguir que o poema fosse publicado.

Dan nunca tentou publicar nada, mas não havia como ele não ficar estarecido quando abrisse um exemplar da *The New Yorker* e visse seu poema "Putas" impresso na revista. E que maneira maravilhosa de impressionar as universidades a que ele estava se candidatando. Ela não podia deixar de fazer isso. Devia isso a ele.

Pulando da cadeira, Vanessa vasculhou o quarto de Ruby até encontrar um exemplar da *The New Yorker* enfiado por baixo da porta do armário. Folheou a revista até encontrar o nome do editor, voltou ao computador e escreveu uma carta a ele, colocando o nome de Dan e o endereço dele no envelope selado para resposta.

audrey vai para a universidade

EXT. DEPART. INGLÊS. PRÉDIO DO CAMPUS DA NOVA INGLATERRA - DIA

Um prédio de quatro andares com colunas brancas e marfim. Um gramado verde na frente. Escada de mármore.

AUDREY, 18 anos, uma garota bonita de cabelos escuros com saia, blusa e sapatos de solado baixo da moda, pedala sua clássica bicicleta Schwinn pelo gramado e a estaciona em um suporte de um lado das escadas de mármore. Ela sobe a escada e entra no prédio.

INT. DEPART. INGLÊS. PRÉDIO –SEQÜÊNCIA

Um longo corredor ladeado por pequenas salas do departamento. Todas as portas estão abertas, e dentro de cada um delas um professor está reunido com um aluno, discutindo as questões mais admiráveis da literatura.

ALUNO A

Eu realmente pensei que seria melhor se a baleia pudesse falar, senhor.

PROFESSOR A

Mas não se trata de uma baleia falante. Trata-se da busca de um homem por significado.

ALUNO B

Não tem pontuação. Está vendo? Não usei vírgula nem ponto.

PROFESSOR B

Isso não faz um poema. Um poema tem... bem, um poema tem *poesia*.

ALUNO C

Aquele sobre a baleia?

PROFESSOR C

Ãrrã. O que achou?

ALUNO C

Bem, eu realmente acho que seria melhor se a baleia falasse.

Um quarto professor vai até a porta, olha o corredor dos dois lados e depois bate a porta.

AUDREY corre pelo corredor, parecendo esfarrapada. Ela bate na porta do professor que acabou de fechá-la.

AUDREY

Professor Weeks! Oh, professor Weeks!

PROF. WEEKS

Está atrasada.

AUDREY

Sim, mas tenho uma desculpa perfeitamente boa.

O professor faz uma pausa, esperando ouvir a desculpa.

PROF. WEEKS

Sim?

AUDREY

(sem fôlego)

Oh, mas não posso contar ao senhor! É uma coisa ilegal.

PROF. WEEKS

(fazendo uma carranca)

Ilegal? Vou precisar chamar a segurança do campus?

AUDREY

(sacudindo a cabeça)

Ah, não. Pelo menos, ainda não.

Ela passa seu trabalho a ele.

AUDREY

Não consegui decidir sobre qual pela de Shakespeare escrever, por isso escrevi sobre todas elas. Espero que não se importe.

O professor coloca os óculos de leitura e começa a ler o trabalho. Ele se senta à mesa, completamente absorto com o que está lendo. Enquanto ele continua a ler, Audrey casualmente sai da sala dele e fecha a porta. Ela anda pelo corredor e sai pela porta do prédio, pega a bicicleta e pedala pelo gramado.

EXT. QUADRA DA FACULDADE – SEQÜÊNCIA

Um enorme gramado triangulado por prédios de tijolinhos.

AUDREY pedala pelo gramado, olhando a folhagem caída em vez de olhar para onde está indo. Ela se choca com um rapaz que usa um suéter da equipe de remo que está a caminho do treino. O rapaz cai no chão.

Ele é COLIN DAVIS

Ai!

Audrey desce da bicicleta e se agacha ao lado dele.

AUDREY

Desculpe. Está tudo bem?

COLIN

Acho que minha perna quebrou.

Ele tenta mexê-la.

COLIN

Ai!

AUDREY

Não se mexa. Vou chamar uma ambulância.

Ela vasculha a bolsa procurando pelo celular. Uma arma cai da bolsa. COLIN olha para a

arma. AUDREY pega a arma e enfia na bolsa novamente. Ela abre o celular e disca o número da emergência.

s assume o agito

Serena concluiu que a única maneira de consertar o Natal horroroso era ter um Ano-novo verdadeiramente sensacional, e a melhor maneira de garantir isso era dar sua própria festa. Ela adorava planejar festas e era extremamente boa nisso, mas já era quarta-feira e só tinha três dias e meio para organizar tudo. Blair não ia ajudar. Estava isolada no quarto com o iBook, um pacote de cigarros e uma máquina de café expresso e não ia sair até que terminasse o roteiro que estava escrevendo para a proposta para Yale. Serena sempre foi melhor delegando tarefas do que fazendo tudo sozinha, então, quem devia chamar a não ser as duas garotas que queriam tão desesperadamente ser suas novas melhores amigas?

- Alô? Kati? É Serena.

- Oi!

- Olhe, Isabel está aí?

- Arrã.

É claro que estava.

- Legal. Então, eu estava me perguntando se vocês se importariam de vir me ajudar a planejar minha festa de Ano-novo. Eu meio que decidi de última hora e realmente quero que seja ótima, mas estou com pouco tempo.

As duas meninas ficaram sem fala. Então começaram a guinchar juntas.

- Ai meu Deus! Vai ser a melhor festa de *todas!* Não se preocupe, vamos chegar aí *rapidinho*.

E chegaram.

Serena chegou à porta usando a calça de veludo vermelho Juicy Couture e uma camisetinha com uma estampa de um boneco de neve.

- Ai, meu Deus, você está tão *bronzada* exultou Isabel, beijando-a no rosto.

- Você emagreceu?- acrescentou Kati, beijando-a também.

Como se Serena precisasse emagrecer.

A eterna anfitriã graciosa, Serena levou-as para a sala de estar do enorme apartamento da família na Quinta Avenida com vista para o Metropolitan Museum of Art. Os pais dela foram para Ridgefield passar as festas e o irmão estava em Boston, com os amigos da faculdade, então Serena tinha o apartamento só para ela.

Já havia colocado várias folhas de papel em branco na enorme mesa de centro com tampo de vidro e escrito cabeçalhos nelas: *Local. Bebida/Comida. Música/Som.*

Tema/Decoração/Iluminação. Convites. Lista de Convidados. Ela passou as folhas de papel para Kati e Isabel.

Viu como Serena sabia delegar?

- Vocês foram do comitê organizador da festa *Beijo na Boca* em outubro, não é?

Elas assentiram.

- Ótimo. Podem ligar para o mesmo bufê e o mesmo decorador daquela festa?

- Claro! – Isabel inclinou-se para a bolsa procurando pelo PalmPilot.

- E vamos precisar encontrar um DJ legal – instruiu Serena.

Kati pareceu confusa.

- Não é o 45 que vai tocar?

Serena piscou. Não tinha idéia de onde Flow ia passar o Ano-novo, mas tinha certeza absoluta de que não queria que ele a ficasse perseguindo em sua própria festa.

- Não, na verdade ele está ocupado gravando o disco novo – mentiu ela. – Um DJ é melhor, de qualquer forma. Mais variedade.

As duas meninas pareceram decepcionadas.

- Achei que podíamos usar essa lista de convidados do baile Black-and-White – continuou Serena, pegando outra pilha de papéis na mesa de centro. – É claro eu vocês podem acrescentar quem quiserem.

- Flow vai, pelo menos?

Serena vacilou. Se dissesse que não ia, Kati e Isabel provavelmente começariam a espalhar boatos de novo, sobre como o noivado de Serena e Flow tinha terminado e blá, blá, blá. E podia ser um gesto elegante mandar um convite para a casa de Flow em Malibu, especialmente depois de ela ter deixado o papagaio na recepção do resort em St. Barts e voltado a Nova York na manhã de Natal, sem vê-lo novamente. Não era como se ele realmente fosse à festa, de qualquer forma.

- Ele me prometeu que iria – disse ela, apontando para o nome de Flow na lista.

Sem pensar no que estava fazendo, Serena correu o polegar pela lista até chegar ao R para se certificar de que o nome de Aaron Rose estava ali. Aaron só voltaria de St. Barts no dia 30, mas ela esperava que ele fosse à festa. Ele parecia tão triste da última vez em que ela o viu que ela queria fazer alguma coisa para animá-lo.

- Quer que eu cuide dos convites? – perguntou Kati, toda executiva. Tirou o celular Nokia da bolsa Hervé Chapelier vermelha. – Posso ligar para a papelaria agora mesmo.

- Ótimo – disse Serena. – E, Isabel, por que não liga para o corretor de imóveis para festas? Diga-lhe que quero um grande loft no centro com uma boa vista dos fogos de artifício. De preferência com um deque.

Enquanto passava a lista de convidados a Kati, um nome no topo da lista chamou a atenção de Serena: Nathaniel Archibald. *Onde diabos andava o Nate, aliás?*, perguntou-se ela. Ele tinha de ir à festa dela. O Ano-novo não seria o mesmo sem ele.

Nate estava ocupado abrindo o pacote de lembranças de Jenny, o que não era uma tarefa simples, uma vez que estava embrulhado numa camada de cinco centímetros de revistas para adolescentes e fita adesiva Scotch. O pacote tinha chegado ontem à tarde, mas de algum modo, entre fazer snowboarding descendo a montanha Cadillac com John e Ryan e fumar haxixe na banheira de uma garota em uma festa em Bar Harbor, ele simplesmente tinha se esquecido de abrir.

A única cueca limpa que restava na gaveta de Nate era a que Jenny tinha comprado para ele na Barneys, então ele agora estava sentado no chão usando a samba-canção de veleiro e rasgando as folhas de revista que cobriam a caixa do tênis Nike, exatamente do modo como Jenny tinha imaginado.

Ele ergueu a tampa da caixa e olhou o interior, rindo consigo mesmo enquanto passava o dedo na mecha de cabelo de Jenny. Mandar uma mecha de cabelo quase parecia uma coisa que Blair faria, só que ela provavelmente encheria de perfume primeiro, e depois a colocaria numa caixa de prata da Tiffany revestida de veludo vermelho e com um monograma das iniciais de Nate ou coisa assim. Nate pegou o programa de *O Quebra-nozes* e o folheou. Em vez de se lembrar de cinco dias antes, quando ele levou Jenny para ver o balé e eles se sentaram na primeira fila do balcão no New York State Theater do Lincoln Center de mãos dadas enquanto o exército de quebra-nozes de soldados de

brinquedo lutava contra os camundongos do mal sob a árvore de Natal enorme, ele pensou na última vez em que levou Blair para ver o mesmo balé. Blair tinha tido cólica. Então, no intervalo, Nate conseguiu um Advil e uma Perrier para ela com o bartender e depois eles saíram para fumar cigarros no balcão. Eles ficaram se beijando e passaram todo o segundo ato ali, fumando, beijando e vendo as pessoas passarem pela fonte vazia e pelo Lincoln Center. Blair estava usando um casaco de pêlo de camelo com gola de mink em que Nate gostava de encostar o rosto, respirando a combinação dos aromas de pele de animal, perfume de Blair e fumaça de cigarro. De cima da cômoda Shaker de bordo do quarto de Nate em Mount Desert, o celular tocou. O telefone tinha nove mensagens, todas com o número de Jenny, e Nate ainda não tinha se preocupado em responder a nenhuma delas. Mas dessa vez o número que piscava na tela era diferente.

Nate riu. Ele sempre ficava feliz ao ouvir Serena.

É, assim como todos os caras do planeta.

- E aí? O que é que tá rolando?

- Natie? - A voz de Serena soou em seus ouvidos. - Eu estava me perguntando quando é que vou ver você de novo. Ou você vai, tipo assim, ficar no Maine até a formatura?

Nate se inclinou e pegou o pacote de Pop-Tarts de blueberry na caixa de lembranças de Jenny. Abriu com os dentes e tirou um dos Pop-Tarts, devorando-o antes de atirar o saco de volta à caixa.

- Acho que vou ficar mais tempo por aqui - ele queria evitar de lidar com Jennifer até o último minuto. Ou para sempre, se possível.

- Mas vou dar uma festa de Ano-novo - disse Serena numa voz de mau humor. - Kati e Isabel estão aqui agora, me ajudando a planejar. O tema vai ser demais e vamos ter o melhor DJ, e um deque enorme para que todo mundo possa ver os fogos. Você é um mané se não vier, e eu prometo que vai se arrepender totalmente.

Nate riu. A festa parecia legal. Depois ele se lembrou de uma coisa.

- Ei, cadê a Blair? Vocês não estavam em St. Barts?

- Voltamos mais cedo - suspirou Serena. - Blair está bancando a nerd e trabalhando na proposta para Yale.

- Ah - Nate pegou o exemplar de *Romeu e Julieta* e passou o polegar na borda das páginas cheias de orelhas. Depois ele olhou a capa, uma imagem clássica de um rapaz e uma garota entrelaçados num abraço. - Mas ela vai na festa, né?

- Claro que sim, bobinho - exclamou Serena. - Ela não está *tão* nerd assim.

- Tudo bem - concordou Nate, ainda segurando o livro. - Eu vou.

Serena desligou. De frente para ela, sentadas no sofá de chintz vermelho e branco, Kati e Isabel estavam atarefadas ao celular, agendando o bufê e encomendando mais bebida do que jamais precisariam. Serena sorriu para si mesma. Era meio interessante como Nate só disse que ia à festa *depois* que ela mencionou que Blair estaria lá. Teve a sensação de que ia ser um Ano-novo muito interessante.

os artistas atormentados de repente têm seu momento

Ainda usando a mesma camiseta branca manchada de café que vestiu por quase uma semana, Dan tinha praticamente enchido todo um bloco com poemas mórbidos sobre como o amor era um embuste poético inventado pela Hallmark para vender cartões do

Dia dos Namorados e dar às pessoas a falsa impressão de que a vida delas tinha significado. Agora mesmo ele estava trabalhando em um poema intitulado “Carro Cheio de Pedras”, sobre um cara que enche seu carro de pedras e o leva até um rio porque o carro o lembra da ex-namorada que gostava de dirigir por aí e ouvir a estática do carro em vez de música.

Jenny bateu na porta.

- Tem uma carta pra você, Sr. Eremita.

Dan baixou a caneta e abriu a porta. Jenny estava usando um roupão cor-de-rosa e tinha um bigode de creme branco. Ela lhe passou um envelope.

- O que é isso na sua cara? – perguntou ele, pegando a carta.

- Estou me depilando – disse ela, virando-se e seguindo pelo corredor até o banheiro.

Sei lá o que isso significa, pensou Dan, fechando a porta. Jenny estava gastando tempo demais presa em casa lendo revistas de moda, mas combinava bem com ela por ter sido uma puta.

Dan virou o fino envelope branco e examinou o endereço do remetente. Era da *New Yorker*, provavelmente oferecendo uma assinatura, quando seu pai já era assinante a vida toda. Ele o abriu e desdobrou a folha de papel que estava dentro.

Prezado Sr. Humphrey,

Obrigada por mandar seu poema, “Putas”, à *The New Yorker*. Nossos parabéns! Fico feliz em informa-lo de que publicaremos seu poema em nossa edição do Dia dos Namorados.

Preencha, se lhe interessar, a ficha de Informação do Autor anexada a esta, para que possamos incluir algumas informações sobre o senhor em nossa página de colaboradores. Um cheque no valor de 800 dólares lhe será enviado.

Feliz Ano-novo!

Jani Price
Editora

Isso era alguma piada?, perguntou-se Dan. Ele releu a carta duas vezes antes de deixá-la cair na cama, todo o corpo tremendo de pavor. *The New Yorker* raramente publicava poemas de autores desconhecidos, e Jani Price era famosa por mandar cartas de rejeição desagradáveis, como. “Boa tentativa!” ou “Lamento, Charlie”. Dan analisou a letra.

Parecia autêntica. Depois leu a carta de novo, as mãos ainda tremendo loucamente com a idéia de que uma pessoa estranha – e ainda mais tão famosa no mundo literário como Jani Price – tinha lido seu poema.

Quanto mais pensava nisso, mais evidente ficava que a única pessoa que podia ter mandado o poema para a revista era Vanessa. Como se já não tivesse causado estragos o suficiente. Que diabos – não, que *porra* ela estava pensando?

Dan atirou a carta na cama e tirou a camiseta suja. Primeiro ia tomar um banho quente e vestir roupas limas.

Até que enfim!

Depois ia direto para o Brooklyn para dar uma bronca em Vanessa. Como ela ousou violar seu trabalho mandando-o para alguém sem ter o trabalho de perguntar a ele primeiro? Quem ela pensava que era, afinal? Sua fada madrinha de cabeça raspada e

botas de combate?

Que tal a Bruxa Boa Má do Leste?

Ruby finalmente tinha recuperado a câmera digital Sony e Vanessa estava sentada no computador, baixando as imagens dos pingentes de gelo e inserindo-as em seu novo filme, pouco antes do trecho de pombos empoleirados em um caminhão de lixo. Ela já havia deletado o filme de Nate e Jenny na neve e decidira deixar tudo aquilo para trás e se concentrar no novo filme. Além dos pombos empoleirados no lixo, uma cabeça de boneca careca e caolha saía de um saco de lixo rasgado. Era sensacional.

Uma caixa de mensagem instantânea apareceu no canto superior direito do monitor e Vanessa clicou nela, esperando que fosse Dan. A essa altura ele já devia saber da New Yorker e talvez estivesse mandando a mensagem para agradecer porque eles decidiram publicar e tudo estava perdoado. Mas o endereço na mensagem não era o de Dan.

KM10001: vc é vanessa abrams, cineasta?

Gatacareca: talvez

KM10001: estou procurando pela pessoa que filmou aqueles garotos no parque. o trabalho com a câmera é inacreditável.

Gatacareca: é mesmo? quem diz?

KM10001: Ken Mogul. fiz Seahorse, talvez vc tenha visto. então estou falando com a pessoa certa?

Gatacareca: está.

KM10001: uau. eu queria muito trabalhar com vc. estou terminando um filme agora que vou mandar para Cannes. te interessa?

Gatacareca: ainda estou no secundário. mas sim, me interessa.

KM10001: legal. posso ver vc em algum lugar? tipo hoje, mais tarde? estou em NY.

Gatacareca: vou filmar no Central Park à noite 10 horas, por aí. me encontra lá?

KM10001: ótimo. adorei ver teu trabalho. te vejo lá.

Gatacareca: tchau.

Vanessa voltou a editar seu filme sabendo que havia uma grande possibilidade de a pessoa que tinha conversado com ela ser na verdade um dos amigos mauricinhos de Nate que estavam agora mesmo abrindo um buraco no gelo do lago no Central Park para atirarem Vanessa na água congelante e afogá-la por causa do link que estava circulando. Ou talvez fosse realmente Ken Mogul, o cineasta alternativo, um de seus heróis. Riu alto. Ela era uma pateta e tanto para e-mail. Mas, quem sabe? Tudo era possível.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

COMO TER A FESTA DE ANO-NOVO MAIS AGITADA DO MUNDO

Dois conselhos:

- 1) Fique grudado em mim. Eu sei onde está o agito.
- 2) Beije pessoas. A meia-noite de hoje é a hora em todo ao ano em que você tem um convite aberto para beijar gente completamente desconhecida sem ter de dar nenhuma explicação. Então, vá nessa!

Seu e-mail

P: Cara Gossip Girl,

Tudo bem, então eu não sou uma grande fofoqueira, mas pensei em te contar por que ainda estou aqui em St. Barts. Sabe aquele cara que estava com **B-M**? Bem, logo depois de **B** ir embora, ele ficou com aquela francesa que ensina esqui aquático e eles passaram *muitotempo* juntos.

- bean

R: Cara bean,

Obrigada pela informação. Lamento por você estar presa aí em vez de estar aqui. Aliás, você devia fofocar com mais frequência. Deixa sua pele brilhante.

- GG

Flagra

A passeando com seu boxer pela **Park Avenue**. Imagino que ele voltou de **St. Barts**, mesmo com o amigo **M** ficando lá. **Flow** pegando um avião em **L.A.** para o **Aeroporto Kennedy** em Nova York hoje de manhã cedo. Ah, é mesmo?? **B** aventurando-se para fora de casa para comprar um spray para cabelos extragrande **Frédéric Fekkai** na **Zitomer Pharmacy** da Madison. Parece que ela está preparando um penteado extravagante para a festa de hoje à noite. Estou louca para ver. Estou louca para ver todos vocês!

A ÚNICA FESTA QUE VALE A PENA

Se você ainda não recebeu um desses, então pode muito bem sair da cidade.

Não seja um mané.

Venha comemorar o Ano-novo comigo!

Tema: Uma Noite Muito Louca no Paraíso

Onde? No Ice Castle, West 19th Street

Quando? Sábado à noite, dãã, das 9 até...

Levar o quê? Você mesmo e quantos amigos seus couberem no elevador.

Te vejo lá!

- Serena

NOSSA VIDA É MELHOR DO QUE OS FILMES

Se nossa vida fosse um filme vagabundo para adolescentes, convidaríamos todos os funcionários da admissão de todas as universidades a que nos candidatamos para sair conosco e cuidaríamos para que eles se divertissem tanto que acabariam decidindo nos deixar entrar. Mas nossa vida é melhor do que os filmes e não precisamos chegar a esse extremo para entrar na faculdade. *Não é?*

Mal posso esperar para ver quem vai beijar quem à meia-noite!

Pra você que me ama,
gossip girl

j foge de casa

Jenny tinha raspado, depilado, pinçado, esfoliado e hidratado o corpo todo, lixou as unhas, secou o cabelo, e aplicou uma maquiagem sutil em tons de outro e bronze de acordo com um mapa que tinha guardado da revista *Allure*. Depois vestiu o fio dental e a mesma calça de veludo preta que usou no dia especial no parque, com o top preto apertado com gola em V e fios de ouro que parecia brega no cabide mas ficou ótimo nela. De acordo com ela, quero dizer.

Por último, ela colocou o pingente turquesa que Nate tinha dado e um par de botas pretas de salto alto com as quais não conseguia andar direito, mas quem ligava para isso? Eram seis horas, e nas últimas duas horas e meia ela tentou se distrair vendo reprises dos *Osbornes* e detonando lentamente um saco inteiro de Pepperidge Farm de queijo cheddar, enquanto mantinha o celular azul-metálico aninhado no colo. Mas agora já eram oito e meia da véspera de Ano-novo e Nate ainda não tinha ligado.

Jenny ficou tão preocupada em preparar o corpo para a noite e esperar pelo telefonema de Nate que nem percebeu o que o resto da família estava fazendo. Ela desligou a TV e foi para o corredor.

A porta de Dan estava entreaberta e ela a abriu completamente. O computador estava desligado e não havia cigarros acesos queimando no cinzeiro.

- Dan? – chamou ela, mas não houve resposta.

Ela deu meia-volta e desceu o corredor para o escritório do pai. A porta estava aberta. Vazio.

- Pai? – Mas, novamente, nenhuma resposta.

Tradicionalmente, na véspera de Ano-novo, Rufus saía com alguns amigos para uma maratona de leitura de poesia em um café no Greenwich Village. Parecia que ele já havia saído.

Jenny apertou alguns botões do celular e o telefone imediatamente discou o número de Nate. O sistema de mensagens respondeu, *de novo*.

“Se estiver tentando falar com...”, disse a voz robotizada de mulher.

“Nate”, disse Nate com a própria voz.

“Por favor, disque um e deixe um recado, ou espere pelo sinal”, continuou a voz robotizada de mulher.

- Sou eu de novo – piou Jenny, tentando parecer animada. – Acho que você está preso no trânsito ou coisa assim. Acho que vou para a festa da Serena agora. Talvez eu consiga que o táxi pare na sua casa, e eu interfono. De qualquer maneira, espero ver você antes da meia-noite! Tá legal. Eu te amo. Tchau.

Jenny desligou e foi para o quarto para pegar a bolsa e o casaco. E se ela não estivesse oficialmente liberada? Rufus e Dan haviam-na deixado sozinha no apartamento. O que eles esperavam de uma princesa que ficou presa na torre por tanto tempo?

Nate tinha pensado em não fumar nada até chegar à festa porque sabia que Blair preferia quando ele não estava chapado. Ah, qualé, era véspera de Ano-novo.

- Caraca – disse Jeremy, passando a Nate o enorme baseado que tinha acabado de acender. Nate, Jeremy e Antony estavam juntos perto da estátua de Gandhi na Union Square. Perto dali, alguém tocava *Yesterday* em um gravador. – Puxe bem – aconselhou Jeremy. – Depois é melhor a gente ir para a porra da festa. Aqui tá parecendo a Antártida. Nate levou o baseado à boca e puxou, fechando os olhos. Não havia nada melhor do que um longo tapa em uma noite gelada. Ele passou o baseado a Charlie, prendendo a fumaça nos pulmões por mais um instante.

- E se a festa estiver um saco? – perguntou Charlie antes de dar um tapa.

Nate lembrou o que Serena tinha dito sobre Blair se trancar no quarto a semana toda para trabalhar na proposta para Yale. Sempre que passava muito tempo sozinha fazendo trabalho da escola, Blair ficava extremamente excitada depois.

- Cara – disse ele, soprando uma nuvem de fumaça no ar perto da cabeça de Gandhi. – Pode acreditar, não vai ser um saco.

n ainda está com o coração de b na manga

Deixe que Serena eleve os padrões das festas de Ano-novo, ou de qualquer festa, aliás. Dois minutos dentro do loft em Chelsea que ela alugou para a festa eram o suficiente para deixar claro que esta era definitivamente a melhor festa a que alguém poderia ir. Havia tochas ardendo nos cantos e a pista de dança era de grama de verdade. Os bartenders usavam biquínis de crochê minúsculos, e o DJ era algum rocker famoso da Islândia. No fim do loft havia salas com sofás de couro branco e banheiras, para os que precisavam de alguma privacidade ou só queriam tomar um banho. E havia um enorme terraço com vista para a cidade nas três direções, para quando começassem os fogos.

Blair tinha dormido apenas algumas horas e não saía de casa desde que voltara de St. Barts. Passou a café expresso, adrenalina, cigarros e determinação. Seu roteiro ia dar certo, ela podia sentir – ela ia para Yale!

Mas menos os melhores auteurs precisam fazer uma pausinha.

Ela chegou à festa usando a microssaia Dior de camurça roxa, um top Chloé de cetim preto e meias arrastão pretas. Os cabelos estavam puxados para cima num rabo-de-cavalo anos 60 superalto e superbalançante e ela usava cílios postiços e batom prateado. Nos pés

o mais novo par de botas de salto 10 Christian Louboutin de camurça preta que o pai gay tinha mandado para ela da França, de presente de Natal, com um cartão que dizia: “Feliz Natal, Ursinha Blair. Aviso: Não saia desacompanhada com essas botas!” Mas Blair não obedeceu ao conselho dele – ela chegou sozinha.

Não levou muito tempo para encontrar Serena. Ela era a única menina com listras cor-de-rosa no cabelo, dançando descalça e usando um sutiã de biquíni Missoni, short de veludo preto curto e longos brinco de diamantes que balançavam nas orelhas. O DJ tinha aumentado o volume e a música estava tão alta que as paredes tremiam.

- Meus peitos doem – gritou Serena para Blair, ainda dançando.

- Meus peitos doem – gritou Serena para Blair, ainda dançando.

- Minha cabeça dói! – gritou Blair de volta. O que ela precisava, antes de nem sequer pensar em dançar ou falar com alguém, era de um drinque forte.

Ou três, ou quatro.

- Acabei de ver o Nate! – gritou Serena, apontando ao acaso para a multidão. – Estava procurando por você!

Claro que estava.

Blair passou por Serena, abrindo caminho na multidão em direção ao bar. Ela merecia uma bebida. Quase terminara o roteiro – só faltava o fim – e tinha certeza absoluta de que era demais. Além disso, era a porra da véspera de Ano-novo e, se Nate queria falar com ela, ela precisava tomar pelo menos um drinque antes.

Kati e Isabel estavam paradas no bar esperando pelos cosmos que tinham pedido.

- Oi Blair – arrulharam elas em uníssono.

- Você ainda está bronzeada – observou Isabel, cutucando aborrecida o próprio braço pálido.

As duas usavam longos pretos, exatamente iguais aos que Blair e Serena vestiram no baile Black-and-White.

- Serena falou que você estava trabalhando na proposta para Yale – disse Kati, sugando seu cosmo. – A gente ainda tem um mês inteiro antes de mandar nossas propostas, sabe como é.

Blair encarou o bartender por levar tanto tempo para atender ao pedido dela.

- Eu só quero que saia perfeito.

- Tenho certeza de que vai sair – garantiu uma voz conhecida atrás dela.

Blair girou e encontrou Nate – seu protagonista – parado na frente dela, usando o suéter de cashmere verde com gola em V que ela lhe dera na Páscoa. Antes de embrulhá-lo e dar a ele, ela costurara um coraçãozinho de ouro por dentro de uma das mangas para que Nate sempre estivesse com o coração dela na manga. Ela se perguntou se o coração ainda estava ali.

Kati e Isabel deixaram-nos a sós, escapulindo para um grupo de meninas que começavam a cochichar.

- Eu soube que ela perdeu a coisa para o Miles em St. Barts – disse Tina Ford.

- Foi por isso que ela voltou antes – acrescentou Rain Hoffstetter. – Pra tomar a pílula do dia seguinte que pegou no ginecologista.

- Alguém viu o Flow? – perguntou Kati.

- Serena prometeu pra gente que ele ia vir – gemeu Isabel.

Nicki Burton sacudiu a cabeça astutamente.

- Ouvi dizer que o Flow rompeu com Serena porque ele quer ficar limpo e ela é uma

drogada total.

- E aí, onde está sua menininha de jardim-de-infância? – perguntou Blair, puxando um Merit Ultra Light da bolsa e esperando que Nate acendesse para ela.

Nate riu. Era um começo. Pelo menos ela estava falando com ele.

- Nós terminamos – disse ele simplesmente.

Desde *quando*?

O bartender finalmente passou por ali no minúsculo biquíni de crochê, e Nate bateu a mão no bar.

- Ketel One com tônica e um Jack com Coca e muito gelo – disse ele, pedindo para os dois.

Blair adorava como Nate já sabia exatamente o que ela queria sem que ela tivesse de dizer nada, mas ela fingiu não perceber, fumando seu cigarro e observando os dançarinos roçando a bunda uns nos outros.

- E aí, como foi de Natal? – perguntou Nate, passando a ela cuidadosamente a vodca com tônica.

Ele não era o máximo em entabular uma conversa.

Blair tomou um grande gole e depois deu um trago longo no cigarro.

- Uma merda.

Nate entendeu que ela não queria conversa.

- Deixe para lá – disse ele. – Só faltam seis meses para a formatura.

Eles se olharam com uma cara de pavor.

- Seis meses – repetiu Blair, tomando outro gole grande.

- É tempo demais – disse Nate, concluindo o pensamento dela.

Blair quase arriscou um sorriso. Essa era outra coisa que ela adorava em Nate. Ele sempre sabia exatamente o que ela estava pensando.

- É uma loucura – prosseguiu Nate, estimulado pela sugestão de um sorriso nela. – No ano que vem, a essa altura, vamos estar com outra galera que vamos conhecer na faculdade. Gente que nem sabemos que existe.

Blair mordeu a cereja do coquetel, vendo Serena bater a bunda com dois homens de cabelo escuro de uns vinte anos que usavam trajes de marinheiro combinando e pareciam gêmeos.

- Mal posso esperar – declarou ela. – Depois que for para Yale, nunca mais vou voltar.

Nate sorriu. Ele adorava como Blair sempre achava que ia para Yale.

- Vou ter de ir lá visitar você, então.

A vodca estava subindo à cabeça de Blair. Ela podia ver que Nate tentava falar com ela como se nada tivesse acontecido, como se ele não a tivesse trocado por uma pré-escolar e passado o último mês evitando-a totalmente. Era meio irritante, mas era meio maravilhoso também, como a parte em seu roteiro em que Audrey percebeu que Colin tinha agido com ela da mesma forma horrível com que ela agira com ele e, por isso mesmo, ela decidiu amá-lo ainda mais. Blair suspirou fundo e terminou o drinque. Tinha se esquecido de como eram os olhos de Nate.

Charlie Dern foi na direção deles e cumprimentou Nate, batendo as palmas.

- Ei, bem-vindo de volta, cara. Eu vi a sua bunda naquele Web site. Mandou bem!

Mas que senso de oportunidade.

- Valeu, cara – respondeu Nate, tentando ficar frio. – Te vejo depois – acrescentou ele,

dando a entender a Charlie que ele não queria discutir o assunto.

Charlie saiu e Blair pôs outro cigarro na boca.

- O que ele quis dizer, mandou bem em quê?

Nate abriu o Zippo e acendeu o cigarro dela. Se Blair não tinha ouvido falar dele e Jennifer naquele site que todo mundo comentava, ele definitivamente queria que as coisas continuassem daquele jeito.

- Nada não – respondeu ele.

Uma mecha de cabelo castanho-areia caiu na testa dele e Blair a afastou para Nate, permitindo-se sorrir para ele enquanto ele retribuía o sorriso.

Quase como nos velhos tempos.

Quase.

a encontra uma distração

Pouco depois das dez, o meio-irmão sumido de Blair, Aaron, saiu do elevador e entrou no loft em uma nuvem de fumaça de cigarro natural, usando uma de suas camisas LEGALIZE HEMP e parecendo surpreendentemente pálido para quem passou uma semana em St. Barts.

Em seguida seus olhos varreram a multidão de bebedores, fumantes e dançarinos suados e caíram em Blair e Nate conversando ao lado do bar, os olhos grudados na cara um do outro. O coração de Aaron bateu nas paredes do peito. Blair parecia uma pessoa completamente diferente da Blair em St. Barts. Ela estava reluzente.

Ele queria ir até lá para se desculpar e tentar explicar o comportamento idiota na vila, mas depois achou melhor não fazer isso. Era uma festa, e todos deviam se divertir. Ele ia esperar até amanhã, se Blair não estivesse com muita ressaca.

Na pista, Serena viu as trancinhas meio desarrumadas de Aaron e dançou na direção dele, o cabelo com faixas cor-de-rosa balançando e os dedos pintados de prata brilhando. Ela atirou os braços no pescoço dele e apertou a bochecha corada na orelha de Aaron.

- Estou tão feliz que tenha vindo! – disse ela, aparentando estar mesmo feliz.

- Eu também – grunhiu Aaron, achando que talvez também estivesse sendo sincero.

- Cadê o Miles? Ele não veio com você?

Aaron sacudiu a cabeça.

- Ele ainda está em St. Barts. Ele meio que conheceu alguém lá.

Serena riu.

- Ah, conheceu, é?

Aaron pôs as mãos nos bolsos da calça verde-oliva e olhou para Blair e Nate novamente. Serena acompanhou o olhar dele. Por que Aaron sempre olhava para Blair com aquele jeito tão triste?

- É ótimo ver os dois juntos de novo, né? – soltou ela sem fôlego, esperando que ele concordasse.

Aaron se obrigou a assentir. Blair não era dele, e ela parecia feliz.

- É – disse ele. – É sim.

Serena deu o braço a ele, levando-o para a pista.

- Venha – gritou ela -, vamos dançar!

Ela cheirava a sândalo e patchouli, e descalça ela ficava exatamente da mesma altura de Aaron. *Uau*, percebeu Aaron enquanto Serena erguia os braços dourados e ágeis sobre a cabeça e dava um pequeno giro, os cabelos voando em todas as direções. *Ela é mesmo*

linda.

Como se todo mundo em todo o mundo já não tivesse percebido isso.

Ele podia estar meio pálido quando chegou, mas alguém estava prestes a ter um Ano-novo muito feliz.

só mesmo em nova york

Vanessa não gostava da idéia de beijar um monte de bêbados de que não gostava muito e gritar “Feliz Ano-novo”. Era meio que o pesadelo dela. Então, em vez de ir à festa de Serena, ela pegou o equipamento de filmagem, vestiu montes de roupas e tomou o metrô para o Central Park. Todo mundo que era antenado estaria na festa de Serena, então por que não ver o que iam fazer as pessoas que não eram antenadas? Só fazia sete graus negativos lá fora e a temperatura estava caindo. Não podia conseguir nada mais desajustado do que a corrida anual da meia-noite no parque congelado. Era o desfecho perfeito para o filme sobre Nova York.

Ela começou a filmar enquanto as pessoas se preparavam para a corrida na entrada do parque, perto da represa, na 89 Leste. Tinha começado a nevar, então era um desafio manter a lente limpa e a iluminação correta, mas o parque estava incrivelmente puro e bonito em sua fina capa de neve recém-caída, e todos os corredores estavam em total frenesi. Isto ia ser ainda melhor do que a cabeça de boneca no caminhão de lixo.

- Você corre todo ano, ou é a primeira vez? – perguntou Vanessa a um homem emaciado usando apenas bermuda de brim e tênis de basquete sem meias. Ela deu um zoom em seu peito magrelo e encovado, procurando por assaduras de frio, mas o que mais a assustou é que não viu nenhuma.

- Primeira vez? – exclamou o homem, puxando o cabelo grisalho pegajoso em um rabo-de-cavalo e sorrindo para ela com os dentes manchados de tabaco. – Eu pareço virgem pra você?

Grosso.

Vanessa ficou feliz de seu rosto estar escondido pela câmera.

- Tá legal – disse ela, recuando. – Boa sorte.

Ela voltou para uma mulher que devia ter uns setenta anos usando um casaco de mink, sapatos Chanel e orelhas de mink, levando um poodle padrão branco que também tinha um casaco de mink.

- Oi, e quem é esse aqui? – cantarolou Vanessa, abaixando-se para afagar o cachorro.

- Nós adoramos correr na neve. – A mulher sorriu alegremente, os lábios enrugados com uma grossa camada de batom rosa-alaranjado. Os cabelos brancos estavam puxados para cima num coque e as bochechas estavam grossas de ruge laranja. – Todos os meus filhos estão crescidos e meu marido está nos cassinos de Nice, então Angel e eu viemos aqui para nos divertir.

- Eu também – disse Vanessa, embora obviamente ela não tivesse filhos, nem marido, nem cachorro. Ela sorriu para a mulher como se conspirasse com ela. – É estimulante, não é?

A mulher estava tirando alguma coisa da bolsa Hermès Kelly verde, e Vanessa deu um zoom no que pôde ver: botinhas vermelhas de borracha.

- Assim ele não fica com bolas de neve nas patas – explicou ela, agachando-se para fechar as botinhas com Velcro nas patas do poodle.

- E elas têm muito estilo – completou Vanessa.

Agora ela sabia o que as pessoas queriam dizer quando falavam “Só mesmo em Nova York.” Só mesmo em Nova York você encontraria uma mulher e seu poodle com casacos de mink combinando, em uma corrida à meia-noite com aquele esquisitão de bermuda. E agora Vanessa tinha um título para seu filme: *Só mesmo em Nova York*. Era brilhante, mesmo que ela dissesse isso a si mesma.

De botas, Angel trotou em círculo, mostrando-as.

- Bom garoto! – disse Vanessa, seguindo-o de perto com a câmera.

Ela ficou tão encantada com o tema que não percebeu que seu herói, Ken Mogul, andava por ali e se sentou em um banco do parque para observar.

Dan procurou por Vanessa por horas. Primeiro foi ao apartamento dela, que teria sido o lugar mais óbvio para encontrá-la, mas, depois de tocar a campainha da portaria umas 14 vezes e gritar nas janelas, ele finalmente desistiu. Então ele foi para o Five and Dime, o bar de Williamsburg onde a banda de Ruby, a SugarDaddy, tocava. Ruby estava ocupada ensaiando com a banda, mas disse a Dan que Vanessa tinha falado alguma coisa sobre filmar gente maluca em algum parque à meia-noite.

Que animador. Como se cada parque da cidade não estivesse cheio de malucos.

Primeiro Dan procurou no Madison Square Park, onde Vanessa tinha filmado a cena de *Guerra e paz*. Mas, a não ser por algumas pessoas que passeavam com os cachorros e um homem que dormia em um banco com um saco de papel na cabeça, o parque estava tranqüilo. Depois ele tentou o Washington Square Park, que estava cheio de skatistas hipsters e alunos da Universidade de Nova York acendendo bombinhas ilegais. Por fim ele voltou ao centro e foi para o Central Park, vagando sem rumo e xingando Vanessa por não acreditar em celulares. Ele contornou a represa, observando os flocos de neve que flutuavam por ali e se chocavam, perguntando-se para onde tinham ido os patos. Depois ele percebeu uma multidão reunida perto da entrada do parque na 89. E, abrindo caminho pela multidão, conversando com pessoas enquanto as olhava através de sua câmera de vídeo, estava uma garota pálida de sobretudo preto, um gorro de malha preto e botas de combate pretas.

Dan seguiu pelos degraus de pedra que levavam à represa e se sentou em um banco de parque perto de um cara com uns trinta anos, cabelo ruivo curto e pele sardenta que usavam uma cara jaqueta de esqui cinza-escuro com capuz de pele. O cara estava sentado sobre as mãos nuas e parecia estar observando intensamente Vanessa.

- Está vendo como ela chega por trás das pessoas antes de se mostrar e falar com elas? – perguntou o cara a Dan, apontando para Vanessa. – É como se ela quisesse saber o que nem elas sabem sobre *si mesmas*.

Dan assentiu. Quem diabos era esse cara, afinal?

- E eu adoro o modo como ela se mistura com o fundo às vezes, ficando tão quieta, deixando que as pessoas façam o que estiverem fazendo. Ela é bonita.

Dan se virou e encarou o sujeito. Queria dar um murro nele.

O cara ergueu a mão.

- Oi, sou Ken Mogul, cineasta – disse ele. – Você também faz cinema?

Dan sacudiu a cabeça brevemente.

- Não – o hálito dele flutuou para o céu em lufadas frias e brancas. – Sou poeta.

Os dois viram Vanessa se agachar para que o poodle com casaco de mink farejasse a lente da câmera. Dan se inclinou para a frente. Ela estava tão encantadora por trás da

câmera e tão à vontade com o que fazia que era difícil acreditar que usasse o material de forma inadequada. Talvez Jenny estivesse certa em não culpar Vanessa, concluiu ele. Talvez ela não tenha tido nada a ver com aquele link. De algum modo o trabalho dela caíra nas mãos erradas.

- Já publicou alguma coisa? – perguntou Ken Mogul.

- Ainda não – Dan sorriu para si mesmo. – Mas um poema meu vai sair na *New Yorker* no mês que vem – acrescentou ele com orgulho.

o que ela quer não é o que ela tem

Eram quase 11 da noite quando Jenny chegou à festa de Serena. Seu simpático taxista tinha ficado preso no trânsito da Times Square – que todo mundo sabe que é um lugar que se deve evitar no Ano-novo porque fica apinhado de turistas bêbados e é um completo pesadelo. Então Jenny saiu e foi à pé. Ela se sentia meio madura e cool, sozinha na rua à noite, a caminho de uma festa onde finalmente veria de novo o namorado, o amor de sua vida.

Quando saiu do elevador e entrou no loft, Jenny desabotoou o casaco e o entregou à garota na entrada. Os peitos estupendos inflaram no top preto e dourado com gola em V projetando-se pela sala.

Oi, oi!

Vários homens na festa imediatamente reconheceram a baixinha de cabelos crespos do link na Web que fora uma fofoca tão quente nas férias. Pararam o que estavam fazendo e começaram a aplaudir.

- Ei, venha cá e me mostre o seu fio dental! – gritou bêbado um cara qualquer que usava uma cartola preta fora de moda.

- Quer entrar no meu casaco? – gritou outro.

Jenny congelou na soleira da porta, agarrada à bolsa, sentindo-se muito como Clara no *Quebra-nozes* quando é cercada pela gangue de camundongos do mal. seus olhos vasculharam a sala procurando desesperadamente por Nate.

Onde, oh, onde estava o príncipe Quebra-nozes dela?

Do outro lado da sala, perto do bar, um garoto com cabelos dourados ondulados e uma garota de longos cabelos castanhos que caíam pelas costas conversavam com o rosto tão próximo que bem que podiam estar se beijando. Eles se olhavam exatamente como Jenny sempre quis ser olhada, como se esquecessem de que estavam numa festa cheia de gente, distraídos demais pelo amor.

Os rapazes ainda estavam aplaudindo e uivando para Jenny quando o garoto de cabelos dourados e a garota de cabelos castanhos viraram-se para olhar.

Oi, oi de novo!

E, nesse instante, Jenny entendeu.

Nate nunca foi apaixonado por ela, porque ele nunca deixou de amar Blair. E porque ele tinha mentido e fingido amá-la, ele não era nem mesmo um bom namorado, como Vanessa e Dan disseram. Nate não era o príncipe Quebra-nozes. Era só outro *camundongo* podre.

- Nate – arfou Jenny, a voz presa na garganta. Ela cambaleou para o bar onde estavam Nate e Blair, arrancou o pingente turquesa do pescoço e o atirou nele com a maior força que pôde.

- Jennifer, desculpe... – Nate começou a gaguejar, mas seus olhos não pareciam lamentar

nada e Jenny não estava interessada. Blair a encarava, mas isso também não a incomodava.

- Vá se foder – sussurrou ela enquanto lágrimas quentes começavam a rolar por seu rosto. Depois ela se virou para procurar o banheiro, onde poderia jogar uma água fria na cara e sair da festa com alguma dignidade.

Nate se abaixou e enfiou o pingente turquesa no bolso. Parecia cansado e desajeitado. Blair colocou outro cigarro entre os lábios e riscou um fósforo, tentando acendê-lo. Continuou tentando sem sorte nenhuma e finalmente deixou cair o fósforo com um suspiro exasperado.

Nate abriu o Zippo dele e o estendeu a ela, mas Blair o ignorou.

- Qual é o problema? – perguntou ele, embora tivesse certeza absoluta da resposta. Blair estreitou os olhos para ele, o cigarro apagado ainda pendurado na boca. Ele não era seu protagonista. Ele já era. E tinham tantos astros promissores ali – pra que precisava dele?

- Você é outro motivo para eu estar ansiosa para entrar na faculdade.

- Eu só quero acender seu cigarro – respondeu Nate sem muita convicção.

- Tudo bem – Nate acendeu o cigarro e Blair inalou profundamente. Depois soprou uma torrente de fumaça na cara dele. – Mas agora você pode se foder.

Nate franziu a testa e fechou o Zippo, extinguindo a chama. Blair sempre exagerava.

Perto deles, as pessoas começaram a entoar, “Dez! Nove! Oito!”

- Blair? – Nate deu um passo à frente. Só o que tinham de fazer era se beijar e fazer as pazes, e tudo voltaria ao normal de novo. Como nos velhos tempos.

Mas Blair partiu, largando o cigarro nos pés de Nate, o rabo-de-cavalo castanho balançando entre as omoplatas enquanto ia para as portas de correr envidraçadas que levavam ao deque. Era quase meia-noite e tinha outra coisa melhor para fazer do que beijar outro mané.

s ganha uma serenata

Serena tinha dançado tanto que se sentia como se tivesse corrido uma maratona. A boca estava seca, as pernas doíam e os braços pendiam frouxamente do lado. Alguém tinha cuspidado bebida em seu cabelo, mas ela não ligou. Tinha uma bunda bonitinha se sacudindo bem perto da dela, e a bunda usava uma calça verde-oliva e pertencia a uma gracinha de trancinhas curtas e escuras.

- Sete! Seis! Cinco!

Aaron pegou a mão de Serena.

- Vamos lá pra fora! – gritou ele, puxando-a pela sala para as portas de vidro.

- Serena! – gritou uma voz, detendo-os no meio do caminho.

Serena se virou, os olhos azuis arregalados de descrença. Era Flow, saindo do elevador, usando um casaco de camurça caramelo e segurando o estojo da guitarra. Havia círculos em volta de seus olhos e o cabelo preto crespo estava meio achatado do lado por causa da longa viagem de avião de Los Angeles, mas ele ainda estava lindo. As garotas na festa pararam e encararam, e o mesmo fez a maioria dos garotos.

- Oi – Serena deu um sorriso rápido a ele.

Flow respirou Serena como se fosse uma lufada de ar fresco. Com o top, o short curto e

os pés descalços, ela parecia uma deusa de seus sonhos mais loucos. Ele se ajoelhou e abriu o estojo da guitarra.

- Escrevi uma música para você quando estava vindo para cá.

Serena largou a mão de Aaron e cruzou os braços. Não queria ser grosseira, mas até onde Flow iria antes de *desistir e ir para casa*?

Ao lado dela, Aaron enfiou as mãos nos bolsos. Ele não se importava de ouvir o que Flow ia tocar. Nem ninguém mais no salão.

- Chamei de *My Kandy Girl* – murmurou Flow baixinho. Ele passou a guitarra pelo ombro, tocou alguns acordes e depois fechou bem os olhos enquanto começava a cantar.

Você roubou meu coração, agora eu pago a multa

Você me esvaziou, me deixou louco e seco

Meu amor é como chocolate, derrete na sua mão

Se provasse dele, você entenderia

Eca. Mas, lembre-se, ele tinha *aquela cara*.

Provavelmente era a pior música que ele tinha composto, mas os convidados da festa ainda enxameavam em volta de Flow, hipnotizados pela música e pela beleza dele. Todas as garotas esperavam que ele as notasse e improvisasse uma música para elas ali, e todos os caras pensavam que, se saíssem com Flow, certamente iam se dar bem esta noite.

Serena ficou tentada a atirar um dólar no estojo da guitarra de Flow, mas ela provavelmente já o havia magoado – não tinha de insultá-lo ainda por cima.

- Vamos – sussurrou ela a Aaron, voltando à multidão e pegando a mão dele. – Vamos lá para fora.

Blair não ficou surpresa quando Chuck Bass a encontrou parada no deque, comendo azeitonas furiosamente, fumando, engolindo Veuve Clicquot e congelando a bunda. Faltava pouco para a meia-noite e, conhecendo Chuck, ele procurava por alguém para fazer um boquete nele enquanto os fogos disparavam.

- Feliz Ano-novo, Blair – ele foi direto para ela e lhe deu um beijo nos lábios. Tinha gosto de azeitona, mas ele pareceu não se importar.

Blair se afastou e cuspiu no chão.

- É melhor que seja.

Chuck pôs o braço em volta dela e deslizou lentamente a mão pelas costas de Blair até chegar à bunda.

- Sabe qual é a melhor maneira de entrar no Ano-novo?

Ela se afastou e apontou pelas portas de vidro para Kati e Isabel, perto de uma mesinha, de mãos dadas e fazendo a contagem regressiva.

- Aquelas duas sempre foram totalmente apaixonadas por você – declarou Blair, tentando manter a cara séria. – Se quer “entrar no ano-novo” com alguém, por que não pede a elas?

Chuck riu para ela.

- É mesmo?

Ela assentiu.

- Vá em frente, eu... – Mas, antes que conseguisse terminar a frase, Chuck tinha

mergulhado para dentro e agarrava as duas meninas num abraço.

- Quatro! Três! Dois!

v e d têm seu próprio espetáculo

Às 11:45, os corredores tinham começado o lento percurso pelo parque. Vanessa correu ao lado deles com a câmera de vídeo, tentando capturar a mistura de determinação, dor e exaltação no rosto deles. Estavam ao ar livre, correndo e fazia um frio de congelar! Era o fim de um ano e o começo de outro – talvez o começo de uma nova era!

Embora eles corressem tão lentamente que ela podia acompanhá-los com facilidade, Vanessa tinha deixado a bolsa da câmera na neve lá atrás e suas botas de combate estavam lhe dando calos, então ela decidiu voltar à linha de largada, imaginando que os pegaria na chegada.

Dan e Ken Mogul ainda estavam esperando por ela no banco.

- Fui indicado para algumas coisas – dizia Ken. – Mas jamais ganhei nada. Talvez trabalhar com Vanessa mude isso. – Ele estava monologando desde que Dan se sentara ao lado dele.

Dan não se importou. Seu bloco estava aberto no colo e ele olhava fixamente para o halo de luz na neve produzido por um poste, procurando pelas palavras exatas para descrever o modo como os flocos de neve passavam pela luz, tão lentamente que não pareciam estar caindo, mas flutuando.

De repente Vanessa apareceu no halo de luz, as bochechas vermelhas de correr e os enormes olhos castanhos brilhando. Ela sorriu com a visão ridícula de Dan e um cara mais velho com uma parca de esqui sentados juntos em um banco, com um centímetro de neve fresca nos ombros. Os olhos castanhos e comoventes de Dan olharam para ela de sob o gorro branco. Ele não parecia irritado. Meu Deus, ela estava feliz por vê-lo.

- Há quanto tempo está sentado aí?

O cara com a parca de esqui se levantou.

- O bastante para ver que você definitivamente é a próxima grande sensação do cinema. Vanessa riu novamente. Esse cara estava falando sério?

Ele se aproximou e entregou-lhe um cartão. *Ken Mogul, cineasta*, era o que dizia.

- Estou indo ao Brasil para filmar umas crianças prostitutas no Rio – explicou Ken. – Mas espero que você me ligue para que a gente possa fazer alguma coisa. Eu realmente podia usar você.

Vanessa foi até a bolsa e guardou a câmera. Sempre admirou o trabalho de Ken Mogul, mas não tinha certeza se queria ser “usada” por algum diretor, independentemente de sua fama. Ela queria fazer filmes sozinha.

- Vai me ligar? – insistiu Ken.

- Com licença – ela ouviu Dan dizer baixinho atrás deles.

Ken se virou.

- Esse cara estava esperando para falar com você quase tanto tempo quanto eu. Quem é você afinal, cara?

Dan se levantou, deixando o bloco cair na neve. Ele foi até Vanessa, pegou-a e passou os braços em volta dela.

- O namorado dela – disse ele a Ken Mogul por sobre o ombro. E depois ele a beijou com a máxima intensidade que pôde, com medo de que, se não fosse humilde o bastante, ela não o levasse a sério. Ele era o namorado dela, pelo amor de Deus! E ele estava zangado

com ela, orgulhoso dela e orgulhoso de si mesmo por beijá-la e terminar essa zanga de uma vez por todas.

Vanessa o beijou com a mesma intensidade. Que se fodesse Ken Mogul, o cineasta. O filme que estava fazendo era muito mais legal do que qualquer filme que ele tinha feito. Além disso, ela não queria falar de carreira agora, de qualquer forma. Estava ocupada demais beijando Dan, seu namorado.

Enquanto eles se beijavam, os fogos começaram a iluminar o céu. Era meio que um clichê que podia estragar um filme ou um poema, mas era bem melhor que um filme e bem melhor que um poema. Era a realidade.

j despreza um famoso astro do rock

Na última nota da música, Flow abriu os olhos e viu que Serena tinha ido embora. O relógio bateu a meia-noite e todos começaram a se abraçar, a se beijar e a atirar para o alto os chapéus de papel da festa, ignorando-o completamente, o que era a primeiríssima vez que isso acontecia na vida dele.

Algumas pessoas atiraram notas de cem dólares no estojo de sua guitarra só para sacaneá-lo. Ele as pegou e as jogou no chão antes de guardar a guitarra e fechar o estojo com um baque. Depois, deu meia-volta para pegar o elevador assim que as portas estavam se fechando, prendendo o estojo nas portas até que elas se abrissem novamente.

Uma garota baixinha de cabelos crespos com um peito extraordinariamente grande estava apoiada na parede de trás do elevador.

- Oi – Flow deu seu famoso sorriso de tímido enquanto entrava.

A garota não disse nada. Parecia que tinha andado chorando.

- Vai para o centro? – perguntou Flow. – Meu carro está esperando lá fora. Eu posso te pagar uma bebida, ou algo assim.

Jenny não tirava os olhos do chão. Flow, Nate, eram todos iguais. Só porque ele era famoso e gostoso não queria dizer que ela devia conversar com ele, não é?

Não, certamente não é.

As portas do elevador se abriram.

- Fui – respondeu ela.

Ela passou pelas portas giratórias do prédio e chegou à calçada para chamar um táxi. Era Ano-novo em Nova York e toda a cidade era uma festa só, mas Jenny estava indo para casa, e seguiria o conselho do pai pelo menos uma vez na vida, aninhar-se na cama com um bom livro.

Assim que Serena e Aaron foram para fora, os fogos explodiram no céu em volta deles. Estava congelando e só havia algumas pessoas no deque. Todos os outros estavam dentro do loft, despejando champanha na cabeça da galera e rebolando a bunda enquanto o DJ mandava a música ainda mais alto do que antes.

Enquanto olhava a paisagem psicodélica, Serena teve aquela sensação novamente – a sensação que adorava -, quando não tinha certeza do que ia acontecer, mas sabia que seria uma coisa boa. Talvez a melhor até agora.

- Olhe – ela apontou enquanto as fagulhas azuis de enormes fogos de artifício começaram a zunir no céu e depois explodiram em minifogos sobre o East River.

Aaron acendeu um cigarro natural. Só estava de camiseta, mas não sentia frio.

- Antigamente eu não gostava dos fogos – disse ele, soprando a fumaça no ar. – Eu achava que eram barulhentos, ruins para o ambiente e um desperdício de dinheiro.

- Mas agora gosta, né? – perguntou Serena, virando-se para olhá-lo. Ela pegara emprestado um casaco de pele de ovelha de alguém em uma cadeira, mas os pés ainda estavam descalços, e ela e Aaron eram mesmo da mesma altura.

Aaron assentiu.

- Eu adoro.

- Eu também – sussurrou Serena. Todo o corpo tremia e ela não tinha certeza se era do frio ou porque eles estavam prestes a se beijar.

Aaron pegou a mão dela.

- Está bem aquecida?

- Estou.

Seus lábios vermelho-escuros se curvaram nos cantos.

- Só vamos beijar quando os fogos acabarem, ta legal?

- Ta – disse Serena, surpresa. E não havia nada que ela gostasse mais do que ser surpreendida. Na Times Square, um novo crescendo de fogos tinha acabado de começar.

– Mas acho que talvez eu não consiga esperar.

Agora que o beija-flor tinha encontrado uma flor em que queria grudar por algum tempo, só o que ele ia fazer era pousar.

- Por que não beija agora? Você pode beijar outra pessoa mais tarde – disse uma menina atrás deles.

Era Blair, parada a pouca distância embrulhada no casaco azul-celeste Marc Jacobs, mas ainda tremendo de frio.

- Feliz Ano-novo – ela se aproximou de Aaron e o beijou no rosto.

Aaron a abraçou. Um abraço normal, legal, de irmão.

- Feliz Ano-novo, irmãzinha.

Blair se afastou dele para abraçar Serena.

- Feliz Ano-novo! – gritaram as duas, apertando o rosto no cabelo da outra. Era loucura pensar que elas queriam se matar na maior parte do ano. Agora uma não sabia o que fazer sem a outra.

- Tudo bem – Blair se afastou. – Agora vocês podem se beijar.

Deixando-os decidir se iam em frente e se beijavam logo ou não, ela foi para o fim do deque e olhou para o rio Hudson e para o porto. Observou os fogos explodirem sobre a Estátua da Liberdade e sumirem na profunda água escura.

A penúltima cena de seu roteiro terminava com um beijo. Agora só o que restava escrever era a última cena, o fim.

Não ia realmente terminar, concluiu ela agora. Não com algum tipo de finalidade. As melhores histórias nunca terminavam. Talvez ela só cortasse para a manhã seguinte.

Audrey teria uma conversinha engraçada com o cara da delicatessen onde ela comprou um café. Depois ela riria sozinha, tomaria um gole do café e sairia para a rua, deixando todo mundo conjeturando.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Tudo bem, então eu definitivamente realizei meu desejo de ter um ano-novo transformador. Acho que quase todo mundo que foi àquela festa loucamente maravilhosa também. Quer dizer, quantos de vocês realmente acreditavam que **Flow** apareceria? Pior para ele, a festa ficou ainda melhor *depois* que ele foi embora.

Seu e-mail

P: Oi, GG,

Ouvi dizer que toda a festa foi paga com o dinheiro das drogas de **S**. Eu não fui, mas como ela teria conseguido aquele DJ?

- underworld

R: Caro underworld,

S tem dinheiro suficiente para não precisar da grana das drogas para dar uma festa de arrasar. Além disso, se não estava lá, por que está falando disso?

- GG

P: Cara GG,

Acho que dancei com você no Ano-novo. Você é loura, de cabelo comprido e tem um corpão?

- CliffS

R: Oi CliffS,

Talvez. É só o que eu vou dizer.

- GG

Flagra

Amanhecer do primeiro dia do ano: **C** dormindo com os braços em volta de **K** e **I** em um sofá no lobby do **Tribeca Star Hotel**. Imagino que não tenham ido para a suíte da família. **N** dando tragos no cachimbo com os amigos no **Union Square Park**. Não há uma maneira melhor de terminar a noite do jeito que a gente começou. **V** e **D** de mãos dadas na **Strand**. Só aqueles dois para virar o ano numa livraria. **S** e **A** tomando o café da manhã no **Florent**, parecendo cansados mas felizes. **B** comprando uma enorme caneca de café em uma deli da **Madison Avenue** antes de correr para seu prédio. E **J** queimando calcinhas numa lixeira de metal na **West End Avenue** enquanto tentava aprender a fumar sozinha. Agora que ela estressou de vez, deve estar escolada.

ALGUMAS PERGUNTAS INSISTENTES

Será que **B** vai perder a coisa? E, se perder, *com quem?*

Será que **N** vai se redimir, mesmo que a gente vá adorar que não se redima?

S vai sossegar e grudar em **A** por mais de um dia?

D estará pronto para transar com **V**, agora que é um poeta publicado?

J vai encontrar o verdadeiro amor?

Será que algum de nós vai superar a ressaca a tempo de terminar as propostas para as universidades?

E, mais importante, quem de nós vai entrar, afinal?

Não que eu esteja muito preocupada. No semestre que vem eu estarei numa festa depois da outra, e estou planejando curtir sozinha.

Até mais.

Pra você que me ama,
gossip girl

FIM

Créditos: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34725232>

Editado para PDF por Dallas Diego